

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

Pós-graduação em Estudos Lingüísticos

Maria Juliana Horta Soares

**ASPECTOS INTRA E INTERDISCURSIVOS DE UM JORNAL:
ANÁLISE DE NOTÍCIAS SOBRE TRANSPORTE E TRÂNSITO
NO *ESTADO DE MINAS* (1955-1956 E 2005-2006)**

Belo Horizonte

2008

Maria Juliana Horta Soares

**ASPECTOS INTRA E INTERDISCURSIVOS DE UM JORNAL:
ANÁLISE DE NOTÍCIAS SOBRE TRANSPORTE E TRÂNSITO
NO *ESTADO DE MINAS* (1955-1956 E 2005-2006)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2008

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Antônio Augusto Moreira de Faria, meu exemplo de sabedoria, competência e bom humor desde os tempos de graduação;

À minha mãe, primeira professora que conheci, de formação e vocação, e ao meu pai e irmãos, companheiros do dia-a-dia;

Ao Raphael, pelo constante incentivo;

Aos mestres e colegas da Letras, pelo aprendizado.

As palavras, se o não sabe, movem-se muito, mudam de um dia para o outro, são instáveis como sombras, sombras elas mesmas, que tanto estão como deixaram de estar, bolas de sabão, conchas de que mal se sente a respiração, troncos cortados. (SARAMAGO)

Resumo

Quais as principais mudanças ocorridas no discurso jornalístico brasileiro nos últimos 50 anos? Essa questão foi o ponto de partida para o trabalho em que analisamos as diferenças entre os anos 1955-1956 e 2005-2006 no discurso do jornal *Estado de Minas*. A temática escolhida, transporte e trânsito, ocupa espaço central nas sociedades contemporâneas e aparece diariamente nas páginas do *Estado de Minas* nas duas épocas. Entre os aspectos selecionados para a análise estão os sintáticos, como uso dos tempos verbais e do discurso relatado ou citado, e os semânticos, como os percursos temáticos ou figurativos e as estratégias discursivas de persuasão. Entre as principais estratégias, estudamos algumas intradiscursivas (seleção lexical e de personagens), outras interdiscursivas (silenciamento) e, ainda, estratégias simultaneamente intra e interdiscursivas (relação entre explícitos e implícitos), para, por fim, estudar outros aspectos relativos à captação de leitores por parte do jornal e à credibilidade das notícias junto ao público.

Résumé

Quels sont les principaux changements dans le discours journalistique brésilien au cours de 50 années? Cette question a été le point de départ pour le travail dans lequel nous analysons les différences dans le discours du journal *Estado de Minas* dans les années 1955-1956 et 2005-2006. Le thème choisi, le transport et la circulation, occupe une place très importante dans les périodes sélectionnés. Parmi les questions retenues par l'analyse, on peut trouver des aspects syntaxiques, tels que l'utilisation des verbes, du discours direct et du discours rapporté, en ce qui concerne la sémantique, tels que les parcours thématiques ou figuratives et les stratégies de persuasion. Parmi les principales stratégies, on a étudié quelques-unes intradiscursives (par exemple: la sélection lexicale et les personnages), d'autres interdiscursives (le silence) et encore des stratégies en même-temps intra et interdiscursives (des rapports entre les aspects explicites et implicites), pour en dernière analyse, étudier d'autres aspects relatifs à la captation des lecteurs, et à la crédibilité des nouvelles auprès du public.

Sumário

| | | |
|---|----|----|
| Resumo / Résumé | VI | |
| 1. Introdução | | |
| 1.1. Considerações iniciais | 11 | |
| 1.2. Objetivos | | |
| 1.2.1. Objetivo Geral | 15 | |
| 1.2.2. Objetivos Específicos | 15 | |
| 1.3. Justificativa | | |
| 1.3.1. A Temática | 16 | |
| 1.3.2. O discurso jornalístico não se limita à dimensão mercadológica | 17 | |
| 1.4. Fundamentação Teórica | | |
| 1.4.1. Discurso e Ideologia | 21 | |
| 1.4.2. Intradiscurso e interdiscurso | 23 | |
| 1.4.3. Estratégias discursivas de persuasão ideológica | 26 | |
| 1.4.4. Reflexo e refração | 29 | |
| 1.4.5. Outros aspectos da produção jornalística | 34 | |
| 1.4.6. Transação, transformação, captação e informação | 37 | |
| 1.5. Metodologia | 43 | |
| 2. Aspectos intra e interdiscursivos do <i>EM</i> na década de 50 | | 45 |
| 2.1. Aspectos relacionados à semântica discursiva | | 45 |
| 2.1.1. Percursos semânticos | 45 | |
| 2.1.2. Estratégias de persuasão | 47 | |
| 2.1.2.1. Aspectos intradiscursivos: seleção lexical e de personagens | | |

| | |
|--|-----|
| 2.1.2.1.a. Meios de transporte | 48 |
| 2.1.2.1.b. Obras | 55 |
| 2.1.2.1.c. Custos, tarifas, preços | 59 |
| 2.1.2.1.d. Política, legislação | 62 |
| 2.1.2.1.e. Reivindicações, greves, outras manifestações | 67 |
| 2.1.2.1.f. Queixas, denúncias | 70 |
| 2.1.2.1.g. Acidentes | 73 |
| 2.1.2.1.h. Combustível | 77 |
| 2.1.2.2. Aspecto interdiscursivo: silenciamento | 80 |
| 2.1.2.3. Aspectos simultaneamente intra e interdiscursivos: relação entre explícitos e implícitos | 82 |
| 2.1.3 Aspecto interdiscursivo: oposições | 85 |
| 2.1.3.1. Oposição /progresso/ x /atraso/ | 85 |
| 2.1.3.2. Oposição /mais poderosos/ x /menos poderosos/ | 88 |
| 2.1.3.3. Oposição /denúncia/ x /conformismo/ | 89 |
| 2.1.4 Credibilidade e captação | 90 |
| 2.2. Aspectos da sintaxe discursiva | 92 |
| 2.2.1. Tempos verbais..... | 92 |
| 2.2.2. Discurso relatado e discurso citado..... | 95 |
| 2.2.3. Diagramação: a organização formal de temas e figuras semânticas | 96 |
| 3. Aspectos intra e interdiscursivos do <i>EM</i> nos anos de 2005 e 2006 | 101 |
| 3.1. Aspectos relacionados à semântica discursiva | 101 |
| 3.1.1. Percursos semânticos | 101 |
| 3.1.2. Estratégias de persuasão | 102 |
| 3.1.2.1. Aspectos intradiscursivos: seleção lexical e de personagens | 103 |

| | |
|--|-----|
| 3.1.2.1.a. Meios de transporte | 104 |
| 3.1.2.1.b. Obras | 111 |
| 3.1.2.1.c. Custos, tarifas, preços | 116 |
| 3.1.2.1.d. Política, legislação | 122 |
| 3.1.2.1.e. Reivindicações, greves, outras manifestações | 127 |
| 3.1.2.1.f. Queixas, denúncias | 133 |
| 3.1.2.1.g. Acidentes | 140 |
| 3.1.2.1.h. Combustível | 145 |
| 3.1.2.1.i. Outros aspectos | 147 |
| 3.1.2.2. Aspecto interdiscursivo: silenciamento | 151 |
| 3.1.2.3. Aspectos tanto intra quanto interdiscursivos: relação entre explícitos e implícitos | 153 |
| 3.2.3. Aspecto interdiscursivo: oposições interdiscursivas | |
| 3.1.3.1. Oposição /progresso/ x /atraso/ | 154 |
| 3.1.3.2. Oposição /mais poderosos/ x /menos poderosos/ | 157 |
| 3.1.3.3. Oposição /denúncia/ x /conformismo/ | 158 |
| 3.2.4 Credibilidade e captação | 159 |
| 3.2. Aspectos da sintaxe discursiva | 162 |
| 3.2.1. Tempos verbais..... | 162 |
| 3.2.2. Discurso relatado e discurso citado..... | 164 |
| 3.2.3. Diagramação: a organização formal de temas e figuras semânticas..... | 165 |
| 4. Conclusões | 170 |
| 4.1. Aspectos da semântica discursiva | 170 |
| 4.1.1. Percursos semânticos | 171 |
| 4.1.2. Seleção de personagens e seleção lexical | 173 |

| | |
|--|-----|
| 4.1.3. Silenciamento | 176 |
| 4.1.4. Explícitos x implícitos | 177 |
| 4.1.5. Oposições | 178 |
| 4.1.6. Credibilidade e captação | 181 |
| 4.2. Aspectos da sintaxe discursiva | |
| 4.2.1 Tempos verbais..... | 183 |
| 4.2.2. Discurso relatado e discurso citado..... | 184 |
| 4.2.3. Diagramação: a organização formal de temas e figuras semânticas | 185 |
| 4.3. Considerações finais | 186 |
| | |
| 5. Referências Bibliográficas | 190 |
| | |
| 6. Anexos | 193 |

1. Introdução

1.1. Considerações iniciais

A presente dissertação insere-se no projeto de pesquisa do Núcleo de Análise do Discurso da Faculdade de Letras da UFMG *Análise do Discurso: Gêneros, Comunicação e Sociedade*. O Projeto, desenvolvido de 2005 a 2008 e coordenado pela Profa. Ida Lúcia Machado, tem como objetivo geral “verificar o alcance efetivo da Análise do Discurso na compreensão dos discursos mantidos/criados/modificados na sociedade” (MACHADO,2004:16). Nossa proposta enquadra-se no *Subprojeto 3 (Discurso em Comunicação)*, já que analisa o discurso jornalístico.

A análise do jornal pelo viés da AD interessa-nos por dois motivos principais. O primeiro deles refere-se à desmistificação da notícia e de sua aparente objetividade. Ao fazer uma análise cuidadosa do discurso jornalístico, o que a AD propicia, torna-se possível apontar as estratégias usadas por um jornal em suas notícias para convencer e conquistar os leitores, o que corrobora a idéia de que a notícia, como qualquer outro discurso, busca persuadir e conquistar, não apenas informar. Assim, em vez de simplesmente repetir que notícias não se igualam a acontecimentos, ao analisá-las usando categorias lingüísticas, como, por exemplo, seleção de personagens, seleção lexical, entre outras, podemos mostrar como o jornalismo trata os acontecimentos/fatos. À negação da objetividade jornalística estão ligados ainda os conceitos bakhtinianos de reflexo e refração, que caracterizam qualquer discurso, e os conceitos de transformação, transação, credibilidade e captação. Esses últimos, tratados por Patrick Charaudeau como uma especificidade do discurso das mídias, mostram que o jornalista e sua empresa preocupam-se com vários outros fatores além de noticiar algo (por exemplo, a vendagem do jornal). Todos esses conceitos serão melhor elucidados na seção 1.4 deste capítulo

(Fundamentação Teórica).

Outra contribuição da análise lingüística de discursos jornalísticos é o enfoque na relação entre o produto e o processo discursivo. Apesar de para os lingüistas já ter se tornado bem freqüente o estudo de textos noticiosos, as escolas de comunicação ainda tendem a trabalhar mais com teorias que estudam questões relativas à recepção ou à produção. O produto costuma ficar de lado, e mostrar que o produto jornal traz marcas do processo que o produziu, marcas essas intimamente ligadas aos efeitos que se pretende provocar no leitor, é bastante útil para entendermos melhor o funcionamento do discurso jornalístico.

Cabe ressaltar também que meu interesse particular em aproximar jornalismo e Análise do Discurso surgiu (e foi sendo amadurecido) ao longo da graduação em jornalismo, no Centro Universitário de Belo Horizonte – Uni-BH, simultaneamente à graduação em Português, na Faculdade de Letras da UFMG. A oportunidade de estudar ao mesmo tempo disciplinas relativas à Análise do Discurso na FALE e a produção jornalística e teorias ligadas a esse campo no Uni-BH aguçou minha vontade de entender mais a fundo como funciona e como é produzido o discurso jornalístico.

Foi daí que veio a proposta de analisar notícias, na monografia de conclusão de curso no Uni-BH, à luz da Análise do Discurso e da Teoria da Comunicação. No estudo, nomeado *VERSÕES DE UM FATO: um estudo sobre a diferença de cobertura do atentado contra a ONU, em agosto de 2003, nas revistas Época, Isto É e Veja* (SOARES,2004), foram comparadas as coberturas dos três veículos com o objetivo de compreender suas diferenças a partir da análise de seleção lexical, fontes, títulos, metáforas e adjetivações, entre outros aspectos, em cada uma das reportagens.

Apesar de o corpus ter sido restrito, não possibilitando, pois, conclusões para os veículos, e sim para as matérias analisadas, foi possível perceber os efeitos causados pelas escolhas feitas por cada uma das três revistas. Na cobertura do atentado que matou o

diplomata Sérgio Vieira de Mello, desde o título é possível notar que os três veículos se diferenciam, construindo discursos bastante distintos. Podemos afirmar, sem receio, que cada veículo se destaca por determinada(s) característica(s), e são justamente essa(s) característica(s) que fazem com que sejam apresentadas versões diferentes de um mesmo fato. Não resta dúvida: por mais que os próprios veículos digam o contrário, as notícias que trazem não podem de forma alguma ser vistas apenas como registros de acontecimentos, e sim como parcelas do discurso do veículo em que estão inseridas.

A monografia motivou-me ainda mais a estudar o discurso jornalístico. Como a chance de aprofundamento foi maior na Teoria da Comunicação (já que o trabalho foi apresentado como conclusão do curso de jornalismo), restou o interesse em pensar mais minuciosamente o discurso jornalístico pelo viés da AD.

Optamos, nesta nova pesquisa, por comparar textos jornalísticos, porém, desta vez, de um mesmo veículo. Escolhemos como base para nossa comparação o jornal *Estado de Minas* em duas épocas distintas e relativamente distantes uma da outra: 1955-1956 e 2005-2006 (primeiro semestre de cada um dos anos). A escolha de tal período deve-se ao interesse em analisar notícias contemporâneas e compará-las a notícias mais antigas, no intervalo de 50 anos. Já o assunto foi escolhido em função de pesquisa desenvolvida pelo Prof. Antônio Augusto Moreira de Faria, dentro do Projeto mencionado no primeiro parágrafo, em conjunto com o Prof. Dimas Alberto Gazolla Palhares (UFMG, Escola de Engenharia, Departamento de Engenharia de Transportes), cujo assunto principal é o discurso jornalístico sobre transporte e trânsito, da qual faço parte. Cabe ainda ressaltar que o *Estado de Minas (EM)* é o jornal referência¹ de maior circulação em MG, o que faz supor que tenha importante papel na construção da memória e da opinião dos leitores.

¹ O jornalismo padrão ou referência diferencia-se do jornalismo popular por formato (diagramação, fotografias, ilustrações etc.) e teor das publicações (temáticas, principais percursos semânticos etc.).

Nesta análise, nos concentraremos nos principais aspectos semânticos e sintáticos do discurso, tanto intra quanto interdiscursivamente. O interesse em tais aspectos decorre de compartilharmos da afirmação de Fiorin (FIORIN,2001:17-18) de que qualquer discurso estrutura-se a partir de uma sintaxe e uma semântica discursivas, sendo que a primeira compreende os processos de estruturação formal e a segunda compreende não a estrutura, mas o conteúdo (personagens e temas, por exemplo). A partir dessas categorias mais abrangentes, procuraremos destacar as estratégias de persuasão empregadas pelo jornal nas matérias, o que nos interessa para explicar melhor como as notícias procuram captar leitores, tentam seduzi-los e ganhar sua confiança, tanto há 50 anos quanto na atualidade.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral: o objetivo central de nossa pesquisa é apontar as principais diferenças intra e interdiscursivas entre os dois grupos de notícias, para entender melhor o discurso do jornal nos dois momentos. Para isso, focalizaremos os aspectos semânticos e sintáticos detalhados abaixo.

1.2.2. Objetivos Específicos

I. Identificar os principais aspectos da sintaxe discursiva (tempos verbais, escolha do discurso direto ou indireto etc.).

II. Identificar os principais aspectos relacionados à semântica discursiva:

a) principais percursos semânticos intradiscursivos;

b) principais estratégias de persuasão, a saber: seleção lexical e seleção de personagens (aspectos intradiscursivos), relação entre explícitos e implícitos (aspecto intra e interdiscursivo) e silenciamento (aspecto interdiscursivo);

c) principais oposições interdiscursivas.

III. Após a identificação das estratégias persuasivas, relacioná-las às visadas de captação e credibilidade.

1.3. Justificativa

1.3.1. A temática

Não é novidade para os estudos sobre o discurso jornalístico o fato de a estrutura das notícias ter mudado bastante ao longo dos anos. No entanto, apesar de vários estudos e teorias analisarem as estruturas do discurso da mídia, pouco se leva em conta aspectos envolvendo a produção do discurso.

Nossa dissertação se propõe analisar o noticiamento da temática transporte e trânsito, para entender melhor as mudanças ocorridas na produção do discurso jornalístico e nas estruturas das notícias das duas épocas. Propomo-nos a estudar como é construído o discurso jornalístico, pensando tanto no sujeito que o produz, o que inclui as estratégias discursivas por ele utilizadas e os efeitos por elas produzidos, quanto no próprio produto (que nos dará indícios necessários para as questões anteriores).

O problema por nós levantado, portanto, é: quais foram as mudanças na produção do discurso jornalístico que acabaram por causar grandes diferenças na forma (estrutura) da notícia/matéria e em seu sentido? Tais aspectos serão percebidos a partir do levantamento das principais diferenças de aspectos intradiscursivos (textuais) e interdiscursivos (relação entre textos/discursos) entre os dois blocos de notícias.

A escolha da temática deve-se, principalmente, à importância que o assunto tem nas sociedades modernas, o que é comprovado pelo destaque que merece na mídia. Todos os grandes jornais brasileiros, incluindo o *EM*, têm hoje um caderno específico para tratar sobre transporte e trânsito. No *EM* esse caderno chama-se “Veículos” e trata não só de aspectos ligados ao consumo (modelos novos, compra, venda etc.), mas de temas como segurança (“Campanha alerta pais”, de 04/02/2005), legislação (“Quando o contra é a favor”, de 25/01/2005, discutindo o uso do bafômetro), comportamento (“Cuidado para

não explodir”, orientando motoristas sobre sintomas do estresse, em 01/02/2005), acidentes, economia (“Dicas que pesam no bolso”, de 16/01/2005), entre outros. Em outras editorias do *EM* como “Gerais”, “Economia”, “Bem-Viver” (saúde) ou “Política”, o assunto também é recorrente, trazendo matérias ligadas a acidentes (“Seis mortos nas estradas”, de 09/05/2005), obras, saúde (“Danos por excesso de ruído”, de 15/5/2006), fiscalização (“Feriado sem abuso nas estradas”, de 23/02/2006), multas (“Liminar livra 5 mil de multas em Minas”, de 30/05/2006) etc. Retiramos os exemplos de jornais da atualidade por ser mais fácil identificar esses temas, que estão mais bem distribuídos por o jornal ser hoje dividido em Editorias e cadernos, o que não acontecia na década de 50. Mas isso não quer dizer que o tema também não estava todos os dias nas páginas dos jornais dessa época. Apesar da maior dificuldade de localização, já que a separação se dava, geralmente, apenas entre primeiro e segundo cadernos, ao longo do primeiro semestre de 1955 encontramos quase 600 matérias sobre a temática transporte e trânsito nas páginas do *EM*.

Nos primeiros semestres de 1955 e de 2005, o número manteve-se alto: quase 500 no ano de 1955 e mais de 700 notícias em 2005 trazendo o assunto (só em janeiro/2005 são 83). Todos esses números mostram a importância do assunto não só em nossa sociedade como também no jornalismo (mais especificamente no *EM*), já que se trata de uma fonte recorrente de material para o jornal.

À importância social e jornalística da temática por nós escolhida soma-se ainda a importância lingüística que a análise de discursos jornalísticos pode trazer, como já começamos a apontar na *seção 1.1* acima. Se por um lado tal temática se faz importante na vida moderna, o que podemos perceber pelo número de matérias publicadas envolvendo transporte e trânsito, por outro podemos mostrar, através dos aspectos lingüísticos por nós escolhidos, que o jornal não apenas transpõe os fatos para suas páginas, e sim os transforma. No processo de produção de uma notícia, o jornal usa o fato como matéria

bruta, mas a ele somam-se a visão de mundo, os interesses em divulgar a matéria, os aspectos ressaltados e os omitidos, entre outros.

Na notícia “A colaboração do DNER recusada em Porto Firme”, de 03/03/1956, podemos perceber claramente como o *EM* se posiciona a favor do DNER e contrário ao prefeito de Porto Firme ao noticiar que ele recusara a ajuda do órgão público. O jornal parte do seguinte acontecimento: “O prefeito exigiu a retirada de uma máquina que seria usada no reparo de estradas”. A escolha de “exigiu” já mostra que o *EM*, desde o começo da matéria, coloca o prefeito como intransigente. Desde a primeira frase, portanto, o jornal adota uma postura que não se enquadra apenas na categoria de relato, mas de posicionamento. A notícia continua: “Fato realmente estranho acaba de ocorrer na cidade de Porto Firme. O Departamento de Estradas de Rodagem (...) determinou o envio de uma moto-niveladora (...) O ofício salienta caber ao prefeito ‘afastar os intrusos’.” Além de intransigente, o prefeito é tido pelo jornal como psicologicamente instável (o que pode ser comprovado pelas expressões “fato estranho” e “afastar os intrusos”). O *EM* não dá voz ao prefeito para saber seus motivos, nem mesmo relata o que diz o ofício em sua íntegra. E se o DNER passou por cima de sua autoridade? E se a ajuda havia sido pedida há mais tempo e negada, o que enfureceu o prefeito? O leitor só fica sabendo dos fatos pelo lado do DNER.

Assim, estudar as notícias envolvendo transporte e trânsito é válido não só pela importância da temática. A oportunidade de mostrar como o jornal manipula informações em busca de convencer seu interlocutor deve, sem dúvida, ser levada em conta. É através dos aspectos lingüísticos (intradiscursivos) e das relações entre o que é defendido no discurso do *EM* e o que é defendido por outros discursos (aspectos interdiscursivos) que podemos perceber com mais clareza o posicionamento desse veículo jornalístico.

1.3.2. O discurso jornalístico não se limita à dimensão mercadológica

Muitos dos estudos que buscam explicar por que a estrutura da notícia foi modificada ao longo dos anos atêm-se ao plano mercadológico, supondo que a mudança ocorreu em função da necessidade de vender cada vez mais jornais e em função da crescente concorrência. A explicação não deixa de ser verdadeira, mas será a única explicação plausível? Será que a mudança da forma (e do sentido) das notícias não é também decorrente de outros fatores além da finalidade de vender mais?

Como Charaudeau (2006), acreditamos que as mídias não vivem apenas de uma lógica comercial, mas também se constituem em uma maneira própria de construção da realidade:

(...) por que analisar o discurso midiático, se as mídias parecem viver uma lógica comercial onde só haveria lugar para estudos econômicos, tecnológicos ou de *marketing*? (...) É claro que a resposta é negativa para quem acredita que, para além da economia e da tecnologia, há o simbólico, essa máquina de fazer viver as comunidades sociais, que manifesta a maneira como os indivíduos, seres coletivos, regulam o sentido social ao construir sistemas de valores. (...) estudos como o que ora apresentamos se justificam sob a condição precisamente de não cair na armadilha das falsas aparências. (CHARAUDEAU,2006:17)

O autor atribui à mídia uma dupla lógica: se por um lado há uma evidente dimensão mercadológica, por outro há, como já apontado no trecho acima, uma dimensão simbólica:

(...) pode se dizer que as mídias de informação funcionam segundo uma dupla lógica: uma lógica *econômica* que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca de bens de consumo (os meios tecnológicos acionados para fabricá-lo sendo parte dessa lógica); e uma lógica *simbólica* que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública. (Idem:21)

Um exemplo pode nos ajudar a entender melhor essa dupla lógica. Na matéria “Ladrões assassinam vítima após rendição”, de 04/05/2005, podemos perceber uma dupla função. Por um lado, o jornal presta-se a fazer uma denúncia, como no trecho a seguir, em

que informa o ocorrido: “O funcionário terceirizado da empresa Distribuidora Santa Cruz Medicamentos Luiz Antônio de Oliveira, de 59 anos, morreu durante um roubo de carregamento de remédios e produtos de perfumaria, na madrugada de ontem, na BR-381, em Nova União, região metropolitana de Belo Horizonte.” Já em outros trechos, as escolhas feitas na produção da notícia mostram que a pretensão não é só informar, mas chocar o leitor e arrebatá-lo sua atenção. É o que acontece, por exemplo, no “bigode”² “Assaltantes atacam carga de remédios em Nova União, atiram em funcionários já dominados e os abandonam na capital” (grifos nossos). A escolha dos termos sublinhados tende a produzir um efeito de comoção no leitor e mostrar covardia dos assaltantes. Se, em vez desses termos, o jornalista tivesse usado outros como “roubam”, “rendidos” e “deixam”, o texto seria menos impactante. O “chapéu”³ da matéria é outro exemplo, trazendo a expressão “À queima-roupa”, termo popular que se refere a crimes com armas de fogo cometidos à curta distância.

Vários outros exemplos serviriam para ilustrar esse duplo propósito de notícias, já que todas, sem exceção, possuem essa característica. Alguns títulos já a explicitam logo: “Sabotagem na Leopoldina” (21/06/1956), “Questão de dias o início do serviço de táxis” (13/06/1956), “Motorneiro resgata as emoções do passado” (07/05/2005), “Estradas na mira da justiça” (15/06/2005), “Vida amarga depois do acidente” (31/05/2006), “Em busca do ouro perdido” (15/03/2006), “Caos chega com obras e chuvas” (17/03/2006), “Dez micos no trânsito” (31/05/2006), “Pancadaria entre PM e estudantes” (07/01/2006). Todos esses exemplos estão entre os inúmeros que mostram a necessidade de informar a população e participar da construção de sua opinião, mas também a necessidade de lucrar com o jornal e vender o maior número de exemplares possível.

² Termo jornalístico usado para nomear subtítulos. Também conhecido como “linha-fina” (“Novo Manual da Redação”, *Folha de S. Paulo*, 1996)

³ Palavra ou expressão colocada no alto da página, acima da notícia. Diferencia-se das Editoriais (Política, Esportes etc.) e é usada para indicar o assunto tratado no texto (“Novo Manual da Redação”, *Folha de S. Paulo*, 1996).

1.4. Fundamentação Teórica

1.4.1. Discurso e Ideologia

Antes de ressaltarmos mais alguns conceitos primordiais para o desenvolvimento de nosso trabalho, cabe ressaltar o que entendemos por discurso. Compartilhamos da definição de Fiorin (2001), autor que relaciona o conceito de discurso ao conteúdo e o conceito de texto ao suporte deste conteúdo:

O signo lingüístico é formado por dois componentes: um conceito e um suporte do conceito, que serve para expressá-lo, manifestá-lo, veiculá-lo. Ao conceito chama-se significado ou conteúdo; ao suporte denomina-se significante ou expressão. (...) O discurso pertence ao plano do conteúdo. Ele é manifestado por um plano de expressão. A manifestação é, portanto, o encontro de um plano de conteúdo com um plano de expressão (...). Neste nível surge o texto. Enquanto o discurso pertence exclusivamente ao plano do conteúdo, o texto faz parte do nível da manifestação. (FIORIN,2001:37)

A partir de uma sintaxe e de uma semântica discursivas, um mesmo conteúdo ou idéia pode ser defendido ou refutado, ou enfatizado, inúmeras e inúmeras vezes.

(...) o mesmo discurso pode ser manifestado por diferentes textos e estes podem ser construídos com materiais de expressão diversos. Um conteúdo como ‘negação’ pode ser textualizado por signos verbais, como ‘não’, ‘no’, ‘non’, ou pelo gesto de mover a cabeça de um lado para o outro diversas vezes. (Idem:38)

É o que acontece, por exemplo, no noticiamento de acidentes. Dentro de um mesmo veículo jornalístico, como, no caso de nosso estudo, o *EM*, podemos observar determinados tipos de acontecimento serem noticiados de várias formas distintas. Comparando novamente títulos de matérias, em junho de 2005 encontramos notícias como “Helicóptero cai e dois morrem”, no dia 28, e “Motorista carbonizado na 381”, apenas 2 dias antes. Nos dois casos as vítimas morreram carbonizadas, o que é mostrado no título da matéria do dia 26 e no “bigode” da matéria do dia 28 (“Tripulantes foram carbonizados,

quando aeronave da Marinha bateu em prédio e caiu”). Mas em apenas uma delas a informação da *causa mortis* aparece no título, lugar de maior destaque de uma notícia. Essa escolha nos mostra que a notícia não depende somente do acontecimento que será noticiado, mas de como se pretende noticiar esse acontecimento. Uma possibilidade implícita no caso do acidente com o helicóptero seria o jornal não pretender causar alarde, por ser aquele veículo usado por empresas e pessoas de maior poder aquisitivo, o que não é, na maioria das vezes, o caso de automóveis e seus ocupantes.

Mas como um jornal faz essas escolhas? Como o *EM* decide diariamente de que forma divulgará uma notícia? Fiorin associa os conceitos de formação ideológica e formação discursiva, sendo que o primeiro deve ser entendido “como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo”, enquanto o segundo compreende “um conjunto de temas e figuras que materializa uma dada visão de mundo. (...) Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva impõe o que dizer.” (Idem:32). A maneira com a qual nos relacionamos com tudo que está à nossa volta e o modo como construímos nossas idéias, ou seja, nossa maneira de enxergar o mundo e a ele reagir é construída de acordo com nossa vivência cultural e social, que resulta em uma dada formação ideológica. Essa formação do pensar, por sua vez, determina o nosso dizer, já que, ainda segundo Fiorin, “não existem idéias fora dos quadros da linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não-verbal” (Idem:32).

Assim, o discurso manifesta a nossa formação ideológica, o que para nós pode não ser consciente, mas determinará o nosso dizer desde o assunto a ser tratado até como isso será feito. O exemplo dado acima, envolvendo acidentes com mortes, porém noticiado de maneiras diferentes, ilustra como o posicionamento do jornal influi na produção da notícia. Ao comparar os títulos “Helicóptero cai e dois morrem” e “Motorista carbonizado na 381”,

podemos perceber claramente que o segundo título foi criado de forma a impactar mais o leitor, o que não acontece da mesma forma na notícia sobre o acidente aéreo. Como já dissemos anteriormente, o jornal escolheu tratar de uma forma leitores de notícias sobre acidentes de carro, não se importando em chocar motoristas e passageiros de automóveis, pois muitas vezes o leitor, principalmente em notícias tidas como mais chocantes, coloca-se no lugar dos envolvidos, principalmente vítimas. Já no acidente aéreo, portou-se de maneira mais sóbria, deixando os detalhes para o subtítulo e o corpo da matéria, poupando os leitores nesse caso.

1.4.2. Intradiscurso e interdiscurso

Discursos relacionam-se de forma complexa e fluida, ora negando-se, ora aproximando-se, num limiar que inclui fronteiras movediças e porosas. Assim, apesar de se manifestarem de forma a podermos determinar sua procedência, no sentido de ser possível dizer que aquele discurso jornalístico põe-se favorável a determinada idéia ou a nega, não é tão fácil separarmos esse discurso dos outros que com ele convivem em uma sociedade. Logo, não basta analisar um discurso jornalístico baseando-se apenas no que ele veicula. É preciso colocá-lo em perspectiva com outros, principalmente porque esses outros farão parte dele na medida em que ele os negar, os aceitar, os combater, os ignorar, os silenciar etc. Em outros termos: o interdiscurso é inseparável do intradiscurso.

Faria (2001 b) facilita o entendimento dessa questão ao relacionar intradiscurso, principalmente, à categoria de percurso semântico, e interdiscurso à categoria de contradição, de oposição.

Essas categorias [percurso semântico e contradição] decorrem da concepção teórica segundo a qual o discurso abrange duas dimensões, integradas e complementares: por um lado, o do intradiscurso, organiza-se em um conjunto, uma trajetória de sentidos que se desenvolve ao longo do texto; por outro lado, o do interdiscurso, constitui-se por contradição, por oposição a outros discursos. (FARIA, 2001b:31)

Como dissemos há pouco, um discurso não pode ser definido apenas por si mesmo, mas por suas relações com outros.

Se um discurso cita outro discurso, ele não é um sistema fechado em si mesmo, mas é um lugar de *trocias enunciativas* (...), uma vez que é um espaço conflitual e heterogêneo ou um espaço de reprodução. Um discurso pode aceitar, implícita ou explicitamente, outro discurso, pode rejeitá-lo, pode repeti-lo num tom irônico ou irreverente. (...) Um discurso sempre cita outro discurso. Um texto pode citar outro texto. (FIORIN,2001:45)

Em outro texto, Fiorin, a partir de Maingueneau, afirma ainda que “a identidade de um discurso depende de sua relação com outros, isto é, ele não se constitui independentemente de outros discursos, para, em seguida, pôr-se em relação com eles, mas se constrói, de maneira regrada, no interior dessa oposição, define-se no limite dessa relação polêmica”. (FIORIN,1999:231).

Para completar os conceitos de intra e interdiscurso, é importante ressaltar, por fim, as noções de percurso semântico e de oposição interdiscursiva. O conceito de percurso semântico diz respeito ao conjunto de temas ao longo de todo um texto, desde o seu título. O tema principal pode ser desenvolvido em forma de temas, elementos semânticos mais abstratos, e/ou figuras, elementos mais concretos exatamente porque concretizam os temas usados para construir uma narrativa. “O conceito de percurso semântico engloba os conceitos greimasianos de percurso temático e percurso figurativo⁴, por se tratarem ambos de revestimentos – mais abstratos ou mais concretos, respectivamente – de estruturas narrativas.” (FARIA,2001b:32). Para Faria, são os percursos semânticos que possibilitam determinar a visão de mundo defendida por um discurso, daí a importância da categoria: “Quanto à visão de mundo que um discurso defende, ela pode ser descrita a partir dos percursos semânticos encontrados no intradiscurso, ou seja, nos textos que materializam o

⁴ No discurso jornalístico, com exceção de artigos e discursos opinativos, como os Editoriais, é muito mais comum encontrarmos percursos predominantemente figurativos, já que é característico deste discurso concretizar temas com figuras, relatando fatos, dando exemplos, entrevistando personagens, etc.

discurso dado.” (Idem:32).

Se um texto defende uma certa visão de mundo, ele se contrapõe a outra(s). O termo oposição interdiscursiva remete ao confronto entre o que é defendido no texto e o que outros discursos defendem. “É por isso que propomos a contradição como categoria descritiva do interdiscurso; ela permite, a partir de um dado discurso, caracterizar o outro discurso, a outra ‘visão de mundo’ contra a qual aquele discurso dado se constitui.” (Idem:32).

Podemos perceber, por exemplo, um alinhamento do discurso do *EM* com o discurso oficial, principalmente o do governo estadual. Tanto em 1955-1956 quanto em 2005-2006, as matérias que se colocam favoráveis ao governo aparecem em número maior do que as que se manifestam contrárias a ele. Na matéria “O Sr. Juscelino Kubitschek inspeciona a estrada Belo Horizonte-Rio”, de 08/03/1956, o jornal reproduz boa parte do discurso do Presidente JK na referida obra, dando destaque ao trecho em que elogia o governador mineiro Bias Fortes: ““A política que o Sr. Bias Fortes realiza em Minas é a que pretendo executar no plano nacional”, diz o chefe do governo. [federal]”.

Cinquenta anos depois, é possível encontrar inúmeras matérias com o mesmo tom, como as tantas que promoveram a Linha Verde, obra do governo do estado apontada pelo *EM* como solução para o engarrafamento da região central de BH e a melhora do acesso ao Aeroporto de Confins (ex: “Arrudas some do centro”, de 28/03/2006, que traz como “bigode”: “Instalação de vigas cobre trecho do ribeirão na avenida dos Andradas, em obra que vai permitir o alargamento das vias de tráfego e reduzir o congestionamento na região” (grifo nosso) ou em “Demolição acelera obra”, do dia 31 do mesmo mês, que divulga o início de mais uma etapa de obras da referida via expressa).

Isso não quer dizer que o *EM* não publique denúncias. Também é possível encontrar várias notícias relativas ao estado precário das ruas e estradas, à fiscalização abusiva ou falta de fiscalização, ao descaso de autoridades etc. Mas de um modo geral, o

jornal não é de oposição, e sim um veículo favorável aos interesses do governo. Assim, através de percursos semânticos como o das obras, como é o caso da Linha Verde, o *EM* posiciona-se a favor do governo estadual, usando desse recurso (o noticiamento de obras e outros feitos do governo) para validar o discurso governista. Ao fazer isso, opõe-se a tantos outros discursos que se posicionam contra o governo.

1.4.3. Estratégias discursivas de persuasão ideológica

Após essas definições, cabe ainda uma pergunta. Para que o enunciador de um discurso o constrói ora explicitando outros discursos, ora os silenciando? Por que o jornal, a exemplo de nosso objeto de estudo, seleciona vários personagens, mas nunca dando o mesmo espaço a eles em seu texto? Para Fiorin, a resposta encontra-se na finalidade de todo discurso, não só do jornalístico:

A finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. Por isso, ele é sempre de persuasão. Nesse jogo de persuasão, o enunciador utiliza-se de certos procedimentos argumentativos visando a levar o enunciatário a admitir como certo, como válido o sentido produzido. A argumentação consiste no conjunto de procedimentos lingüísticos e lógicos usados pelo enunciador para convencer o enunciatário. (FIORIN,2005:75)

Isso quer dizer que, por mais que informar seja um grande enfoque dos veículos midiáticos, o que já ressaltamos antes e que pode ser comprovado, por exemplo, pela criação do lide, que procura responder a algumas perguntas de cunho essencialmente informativo (quem? o quê? quando? onde? como? por que?), persuadir será sempre o seu objetivo final. A informação não é, portanto, despreziosa, mas carregada de intenções, que afloram no texto como efeitos que o enunciador quer produzir em seu enunciatário.

Mas como convencer o leitor? Seria extremamente inadequado explicitar para ele

esse jogo de persuasão, dizendo-lhe o que pensar de determinada notícia. Na década de 50, por exemplo, seria inoportuno e “pouco jornalístico” (ao menos para os moldes do jornalismo daquela e de nossa época) dizer em uma notícia sobre investimentos do governo em petróleo que o jornal apoiava Juscelino Kubtschek politicamente e por isso divulgava seu governo (ou mesmo, por exemplo, que o jornal estava do lado do presidente por interesses econômicos ou algo do tipo). Em vez disso, o *EM* colocou em suas páginas incontáveis matérias sobre a Petrobrás, quase todas elogiosas à companhia e a suas iniciativas, como em “Decréscimo na importação de produtos petrolíferos”, de 25/5/1956 (“A influência das refinarias nacionais de petróleo já começa a ser observada através das estatísticas correspondentes à importação de gasolina e de óleos combustíveis e lubrificantes”), “Aumento do capital da Petrobrás”, de 25/05, “Oleoduto e refinaria”, de 23/05 (“O presidente da Petrobrás teve ocasião de informar há dias nesta capital que se cogita de montar mais duas refinarias no país. Deixou mesmo a entrever que há a possibilidade de uma delas se localizar em Minas”), “Produzirá o Brasil este ano 5,5 milhões de barris de petróleo”, de 15/5, entre outras.

Algumas estratégias de convencimento são pontuais e não tão difíceis de detectar. Perceber quais personagens foram convocados a falar, que tipo de vocabulário foi empregado no texto (mais técnico? mais informal? mais humorado?) são algumas dessas categorias que já nos dizem a respeito de como o enunciador de um texto trabalhou nele para guiar seu leitor e levá-lo a certas conclusões/opiniões. Já outras, menos explícitas, podem ser um pouco mais difíceis de perceber, mas, assim como as que acabamos de citar, são escolhas feitas com o objetivo de fazer prevalecer uma verdade: a do enunciador. São exemplos desse segundo grupo de estratégias persuasivas a relação entre explícitos e implícitos e o silenciamento.

Existem ainda várias outras estratégias, verbais ou não verbais. O uso de imagens em campanhas publicitárias, por exemplo, tem um forte apelo de sedução, assim como as

fotografias nas páginas de um jornal. Mas nos focaremos nessas descritas no parágrafo acima e na seção 1.2 (*Objetivos*) por estarmos mais preocupados com os aspectos lingüísticos dos textos (apesar de reconhecermos a importância de aspectos não verbais, já que analisaremos também a diagramação das páginas) e por acreditarmos serem tais estratégias as principais em notícias. São elas: seleção lexical e seleção de personagens (aspectos intradiscursivos), relação entre explícitos e implícitos (aspecto intra e interdiscursivo) e silenciamento (aspecto interdiscursivo). As primeiras tratam da escolha dos itens lexicais e dos personagens, respectivamente. Na matéria “A colaboração do DNER recusada em Porto Firme”, de 03/03/56, que mostramos acima, vimos que termos e expressões como “exigiu”, “Fato realmente estranho” e “afastar os intrusos” foram usados para atacar o prefeito, personagem, que apesar de ter sido selecionado, não teve voz durante a matéria, a não ser no trecho do ofício que serviu para o ridicularizar. Fica explícito que o prefeito não aceitou a ajuda do DNER, personagem coletiva que é apresentada, implicitamente, como benfeitora. Como também apontamos acima, os motivos do prefeito e o ofício por ele escrito são silenciados, sendo que o leitor não tem acesso ao que o levou a recusar a ajuda (pode até ser que ele realmente seja autoritário e intransigente, mas o jornal já dá o “diagnóstico” pronto para o leitor, sem apresentar-lhe as duas versões).

1.4.4. Reflexo e refração

Após definirmos o que para nós é um discurso e como os discursos se caracterizam, passemos agora a alguns outros conceitos, que, apesar de não serem tão “básicos” quanto os trazidos nas subseções anteriores, são essenciais para a compreensão do discurso, no nosso caso o discurso jornalístico. Começemos pelos conceitos bakhtinianos de reflexo e refração. Se o tempo do acontecimento e o do discurso jornalístico são diferentes (já que ainda não se consegue produzir notícias em tempo real, pois mesmo imagens feitas por câmeras digitais trazem alguma diferença mínima temporal, de transmissão), o que o jornalismo faz é reconstruir fatos, não só os reconstituindo, mas os recriando.

O discurso jornalístico não é, portanto, isento, neutro, mas uma construção que contempla várias vozes. Vozes essas internas ao jornalismo, com técnicas, divisão social do trabalho, vozes das fontes, anônimas ou não, vozes de outros campos de saberes e por aí em diante. “Espécie de um interdiscurso, o discurso jornalístico ocorre à base do processo de acolhimento amplo que faz e, ao mesmo tempo, em que é movido por diversas tensões e práticas discursivas” (FAUSTO NETO, 1991:32).

Guimarães (1999) é um dos autores que recusam a caracterização do discurso midiático como sendo objetivo, característica essa que as empresas de comunicação insistem em alardear. Segundo o autor, a mídia

procura controlar ao máximo sua economia significativa interna, “dobrada” à verdade do objeto que ela deve simplesmente representar, fiel à ilusão referencial que a chamada objetividade jornalística teima em sustentar, de uma maneira paradoxal. Não existem fenômenos nem fatos absolutos, eles são construídos pelo discurso, sabemos bem, mas, mesmo assim, deve-se controlar, regrar, regulamentar (sob a forma de um protocolo) esse movimento da linguagem que não apenas relata o referente, mas o significa. (GUIMARÃES,1999:111).

Outro aspecto interessante sobre o jornalismo refere-se ao fato de a mídia ter se feito tão presente e tão forte nas sociedades modernas, que parece haver uma inversão na

ordem natural das coisas: para ser considerado fato tem que ter sido notícia. É como se o que não estivesse na mídia não existisse. Para construir essa realidade, a mídia apodera-se de vários discursos operantes na sociedade. Mas ela não simplesmente os reproduz, e sim constrói o seu próprio discurso, aproveitando o que julga proeminente e livrando-se do que não lhe serve. Quando constrói seu discurso, portanto, a mídia não apenas reflete algo que já está na sociedade, mas também cria uma realidade própria, fruto de um complexo processo de produção e de uma maneira própria de olhar sobre os acontecimentos.

Na matéria “Pânico num trem da Central”, de 29/01/1956, o *EM* noticia um incêndio em um dos vagões de um trem da Estrada de Ferro Central do Brasil. No entanto, a forma como o jornal constrói a notícia mostra que ela não é apenas um relato, mas uma maneira própria de enxergar o ocorrido. Já no título, com a escolha da palavra pânico, percebemos o tom que a matéria terá, pois ele poderia ter sido escrito de uma forma menos dramática (como, por exemplo, “Incendiou-se um dos carros do trem da Central”⁵). O parágrafo de abertura segue a mesma tônica: “Um trem da Central, que rumava para a Estação de D. Pedro II, teve incendiado um de seus carros, ocasionando um tremendo pânico entre os passageiros que se jogavam entre os trilhos. O trem elétrico desenvolvia, na ocasião, grande velocidade. Em consequência teve morte horrível uma jovem de 23 anos”. Vários outros exemplos, como todos os títulos citados na página 11, serviriam para ilustrar que a mídia não só reproduz fatos, mas os reconstrói.

A idéia de que qualquer discurso, não só o jornalístico, não apenas reflete a realidade, mas a refrata, reconstrói, modifica, remonta a Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Segundo o autor, todo signo é ideológico, e é próprio da ideologia não só reproduzir a realidade, como modificá-la.

⁵ Apesar de ser pouco comum nos dias de hoje, um título como esse, usando o pretérito perfeito e a voz passiva pronominal, seria perfeitamente cabível na década de 50.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. (BAKHTIN/VOLOSHINOV,1979:17).

Após afirmar que mesmo objetos físicos e instrumentos de produção podem se converter em signos, dando como exemplo a ideologização da foice e do martelo como símbolos da União Soviética, o autor trata da linguagem verbal. Se “*tudo que é ideológico possui um valor semiótico*” (Idem:18), “esse aspecto semiótico (...) não aparece em nenhum lugar de maneira mais clara e completa que na linguagem. *A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. (...) A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.*” (Idem:22).

Charaudeau (2006), à sua maneira, particulariza os conceitos de reflexo e refração para o discurso midiático:

Se são um espelho, as mídias não são mais do que um espelho deformante, ou mais ainda, são vários espelhos deformantes ao mesmo tempo, daqueles que se encontram nos parques de diversões e que, mesmo deformando, mostram, cada um à sua maneira, um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo. (CHARAUDEAU,2006:20)

É por isso que ocorrem significativas diferenças entre as coberturas dos veículos, mesmo quando se referem a um mesmo acontecimento. Um texto jornalístico difere de outro desde a seleção de como o fato será abordado até a escolha das palavras para descrevê-lo, como discute Clóvis de Barros Filho:

A objetividade aparente é característica do texto informativo, por sua estrutura, seu léxico, seus limites e também sua posição entre os demais produtos da mídia. (...) Além das escolhas estritamente formais de sintaxe e léxico, opera-se uma seleção temática. (...) ao oferecer de forma mais ou menos consonante um conjunto limitado de temas, um ‘menu’ temático comum, permite-se ao sujeito dominar uma realidade social simplificada. (BARROS FILHO,1995:69-70).

Assim, toda e qualquer escolha feita no processo da produção de uma notícia (escolhas do léxico e do tema, entre outras) serve para exemplificar que a notícia não é apenas relato, mas também construção. A isso se deve grande parte das diferenças entre as notícias em 55-56 e 2005-2006. A análise, por exemplo, dos tempos verbais na titulação das notícias (aspecto relativo à sintaxe discursiva) mostra que um mesmo tipo de acontecimento era relatado de uma forma há 50 anos e o é de outra hoje. Escolhemos os títulos como exemplo porque, além de serem um espaço no qual é fácil perceber essa diferença, eles são, para Mouillaud, “não como enunciado posto sobre um suporte, mas como uma inscrição, quer dizer, como enunciado da língua e como uma marca - a marca maior - da articulação do jornal: uma região-chave que é o articulado e articulador do jornal, a expressão de sua estrutura.” (MOUILLAUD,2002:99).

A mudança nesse espaço tão característico de um jornal mostra que há diferenças significativas entre dois grupos de notícias produzidas em tempos diferentes, o que reforça a idéia de construção (e de refração). Em 55-56, encontramos, nos títulos, um número muito maior de verbos no passado. Uma hipótese é que não havia naquela época tamanha preocupação com o fato de trazer ao espectador a informação como o agora, o presente. A questão aqui não se refere a noticiar ou não fatos já ocorridos. Desde que a imprensa escrita surgiu, jornais impressos trazem hoje o que foi escrito ontem ou até mesmo antes. No entanto, parecia não haver na década de 50 a preocupação em causar no leitor um efeito de presente, mesmo que o presente da informação. Aparentemente, o que se pretendia era simplesmente informar o que aconteceu, mesmo que há mais tempo e indicando essa distância temporal.

Alguns exemplos servem para ilustrar tal escolha sintática: “A barca foi ao fundo” (01/01/1955), “Rodando a 120km, o Cadilac bateu de encontro ao ônibus” (10/02/1955), “Capotou espetacularmente o lotação” (18/01/1956), “Caiu o avião destruindo cinco casas” (02/03/1956), “Visitou Varginha o Ministro da Aeronáutica” (19/04/1956), “Feita a defesa

do DER no caso do pagamento a empreiteiros” (19/04/1956), “Trabalhador caiu de um ônibus e morreu” (19/04/1956), “Morreram esmagados quatro operários” (20/04/1956), “‘Jeep’ capotou” (29/04/1956), “Tombaram a máquina e dois vagões de carga” (31/05/1956), “Caiu o ônibus sobre uma árvore” (07/06/1956), entre vários outros semelhantes.

Em comparação com as matérias da atualidade (2005-2006), podemos notar uma grande diferença. Os verbos não mais descrevem ações que ocorreram no passado, ocorrem no presente ou ocorrerão no futuro. Ainda de acordo com Mouillaud (2002), a relação estabelecida nos dias de hoje passa a ser com o próprio jornal e com a informação, não com datas históricas antecedentes ou posteriores: “Cada número do jornal cria um presente. O ato de leitura e o referente da informação, supostamente, pertencem a um mesmo momento no tempo: o que eu leio é o que se espera que esteja ocorrendo, no momento em que leio.” (Idem:176). Dessa forma, quando enuncia um título como “Ponte da BR-135 é liberada”, de 10/05/2006, o jornal não parece simplesmente fazer tal escolha para enganar o leitor, para convencê-lo que aquele fato é fresco, atual. Ele o faz para colocar leitor e acontecimento *in praesentia*, para fazer prevalecer o tempo da informação, que é o agora em que se dá a leitura. Outros exemplos: “Transcon regulariza linhas” (15/01/2005), “Cerol mata motoqueiro” (16/01/2005), “Pesquisa revela que brasileiro anda a pé” (12/03/2005), “Estado assume ponte e obra” (20/04/2005), “Audiência discute fechamento da rua” (20/04/2005), “Meia-tarifa começa a valer” (11/02/2005) etc.

Assim, perceber os jornais como dispositivos discursivos, que operam na reconstrução dos fatos, ajuda a ver como, por exemplo, as matérias estabelecem cada vez mais seu próprio tempo, em detrimento do tempo histórico. “O jornal se inscreve no dispositivo geral da informação e contém, ele próprio, dispositivos que lhe são subordinados (o sistema dos títulos, por exemplo).” (MOUILLAUD,2002:35).

1.4.5. Outros aspectos da produção jornalística

Teorias sobre a produção midiática também são úteis para trazer alguns esclarecimentos, pois explicitam melhor como trabalham os veículos e profissionais da área na produção de notícias. Suas escolhas, que vão desde a seleção no vasto material de acontecimentos para virarem notícia até a forma como isso será feito, obedecem a critérios que, de tão usados, acabam tornando-se rotineiros para os produtores de notícias. São esses critérios, trabalhados em conjunto, que ditam quais fatos são noticiáveis e quais não o são.

Wolf (1995) sintetiza alguns dos estudos sobre essas “regras” que norteiam a produção jornalística (*newsmaking*). Destacam-se os critérios de importância e de noticiabilidade (*newsworthiness*). São eles que fazem com que, num universo imenso de acontecimentos diários, sejam enfatizados aqueles de maior relevância, os notáveis que vão virar notícia, e que eles sejam tratados de uma forma padrão, não como idiossincráticos, mas simplesmente como acontecimentos noticiáveis.

Os critérios de noticiabilidade estão ligados aos interesses do órgão informativo e dos jornalistas, fazendo parte da rotina produtiva: “A noticiabilidade, portanto, constitui um elemento da distorção involuntária⁶ contida na cobertura informativa dos *mass media*” (WOLF, 1995:193). Os valores-notícia (*news values*) determinam, por sua vez, quais acontecimentos são suficientemente interessantes para virarem notícias.

Definida a noticiabilidade como o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que selecionar as notícias, podemos definir os valores/notícia (*news values*) como uma componente da noticiabilidade. Esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias? (WOLF, 1995:195)

⁶ Involuntária, aqui, provavelmente se refere à rotina da produção jornalística, que leva o jornalista a escrever de determinada maneira quase que automaticamente. Nesta pesquisa, considera-se que a maioria das distorções é voluntária.

Apesar de serem estudados separadamente, os valores-notícia funcionam em conjunto e acabam sendo aplicados inconscientemente pelos produtores de notícia, já que por eles são interiorizados. Também é importante ressaltar que os critérios variam, principalmente em razão da passagem do tempo e das características do veículo.

Os critérios podem ser divididos em cinco categorias: os critérios substantivos (relacionados à importância e ao interesse da notícia), os relativos ao produto (que abrange categorias como Disponibilidade, Brevidade, Ideologia da informação, Atualidade, Qualidade, Equilíbrio), os relativos ao meio de comunicação (materialidade, frequência e formato), ao público (gosto e compreensão dos receptores) e à concorrência (semelhança de cobertura para não “tomar furos”).

É a partir de todos esses critérios de produção que se estabelece a agenda do veículo e a agenda dos leitores. Agenda é aquilo que será publicado pelo veículo e que, por decorrência, fará parte das informações às quais o público terá acesso. São justamente as escolhas feitas pelos jornalistas as responsáveis pelo assunto do dia.

Esse breve apontamento sobre alguns conceitos da Teoria da Comunicação só faz por corroborar o que havia sido dito até então sobre o discurso midiático pelo viés da AD, cada vez mais explorada em todas as atividades humanas. Mello (2005), ao fazer um histórico da Análise do Discurso, em artigo no qual considera a interface literatura/AD, trata da crescente preocupação da disciplina ao longo do tempo com o que chama de “toda a situação de comunicação”:

Aos poucos, entretanto, percebeu-se que a Lingüística não precisaria/deveria se preocupar somente com o sistema da língua, com suas regras, ou seja, com o sistema abstrato das formas. Para conhecer a Língua também é preciso pesquisar todo o processo, ou melhor, toda a situação de comunicação, incluindo, aí, não só o enunciado, mas, também, a interação verbal, todas as condições da enunciação, seus múltiplos sujeitos, o espaço, o tempo, o texto e o contexto... (MELLO, 2005:33)

Ao tratar da Lingüística da Enunciação, por exemplo, o autor diz que a linguagem “deixa de ser vista apenas como instrumento externo de comunicação e de transmissão de informação, para ser vista como uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso” (Idem:33).

A partir de Ducrot, Mello afirma que “compreender um enunciado não se resume em registrar seu conteúdo semântico, mas implica igualmente em decifrar a representação da enunciação em situação de discurso” (Idem:38). É justamente a situação de discurso, neste caso específico a do discurso midiático, que procuraremos compreender em relação ao corpus escolhido.

Ao analisarmos aspectos intra e interdiscursivos das duas épocas, pretendemos entender melhor o que era uma notícia na década de 50, para o jornal *Estado de Minas*, e o que é uma notícia no *EM* de hoje. Apesar de nossa pesquisa ainda estar em desenvolvimento, já é possível notar importantes mudanças nesse meio século. Além das já apontadas anteriormente, a mais óbvia delas refere-se à diagramação das notícias. Em capas dos jornais de 55-56, encontramos inúmeras notas (matérias pequenas, de dois, três parágrafos) que não são desenvolvidas no interior do jornal. Hoje, entretanto, sabemos que a primeira página de um jornal serve muito mais como chamariz ou índice para notícias de outras páginas do que como matérias propriamente ditas. O espaçamento entre as notícias e o uso de fotografias para ilustrá-las também é extremamente diferente nas duas épocas: na década de 50 as notícias pareciam concorrer por um espaço na página, espremendo-se sem espaçamento ou uso de fotografias; na atualidade, temos capas com espaços em branco, justamente para harmonizar os textos e destacar as fotografias, que têm hoje importante papel na mídia impressa (*Anexo 1*).

Alguns temas de 55-56 também causariam estranheza em leitores de hoje. São extremamente comuns matérias que tragam acidentes para nós hoje inusitados, como em “[Passageiro de bonde] Bateu com a cabeça no poste” (14/04/1956) ou seções como

Informações Várias, que traz, entre outros tópicos, a coluna *Passageiros*, com nomes de passageiros que chegaram a Belo Horizonte pelos trens noturnos de Montes Claros, Ponte Nova, da Vitória Minas ou do Rio de Janeiro, também presente com enorme frequência. Além de os temas serem inusitados, houve entre 1955-1956 e 2005-2006 uma diminuição considerável no uso do transporte ferroviário, principalmente de passageiros, mas também de carga, e transportes como bonde foram abolidos (com algumas exceções, como de passeios turísticos). É a transformação no produto jornalístico, mudança essa fruto das várias formas de dizer e da evolução dessas formas ao longo dos anos, que nossa pesquisa pretende mostrar.

1.4.6. Transação, transformação, captação e informação

Outros conceitos tratados por Charaudeau que não só apontam a importância do jornal na vida social, mas esclarecem mais sobre a produção do texto-notícia, são os conceitos de transação e transformação, além das visadas de captação e informação. Todos esses conceitos estão ligados fortemente aos conceitos de reflexo e refração, parecendo, muitas vezes, equiparar-se a eles. No entanto, a validade desses conceitos que apresentaremos abaixo está no fato de especificarem para o discurso midiático os conceitos bakhtinianos, já que Charaudeau preocupou-se em aprofundar-se no jornalismo, não em determinar o que são os discursos de uma forma mais geral, o que fez Bakhtin em *Marxismo e filosofia da linguagem*, além do próprio Charaudeau em outras oportunidades.

Passando, pois, a esses “novos” conceitos, para o pesquisador francês a produção de sentido num ato de comunicação ocorre num duplo processo: de transformação e de transação. O primeiro consiste em dar forma (no caso, texto, falado ou escrito) ao que se deseja significar, ou seja, “transformar o ‘mundo a significar’ em ‘mundo significado’, estruturando-o segundo um certo número de categorias que são, elas próprias, expressas

por formas.” (CHARAUDEAU,2006:41). Já transação, agora no nível discursivo, implica atribuir objetivos à comunicação em função das formas imaginárias acerca da identidade do parceiro, dos efeitos que se pretende produzir, das restrições da situação, entre outros aspectos. No contrato de comunicação midiática, transforma-se o acontecimento em notícia, que é construída em função do público que a irá receber, do veículo etc.

o processo de *transformação* consiste, para a instância midiática, em fazer passar o acontecimento de um estado bruto (mas já interpretado), ao estado de mundo midiático construído, isto é, de “notícia”; isso ocorre sob a dependência do processo de *transação*, que consiste, para a instância midiática, em construir a notícia em função de como ela imagina a instância receptora, a qual, por sua vez, reinterpreta a notícia à sua maneira. (Idem:114)

Isso quer dizer que, quando o jornal parte de um acontecimento qualquer, esse acontecimento pode ser noticiado de diversas formas, pois será transformado em notícia pelo veículo. Podemos perceber a transformação em alguns recursos comuns em matérias, como o uso de fontes, previsto pelo gênero jornalístico (tanto na década de 50 quanto em nossa década). Nas duas épocas, as fontes são selecionadas principalmente para confirmar o que é dito pela matéria jornalística, no entanto tal uso se dá de forma bastante diferente.

Nos anos 50, temos entre as fontes pessoas de destaque na sociedade, como políticos importantes. Há, nessa época, o uso recorrente do discurso direto, em falas longas, quase sem corte. A matéria “Revisão das tarifas de bonde” (07/06/1956) reproduz boa parte do discurso de Milton Campos, à época presidente da UDN, e de Cunha Melo, “um dos líderes do Governo no Senado”. São mais de dois parágrafos longos (39 linhas ao todo) dedicados às falas dos políticos, sem intervenção do jornal, o que é raro nos jornais de hoje, em que é muito mais fácil encontrar estruturas como a que aparece em “Boeing da Gol desaparece com 155” (30/09/2006). Nessa notícia, a fala do presidente da Infraero é reproduzida de maneira reduzida, com intervenção do jornalista (“destacou”): “De acordo com o presidente da Infraero, o Boeing conta com dispositivos que informam o piloto

sobre a eminência de uma colisão e sugere a solução para o problema: ‘Esse mecanismo informa, inclusive, como corrigir a rota, a necessidade de fazer uma curva, entre outras soluções’, destacou. ‘Por isso, a investigação sobre o que causou o acidente será bastante complexa’.”.

Também é comum nos jornais de hoje o uso de discurso indireto, estrutura pouco usual na década de 50: “Em depoimento à Polícia Rodoviária Federal (PRF), o motorista do ônibus, Reinaldo Keler Monteiro, de 25 anos, que sobreviveu junto a 12 passageiros, disse que o acidente teria sido provocado pela falta de visibilidade na pista, devido ao nevoeiro que o levou a perder a direção do veículo” (“Ônibus despenca em rio” - 02/01/2005).

Tratemos agora dos conceitos de visada de informação e de captação, os quais decorrem do fato de o discurso jornalístico fazer-se da constante tensão entre mercado e informação, ou, como apontado por Charaudeau, entre “fazer sentir” e “fazer saber”. As intenções dividem-se, pois, entre captar o leitor e fazer com que ele acredite sempre que o que ali está escrito é informação da mais alta credibilidade e veracidade.

A finalidade do contrato de comunicação midiática se acha numa tensão entre duas visadas, que correspondem, cada uma delas, a uma lógica particular: uma visada de *fazer saber*, ou visada de informação propriamente dita, que tende a produzir um objeto de saber segundo uma lógica cívica: informar o cidadão; uma visada de *fazer sentir*, ou visada de captação, que tende a produzir um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: captar as massas para sobreviver à concorrência. (Idem:86)

Quando se preocupa em informar, a mídia tem que fazer os leitores acreditarem que o veiculado em suas páginas é exatamente o que aconteceu: “*Dizer o exato* é dar a impressão de controlar o mundo no instante em que ele surge, e nada nem ninguém poderia se opor a essa verdade capturada no momento em que sai da fonte; eis por que as mídias estão sempre em busca da transmissão direta.” (Idem, 90). Por outro lado, qualquer veículo midiático pretende captar o maior número de destinatários, tendo que se preocupar, por

esse ângulo, com a sensação, o espetáculo, a emoção. É no conjunto dessas duas condições, a princípio contraditórias, que a mídia organiza seu discurso (como nos exemplos mostrados à página 18, ilustrando a dupla lógica dos meios de comunicação: informar e seduzir).

Assim, o contrato de informação midiática é, em seu fundamento, marcado pela contradição: finalidade de fazer saber, que deve buscar um grau zero de espetacularização da informação, para satisfazer o princípio de seriedade ao produzir efeitos de credibilidade; finalidade de fazer sentir, que deve fazer escolhas estratégicas apropriadas à encenação da informação para satisfazer o princípio de emoção ao produzir efeitos de dramatização. (Idem:92).

Se considerarmos as estratégias de persuasão (apontadas na seção 2, *Objetivos*), podemos pensar que todos os recursos usados pelo jornal para convencer o leitor percorrem esses dois aspectos: ao mesmo tempo procuram seduzi-lo e informá-lo, sempre na busca de que ele acredite na “verdade” do que ali está escrito. No entanto, algumas estratégias parecem querer mais captar do que informar ou vice-versa.

Se pensarmos, por exemplo, na seleção lexical, muitas vezes ela parece ser uma tentativa de sedução por parte do jornal, tanto em 1955-1956 quanto em 2005-2006. A escolha de palavras que choquem ou prendam a atenção do leitor é bastante comum na década de 50, como podemos observar nesses exemplos: “Capotou espetacularmente” (18/01/1956), “Locomotiva matou a velhinha surda” (07/06/1956), “causando-lhe morte horrível e imediata” (em “Criancinha esmagada por um caminhão”, 23/05/1956). Em 2005/2006 também encontramos palavras como “trágico”, “gravemente feridas”, entre outros termos. No entanto, são menos freqüentes e menos “dramáticas”.

Por outro lado, na seleção lexical há também a preocupação em informar, às vezes com grande precisão, como em “sofreu traumatismo cranio-encefálico, com fratura exposta do parietal” (“Dramático Acidente” - 24/05/1956). A precisão é um recurso bastante comum atualmente, talvez mais do que em 50, justamente por se associar à credibilidade de uma maneira quase indissolúvel. O uso de números precisos mostra ao leitor que aquela

matéria conhece, a fundo, o assunto do qual trata, a ponto de reconhecer suas minúcias. É o que acontece em “Metrô mais caro 37,5%”, de 21 de fevereiro de 2006, em que aparecem vários números como “índice oficial de inflação (IPCA), de 5,7%”, “uma elevação de 16,32% na receita”, “onerar 34% dos passageiros”, “correspondia a 78,26% do preço da passagem do diametral” e por aí em diante. Esses números demonstram a propriedade do jornal para trazer a matéria em suas páginas, mas, se buscam informar, buscam também a adesão do leitor.

A seleção de personagens, por outro lado, parece ter o papel de comprovar o que o jornal traz, como já dissemos antes. Raramente apresenta novas informações, servindo, na maioria das vezes, para corroborar o dito (estando, pois, mais ligada à captação). É por isso que, tanto em 1955-1956 quanto em 2005-2006, personagens importantes como políticos e outras personalidades públicas ganham mais espaço nos jornais. Em 55-56, os personagens comuns, os ditos “populares”, aparecem apenas como parte de uma história. Estão envolvidos na notícia, são, por exemplo, vítimas de acidentes, mas a eles nunca é dada a chance de falar. Os que têm voz no jornal são, em sua maioria, políticos e militares. Em 2005-2006, o apreço pelos políticos e pessoas consideradas importantes se mantém, mas há uma grande diferença: muitos “populares” são entrevistados como testemunhas de algo ocorrido. É o que acontece, por exemplo, no trecho “O motorista da carreta cegonha, Israel Pereira de Souza, de 34 anos, saiu ileso do acidente (...). ‘Voltava do Rio de Janeiro e vi que o caminhão entrou na curva desgovernado. Joguei para a contramão para evitar o choque de frente (...)’.” (“Trecho da morte na rodovia BR-040”, de 12/03/2005). Outra situação em que as pessoas comuns têm voz ocorre quando o jornal busca personificar um acontecimento, o que podemos ver com muita frequência em matérias nas quais estudantes, aposentados, donas de casa, enfim, pessoas comuns são convocadas a dar um depoimento em relação ao noticiado (ex: depoimento do taxista em “Farta Distribuição de placas”, de 10/03/2005, que fala da liberação de concessões para motoristas em Confins e usa o

depoimento de alguns deles para ilustrar a história: “Feliz da vida por ter sido premiado por uma das placas, o taxista Adail Julio da Silva, de 49 anos, dos quais 20 na praça, já comprou um carro novo (...). ‘Finalmente vou trabalhar com minha placa porque há anos sou diarista. Agora, vou poder rodar mais e ganhar uns R\$ 2 mil’”).

Podemos perceber, com exemplos de mais esses dois recursos, a seleção lexical e a seleção de personagens, como é difícil separar captação e informação, já que, como apontado por Charaudeau, a mídia relaciona-se com o leitor através desses dois objetivos concomitantemente: seduzi-lo e informá-lo. Tentaremos, como apontado em *Objetivos*, perceber qual a maior recorrência em cada um dos recursos persuasivos justamente para diferenciar com mais clareza quando o jornal quer captar a atenção e quando quer trazer informação (nunca despretensiosamente, já que as duas visadas estão sempre presentes em conjunto, com maior ou menor intensidade).

1.5. Metodologia

O material coletado, tanto de 1955-1956 quanto de 2005-2006, foi analisado a partir do estudo detalhado dos textos que traz e da distribuição desses na página (não serão analisadas, a priori, fotografias ou outros recursos não-verbais). Os textos foram estudados de acordo com os critérios explicitados no item *Objetivos* (1.2). Retomando os objetivos, são eles: 1) identificar os principais aspectos da sintaxe discursiva (tempos verbais, escolha do discurso direto ou indireto etc); 2) identificar os principais aspectos relacionados à semântica discursiva (principais percursos semânticos intradiscursivos; principais estratégias de persuasão, a saber: seleção lexical e seleção de personagens, relação entre explícitos e implícitos e silenciamento; identificar as principais oposições interdiscursivas); 3) por fim, após a identificação das estratégias persuasivas, relacioná-las às visadas de captação e credibilidade. No capítulo 2 serão analisados os discursos da década de 50, no capítulo 3 os de 2005-2006 e no quarto capítulo os dois grupos serão comparados.

Para que nossos objetivos fossem alcançados, o primeiro passo foi a coleta de material na Hemeroteca Pública de Minas Gerais, no caso das edições de 1955 e 1956, e no *site* do Estado de Minas, através da ferramenta “Edições Passadas”, para coleta dos jornais de 2005 e 2006. Tendo o material sido selecionado, passaremos mais especificamente aos objetivos. Primeiro, os quatro grandes grupos de matéria jornalística serão redivididos de acordo com os percursos semânticos. Dessa forma, elas serão reagrupadas em lotes menores, de acordo com o principal trajeto temático ou figurativo desenvolvido em cada uma (exemplo: combustível, acidentes, obras, fraudes, legislação etc). Resolvemos dividi-las desse modo para ter uma noção mais clara de quais temas e figuras eram notícia na década de 1955-1956 e quais constam nas páginas do *EM* na atualidade (dentro da temática maior transporte e trânsito).

O passo seguinte consiste em analisar mais detidamente os textos. Como o número

de matérias é muito grande, começamos a separar aquelas que mais nos chamaram atenção ou por serem bastante representativas da época (como é o caso da coluna *Informações Várias*, dos jornais de 50, que usamos na seção 1.4.5, *Outros aspectos da produção jornalística*) ou por serem um bom exemplo de um dos aspectos que escolhemos analisar, especialmente aqueles ligados à persuasão (seleção lexical; seleção de personagens; relação entre explícitos e implícitos; silenciamento). As matérias foram ainda analisadas em relação à sintaxe, o que também já foi exemplificado anteriormente, como a seleção de tempo verbal (na seção 1.4.4, *Reflexo e Refração*). Por fim, faremos o levantamento das principais oposições interdiscursivas.

Após a identificação das estratégias persuasivas e das principais oposições interdiscursivas, pretendemos relacioná-las às perspectivas de captação e credibilidade, o que, a nosso ver, nos ajudará a concluir o trabalho levantando mais essa importante característica sobre o jornal *EM* (e por que não sobre o jornalismo?) nas duas épocas. Em linhas gerais, acreditamos que nossa análise tenderá a mostrar as diferenças mais marcantes entre os dois períodos (1955-1956 e 2005-2006) e, portanto, as principais mudanças no discurso do *EM*.

2. Aspectos intra e interdiscursivos do *EM* em 1955 e 1956

Seguindo o objetivo geral delineado na *Introdução* deste trabalho (seção 1.2), iremos apontar os principais aspectos intra e interdiscursivos em cada um dos dois grupos de notícias (1955-1956 e 2005-2006), para entender melhor o discurso do *EM* nos dois momentos e, então, compará-los. Este capítulo será reservado para as notícias do primeiro grupo, enquanto no seguinte – *Capítulo 3* – trataremos das coletadas em 2005-2006. Finalmente, no *Capítulo 4*, apontaremos as diferenças entre os dois grupos, antes de chegarmos às nossas considerações finais.

2.1. Aspectos da semântica discursiva

Começaremos nossa discussão pelos aspectos semânticos. Para melhor organizar tais aspectos, faremos a análise de cada um deles a partir dos principais percursos semânticos encontrados nas páginas do *EM* em 1955 e em 1956. Portanto, será a partir de cada um desses percursos que analisaremos as estratégias persuasivas e as oposições discursivas. Por fim, analisaremos a credibilidade e a captação no *EM* dos anos selecionados.

2.1.1. Percursos semânticos

Apesar de já termos afirmado algumas vezes na *Introdução* que acontecimento e notícia não se sobrepõem, basicamente porque a notícia não só reflete um fato acontecido, mas o refrata (BAKHTIN/VOLOSHINOV,1979:17-18), ainda podemos fazer algumas considerações no que diz respeito à tematização.

Charaudeau (1994) afirma que o sujeito comunicante circula por dois espaços de

organização do sentido: um espaço de tematização e um espaço de relação. O primeiro, que mais nos interessa no momento, diz respeito à identificação (o “dar conta” dos seres do mundo), à qualificação (descrição das propriedades desses seres), representação (mudanças de estado) e explicação (razão dos seres de ser e fazer).

Pour signifier le monde pour l’adresse d’un autre, à certaines fins, on dira que le sujet communicant doit intervenir dans deux espaces d’organisation du sens: un espace de ‘thématisation’ et un espace de ‘relation’. Dans l’espace de ‘thématisation’, il se livre à plusieurs types d’opérations langagières qui consistent à rendre compte d’un mode d’existence des êtres du monde (opération d’*identification*), de leurs propriétés (opération de *qualification*), de leurs changements d’état (opération de *représentation de faits et actions*), de leur raison d’être et de faire (opération de *explication*). (CHARAUDEAU,1994:64)

Trata-se, portanto, não só de recortar o que é de interesse do veículo publicar, mas identificar, qualificar, representar e explicar os acontecimentos, o que, sem dúvida, varia de enunciador para enunciador e de acordo com cada situação de comunicação. Assim, uma notícia no *EM* não é escrita da mesma forma hoje que há 50 anos, pois a situação de comunicação não é a mesma. As temáticas podem até se repetir, mas a maneira como serão tratadas varia.

Por isso, mesmo que acidentes de trânsito continuem acontecendo nos dias de hoje, será muito difícil vermos nos jornais notícias como “Cabeça no poste”, de 20/05/1956, noticiando que um passageiro, ao andar no estribo do bonde, bateu a cabeça em um poste, ou “Bicicleta abalroada”, de 06/06/1956, informando que uma bicicleta foi danificada em um acidente de trânsito. No caso do primeiro exemplo, o motivo parece mais simples: como quase não há bondes hoje, com exceção de alguns turísticos e de poucos em bairros históricos, como o bonde de Santa Tereza, no Rio de Janeiro, não há mais passageiros andando em seus estribos. No caso da bicicleta, se cada bicicleta atingida por um automóvel ainda fosse motivo de notícia, os jornais da atualidade não se ocupariam de outro tipo de acontecimento.

Após essa pequena consideração, enumeremos os principais conjuntos de percursos figurativos encontrados na década de 50. Em 1955, encontramos o seguinte conjunto, listado a seguir do mais freqüente (aquele que apareceu em mais matérias) ao menos: acidentes (200 matérias); meios de transporte (90); combustível (58); queixas, denúncias (46); reivindicações, greves, outras manifestações (38); obras (38); política, legislação (19); e custos, tarifas, preços (16). Em 1956, encontramos basicamente o mesmo: acidentes (157); meios de transporte (112); queixas, denúncias (93); obras (61); combustível (27); custos, tarifas, preços (14); reivindicações, greves, outras manifestações (10); e política, legislação (7). Todos esses percursos semânticos serão explicados e exemplificados a seguir.

2.1.2. Estratégias de persuasão

Partindo dos percursos semânticos levantados acima (na ordem em que serão analisados: meios de transporte; obras; custos, tarifas, preços; política, legislação; reivindicações, greves, outras manifestações; queixas, denúncias; acidentes; combustível), identificaremos as principais estratégias de persuasão em cada um deles. São elas a seleção lexical, a seleção de personagens, a relação entre explícitos e implícitos e o silenciamento. Com isso, conseguiremos compreender melhor o desenvolvimento de cada conjunto figurativo ou temático no *EM* e, por conseguinte, caracterizar melhor cada um deles.

Por motivos de organização de nossa dissertação, estudaremos os aspectos apontados acima em três grandes blocos: aspectos predominantemente intradiscursivos, aspectos predominantemente interdiscursivos e aspectos tanto intra quanto interdiscursivos. Os aspectos predominantemente intradiscursivos são aqueles encontrados na trama do texto, em seu interior. Os predominantemente interdiscursivos são os que remetem a relações com outros discursos e não são encontrados de forma explícita no texto

– o que está escrito nos aponta para relações exteriores, mas não de forma direta, clara, aberta. Já aspectos tanto intra quanto interdiscursivos são aqueles que trazem indícios explícitos nos textos, sendo que esses indícios apontam para relações de afinidade ou enfrentamento com relação a outros discursos circulantes.

2.1.2.1. Aspectos intradiscursivos: seleção lexical e de personagens

2.1.2.1.a. Meios de transporte

Dentro do percurso semântico figurativo dos meios de transporte, encontramos as figuras dos táxis ou carros de aluguel, do transporte sobre trilhos (trens e bondes), do aéreo e do marítimo. Não encontramos nos exemplares examinados outros meios em quantidade significativa, como, por exemplo, o de transporte fluvial.

A primeira figura semântica, dos táxis (“carros de aluguel”), destaca-se por ter ocorrido na época a institucionalização do sistema de táxis em Belo Horizonte, o que torna abundante o número de matérias envolvendo tal meio de transporte. A matéria “Que venham os táxis” (18/01/1955) traz a informação de que BH era uma das únicas grandes cidades brasileiras que ainda não possuíam o serviço (“Dentre as cidades de sua categoria, Belo Horizonte talvez seja a única do país que não possui serviço de táxi.”). Os carros de aluguel (como era conhecido esse meio de transporte antes da implantação do taxímetro) circulavam com passageiros pela cidade, mas não havia fixação de tarifa, nem controle efetivo do serviço por órgãos públicos (como o SET – Serviço Estadual de Trânsito).

Dentro das matérias encontradas, podemos distinguir três grupos de personagens: 1) o grupo dos “chauffeurs” (motoristas), que em sua maioria é contra a institucionalização; 2) órgãos públicos, prefeitura e legislativo, que insistem no novo sistema; e 3) usuários, que aparecem de forma mais implícita do que explícita nas matérias, mas estão envolvidos diretamente na questão.

No editorial “Uma reivindicação da cidade” (16/03/1956), o *EM* trata da demora de implantação e das relações entre os três grupos citados acima: “os chauffeurs profissionais de Belo Horizonte”, a “população” ou “povo” (usuários) e os setores responsáveis pela implantação – “vereadores”, que aprovaram a lei, e “SET”, responsável pela elaboração da tabela. O primeiro e o segundo grupo se opõem, já que a população é a favor da implantação dos taxímetros (“as queixas contra os elevados preços dos autos de aluguel, em Belo Horizonte, não são apenas dos habitantes da Capital. Os forasteiros também se espantam.”) e os chauffeurs acreditam que o aparelho lhes trará prejuízo, fazendo exigências tidas pelo jornal como descabidas (“chega (*sic*) a ser irritante, de tão descabidas que são, as últimas pretensões da classe dos motoristas”). Já o SET busca fazer a implantação, mas de forma a negociar com os dois grupos.

Como no exemplo citado acima, em muitos outros os motoristas, os políticos e os funcionários do SET (principalmente de alto escalão) são citados como fonte e entrevistados, enquanto os usuários aparecem como personagem coletivo que não é entrevistado, sem ter sua fala relatada pelo discurso jornalístico. São, portanto, citados pela matéria, mas não convocados por ela a falar, como podemos ver na frase “Desde há alguns anos a população os deseja [táxis]”, retirada do mesmo editorial citado no parágrafo anterior.

“Não aceitam os motoristas as tabelas organizadas” (20/03/1956) noticia uma mesa redonda promovida pela Rádio Guarani (pertencente ao mesmo grupo do *EM*). Participaram da mesa “o superintendente do SET, sr. Davidson Pimenta da Rocha, os srs. Ney Otaviani Bernis, procurador geral da prefeitura, Constantino Siqueira, Altair Marques Aguiar e Dílson de Aquino, representantes dos motoristas profissionais, (...) e os srs. Guy Xavier e Márcio Paixão, da Prefeitura Municipal, (...) [e] o vereador Hugo Pinheiro Soares, autor do projeto de lei”. Os usuários não participam do programa nem são convocados pela

matéria a dar qualquer opinião, aspecto que exploraremos melhor ao longo desta dissertação, quando tratarmos especificamente do silenciamento no discurso do *EM*.

Nos dois semestres analisados (primeiros semestres de 1955 e 1956), a questão fica sem solução, apesar de o *EM* vez ou outra anunciar o provável fim do impasse: “Táxis dentro de 15 dias” (04/04/1956) e “Os primeiros taxímetros vão chegar nesta semana” (17/04/1956). No entanto, outras matérias mostram que a questão não é simples, como o editorial “Ainda os táxis” (26/05/1956), e “Intactos nas prateleiras os taxímetros” (19/06), que tratam da dificuldade de negociação entre motoristas e órgãos públicos e da demora em colocar a lei em prática.

A seleção lexical nessas matérias não é tão sensacionalista ou técnica como a que poderemos observar, mais adiante, no percurso semântico figurativo dos acidentes. Fora termos como “SET” ou “taxímetros”, não há uso de nenhum jargão, sendo que mesmo termos como esses dois são explicados em algumas matérias. No entanto, as matérias também fazem uso recorrente de advérbios (“Lamentavelmente, porém, não puderam os motoristas adaptarem em seus veículos os taxímetros”, em “Através de fraude o motorista pode elevar o preço da corrida”, de 27/03/1956) e de adjetivos (como “decisão definitiva”, em “Cinco membros da comissão a favor da tabela feita pelo SET”, de 15/03/1956), que são usados para prender a atenção do leitor ou mesmo causar um efeito de certeza e credibilidade junto a ele, como em “decisão definitiva”.

Outros meios de transporte recorrentes em 1955-1956 são os sobre trilhos. Trens e bondes faziam parte do cotidiano da população brasileira, o que se reflete em um número grande de matérias sobre o assunto. A temática se divide em transporte de cargas e de passageiros, ambos largamente utilizados naquela época.

No transporte de cargas, encontramos, entre os personagens, principalmente empresários e políticos, que são ouvidos pelo jornal para dar depoimentos sobre transporte de minérios e outros produtos. “O caso do transporte de minérios de ferro pela Central do

Brasil” (24/01/1956) traz como personagens o industrial Lídio Lunardi, o ex-Presidente Café Filho, que assinou decreto determinando “o transporte do minério de ferro para a nova usina da CIPA, a ser instalada no litoral paulista”, Nereu Ramos (Presidente da República interino de novembro de 1955 a janeiro de 1956), “assessores técnicos, representantes da Associação Comercial e da Sociedade Mineira de Engenheiros” e acompanhantes de Lunardi. São personagens considerados de prestígio, o que mostra, mais uma vez, a preferência pela seleção de personagens tidas como socialmente importantes.

Os personagens comuns não costumam ter voz, nem mesmo em matérias que tratem do transporte de passageiros. “Um trem elétrico novo por semana” (25/02/1956), que divulga a incorporação de 300 novos veículos ferroviários ao tráfego nos subúrbios do Rio atendidos pela Central do Brasil, fazendo uma denúncia de que a entrega dos vagões estava atrasada, menciona os passageiros apenas na parte em que informa que os novos veículos não vão permitir “pingentes”, usuários pendurados para fora das portas dos trens. Seria uma oportunidade de tratar de questões relativas a problemas no transporte coletivo, o que não é feito.

Algumas raras exceções, como “Servidores da Central fora da classificação” (24/02/1956), trazem como personagem principal personagens do povo, trabalhadores, neste caso os ferroviários, que trabalhavam “sem regime jurídico definido” já que não havia “nenhum quadro para os servidores admitidos desde 1941, ano em que foi transformada a Estrada de repartição pública em autarquia”. O personagem que aparece, no entanto, é coletivo (“40 mil ferroviários”, “a União dos Ferroviários do Brasil”, “antigos funcionários”), não sendo colhido nenhum depoimento individual (nem mesmo de um líder desses trabalhadores).

Ainda dentro do percurso semântico figurativo dos meios de transporte, encontramos o meio aéreo. Dentro desse percurso semântico encontramos inaugurações de vôos ou aeronaves (“Passarão a descer no aeroporto Santos Dumont, no Rio, os ‘Super-

Convair 340' da Real Aerovias Brasil" – 19/02/1956), viagens de políticos e reformas de aeroportos, principalmente para receber aeronaves mais modernas. Os personagens reduzem-se novamente a políticos, empresários e pessoas consideradas de prestígio. Desta vez, pode até ser que o jornal não tenha selecionado esses personagens e excluído os demais "propositalmente", como em outros casos. Como sabemos, voar naquela época era para poucos, para pessoas de maior poder aquisitivo. "Viagens de helicóptero do Rio Negro ao Catete" (26/02/1956), por exemplo, traz notícia sobre o teste do helicóptero do então presidente Café Filho (abertura: "O helicóptero que serve ao presidente Café Filho realizou, na tarde de hoje, uma aterrissagem de experiência nos jardins do Catete.").

Mas e nas matérias que não tratam de viagens? Nas matérias sobre obras, por exemplo? Também nessas os "comuns" não são ouvidos, nem passageiros, nem operários, nem cidadãos anônimos. "Um moderno aeroporto para a segunda cidade de Minas" (09/03/1956), que trata da modernização do campo de pouso de Juiz de Fora, apenas cita que o novo aeroporto é uma "aspiração da população". "Prepara-se a Pampulha para operação de quadri-motores e aviões a jato" (14/03/1956) traz as obras de extensão do aeroporto, que incluem a ampliação da pista "para mais de 1.600 metros de extensão" e uma nova estação de passageiros. Os passageiros, usuários da estação, não são ouvidos, apenas o engenheiro responsável pela obra, José Filho, o chefe de operações da Base Aérea e o encarregado de obras, que são citados no corpo do texto.

Seguindo o tema das inaugurações, em "Estão sendo ampliados os mais importantes aeroportos do país" (04/04/1956) o tom se repete. A matéria traz como personagens o brigadeiro Macedo, diretor de engenharia da Aeronáutica, que tem seu discurso de seis parágrafos reproduzido. Na seleção lexical, adjetivos como "grande" ("obras de grande vulto"), "novo" e "confortável" ("novo e confortável restaurante") e "amplas" e "modernas" ("amplas e modernas Estações de Passageiros").

Outras matérias sobre inaugurações também buscam ouvir apenas políticos e

empresários. É o caso de “Inaugurada pela ‘Nacional’ a linha Belo Horizonte – Aimorés” (02/02/1955) e “Importante melhoramento na ligação aérea entre Belo Horizonte e Rio” (04/05/1955). São personagens, respectivamente, os dirigentes da Nacional e os da Real Aerovias Brasil. A seleção lexical aponta para progresso e benefícios trazidos com as inaugurações, o que é feito com o uso de adjetivos como importante (“importante melhoramento”) e magnífico (“magnífico empreendimento da Real Aerovias Brasil”), termos semelhantes aos encontrados na seleção lexical que expusemos nos parágrafos acima.

“Oitenta novos ônibus elétricos” (11/02/1956) informa sobre a abertura de concorrência para o fornecimento dos ônibus, “destinados a revolucionar todo o sistema de condução da capital, constituindo plano arrojado, inédito no Brasil”. O verbo “revolucionar” e os adjetivos “arrojado” e “inédito” conferem à matéria tom eufórico, beirando o espetacular e afirmando que, em breve, seria “amenizado o angustioso problema com que se debate, há muito tempo, a população da cidade”. É como se a compra dos ônibus viesse para resolver quase todos os problemas do transporte coletivo. Outros adjetivos usados: “confortáveis” (“confortáveis ônibus elétricos”), “aperfeiçoado” (“aperfeiçoado sistema de transporte coletivo”) e “vertiginoso” (“vertiginoso desenvolvimento”).

Um subtema inusitado dentro do tema aéreo é o das viagens aeronáuticas. As previsões feitas pelo EM eram de que a evolução desse meio de transporte seria muito maior do que de fato se deu, o que é mostrado na matéria “As viagens inter-planetárias serão tão simples como um passeio de bonde” (27/02/1955), que profetizava que na nossa época atual (anos 2000) os foguetes seriam um meio corriqueiro de transporte (subtítulo: “Transporte de foguete dentro de 50 anos: 25 mil kms (*sic*) por hora”).

Por fim, o último meio de transporte encontrado: o marítimo. Trata-se da discussão de um acordo comercial feito pelos governos de Minas Gerais e Bahia para ceder o uso do

porto de Caravelas a nosso estado. No editorial “Caravelas” (10/06/1956), o *EM* atribui grande importância ao acordo. Apesar de o porto ficar “fronteiro a uma zona de Minas de baixa produtividade (...) é o que ficará mais próximo de Brasília, a futura capital. (...) Enquanto não tivermos qualquer controle sobre um porto de mar, iremos esbarrando em receitas fracas que não permitem o desenvolvimento estadual nas medidas de nossas reais possibilidades.” A matéria cita, como personagem explícito, apenas o governador Bias Fortes, e a colocamos aqui mais como outro termo inusitado da época (apesar de, interdiscursivamente, ser antiga a aspiração das elites mineiras por acesso a portos de mar). Outras notícias envolvendo transportes marítimos limitam-se a notícias de acidentes, sendo agrupadas com as demais notícias daquele percurso semântico.

Vale ressaltar mais alguns aspectos dentro do percurso semântico figurativo dos meios de transporte também bastante inusitados para nós leitores do século XXI. Encontrada com bastante frequência nos exemplares pesquisados em 55-56, a coluna “Informações Várias” (*Anexo 2*) traz, entre temas como “Sinopse do Tempo” e “Hóspedes”, a listagem completa de passageiros que desembarcavam em Belo Horizonte transportados pelos trens “noturno de Montes Claros”, “noturno de Ponte Nova”, “noturno da Vitória Minas” e “noturno da R.M.V [Rede Mineira de Viação]”. Os passageiros são citados por seu nome completo e de acordo com o trem pelo qual chegaram à capital mineira, não havendo qualquer outra informação explícita. A coluna não tinha periodicidade definida no *EM*, mas tinha mais de uma veiculação semanal.

Outra temática que também nos chamou a atenção, embora pouco comum à época, é referente a problemas no tráfego. A matéria “Estudos do SET para desafogo do tráfego” (20/04/1955) informa sobre estudos realizados pelo Serviço Estadual de Trânsito para desafogar o a rua Tamoios, sendo a primeira solução passar “para a rua Tupis os pontos de coletivos da rua Tamoios”. É no mínimo curioso ver que já naqueles tempos, em que a frota de veículos ainda era bastante reduzida, o trânsito começava a apresentar problemas.

“Regulamento do tráfego de bicicletas” (25/03/1956) também se enquadra nesta temática.

2.1.2.1.b. Obras

O percurso figurativo das obras é um importante percurso semântico dentro da temática por nós estudada por alguns motivos, entre eles o critério de noticiabilidade. Como mostramos na Introdução deste trabalho (Seção 1.4.5. *Outros aspectos da produção jornalística*), a produção jornalística obedece alguns critérios que acabam por ficar automatizados em uma redação. Esses critérios têm a ver com a importância de uma notícia e classificam-se, como já explicitamos, em substantivos (relacionados à importância e ao interesse da notícia), relativos ao produto (que abrange categorias como Disponibilidade, Brevidade, Ideologia da informação, Atualidade, Qualidade, Equilíbrio), os relativos ao meio de comunicação (materialidade, frequência e formato), ao público (gosto e compreensão dos receptores) e à concorrência (semelhança de cobertura para não “tomar furos”). O percurso semântico figurativo das obras preenche alguns dos mais importantes desses requisitos: é de grande interesse da população por tratar-se, na maioria das vezes, de obras de melhorias; é atual, já que divulga algo que irá acontecer em breve, com data mais ou menos definida; e, por ser amplamente divulgado pelos governos e suas assessorias, o jornal que não os divulga corre o sério risco de “tomar um furo”. Esses critérios justificam, em parte, a grande ocorrência de matérias sobre obras em 1955-1956.

Outra explicação plausível, complementar a essa, é histórica. O governo de Juscelino Kubitschek, iniciado em 1956, comprometeu-se a desenvolver o Brasil como nunca antes, o que, sem dúvida, levaria a investimentos maciços, principalmente na infraestrutura de nosso país. Encontramos em 1956 o percurso semântico das obras em um número de matérias bem mais elevado que em 1955 (61 contra 38), o que já aponta para

essa diferença de governos⁷. A isso, soma-se uma tendência de posicionamento pró-governo do *EM*, como já apontamos anteriormente e iremos ver mais a fundo nas seções seguintes, especialmente as que tratarão de aspectos interdiscursivos (o que nos dará a oportunidade de aproximar/afastar os discursos em circulação no *EM* e no restante da sociedade, entre eles os discursos políticos).

Após essa breve consideração, passemos às seleções lexical e de personagens. Como era de se esperar, são personagens, mais uma vez, políticos e personalidades, que planejam ou prometem obras à população. “Será inaugurada hoje a ferrovia Brasil Bolívia” (05/01/1955) traz como personagens os presidentes dos dois países, que foram homenageados na ocasião. Outra matéria de 1955 que traz políticos como personagens principais é “Túnel ligando Rio de Janeiro a Niterói” (08/01/1955), que divulga a visita do governador do Rio a Nova York para tentar conseguir um financiamento para a obra (como sabemos, a tentativa foi frustrada...). “Vão ser retomadas as obras da Fernão Dias em S. Paulo” (05/01/1956) traz como personagem explícita apenas o diretor-geral do DER e o governador Lucas Nogueira Garcez (nome completo). Ficam implícitos outros personagens, como funcionários de alto escalão do DNER (no trecho “acordo entre o DNER e o DER”) e os trabalhadores envolvidos nas “obras de terraplanagem” e “obras da Fernão Dias” no geral, além da população por ela beneficiada (de Vargem, Bragança, Guaripoca, Rio Jaguari etc.).

Como pudemos observar no último exemplo citado acima, além de políticos também são personagens freqüentes pessoas que ocupam cargos de direção de órgãos envolvidos no assunto, como o DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem). “Vão prosseguir intensamente as obras da BR-3 e da ‘Fernão Dias’” (13/02/1955) questiona o diretor do DNER “se o ritmo das obras federais [em MG] será mantido ou

⁷ Como dito há pouco, Café Filho havia sido Presidente da República entre agosto de 1954 e novembro de 1955 e Nereu Ramos Presidente interino de novembro de 1955 a janeiro de 1956.

sofrerá redução, em virtude da deliberação do governo federal de suspender, até segunda ordem, a execução de muitas delas”, ao que o diretor respondeu positivamente. “O sr. Juscelino Kubitschek inspecionou a estrada Belo Horizonte – RIO” (08/03/1956) apresenta, como personagens, além do presidente da república, o governador de Minas, Bias Fortes, e o diretor do DNER, Régis Bittencourt, reafirmando a tendência de dar voz somente a políticos e demais personagens em evidência na sociedade.

A matéria “Início da grande rodovia Belo Horizonte – Planaltina” (19/01/1956) explicita a importância dada a esses personagens considerados ilustres: “Com a presença de altas autoridades, representações dos municípios mineiros que serão beneficiados com o empreendimento e figuras de destaque em nossos círculos técnicos, políticos e sociais, serão iniciados amanhã os trabalhos de construção do trecho Contagem-Esmeraldas.” (*grifos nossos*).

A seleção lexical nesse percurso semântico deixa implícito o progresso, a modernização⁸, como pudemos ver em “Início da grande rodovia Belo Horizonte – Planaltina”. O implícito é tornado explícito em “Trilhos do progresso” (19/01/1956). Além da palavra progresso no título, temos ainda o discurso do governador de São Paulo, que diz que “Presidente Prudente, agora, não é apenas uma cidade paulista, mas brasileira e sul-americana”, elevando a outro patamar de desenvolvimento a cidade de onde partiria a Estrada de Ferro Sorocabana. A afirmação é reforçada pelo discurso do jornalista e empresário Assis Chateaubriand, também presente na solenidade: “Vemos aqui o governador disposto a resolver (...) [o problema] de toda uma região, que nessa solução se transformará em extraordinária metrópole”. O substantivo metrópole, sozinho, já carrega consigo, implícitas, as idéias de modernidade e crescimento, citadas acima. Ao lado do adjetivo “extraordinária”, ganhou, sem dúvida, um peso ainda maior.

⁸ Como já pudemos perceber no percurso semântico dos meios de transporte, nas figuras da inauguração de linhas aéreas e vôos.

“Vão ser retomadas as obras da Fernão Dias em S. Paulo” (05/01/1956) divulga o destino de verba do DNER para tal obra (“204 milhões de cruzeiros por ano”), ressaltando, o *EM*, que “A rodovia ‘Fernão Dias’ será uma das mais belas estradas paulistas. (...) Enormes aterros foram feitos e a rodovia poder-se-á orgulhar de possuir uma verdadeira obra de arte: o túnel da Mata Fria.” À melhoria tecnológica (o túnel), soma-se a estética: beleza. Essa matéria também é interessante por trazer, logo após a descrição elogiosa citada acima, detalhes extremamente técnicos do túnel, que pouco descrevem sua beleza, e sim suas características técnicas construtivas: “Terá ele 250 metros de comprimento. A rampa máxima da estrada é de 5%, tendo a pista carroçável uma largura de 9,50 metros. A largura dos passeios é de 70 centímetros, a altura é de 7 metros.”

“Poderosa contribuição à modernização do sistema rodoviário de Minas Gerais” (09/03/1956) é outra matéria repleta de adjetivos enaltecendo. Já no título, o uso do adjetivo “poderosa” traz uma qualificação eufórica da “contribuição”. Além do adjetivo, encontramos na matéria ‘moderno’ (no subtítulo “moderno maquinário será cedido pelo Estado aos interessados” e em “Assinado o primeiro contrato de cessão do primeiro grupo, constante de moderna usina de asfalto”), que explicita o conceito de modernização (substantivo que também aparece no título). Outros adjetivos usados na matéria são “extraordinária”, no parágrafo de abertura (“extraordinária expansão que vêm experimentando as atividades da Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais”) “elevado” e “oportuna” (“elevado sentido de oportuna iniciativa”) e “profunda” (“a mais profunda influência na vida econômica de Minas”).

Outro exemplo, “Minas ficará mais próxima do mar” (15/04/1956), trata de uma possível ligação ferroviária entre Itabirito e Angra dos Reis para transporte de minérios, tendo como personagens o governador Bias Fortes e representantes da Ferrostaal, empresa alemã interessada na construção (presidente mundial, presidente da organização no Brasil e acompanhantes). Entre o léxico, destaca-se a locução adjetiva “mais curta”, em “devendo

constituir-se na mais curta via de acesso da região ferrífera de Minas a um porto de mar”, reforçando, mais uma vez, a idéia de melhoria e modernidade. A obra (como grande parte das outras aqui apresentadas) é posta pelo discurso jornalístico do *EM* como uma solução para Minas e seu sistema de transportes.

2.1.2.1.c. Custos, tarifas, preços

Neste percurso semântico desenvolve-se o percurso jornalístico sobre tarifas de transportes, como ônibus, bondes e trens, além de custos e preços, entre eles os de fretes de cargas e preços de combustíveis. A grande maioria das matérias jornalísticas trata de temas políticos ligados ao aumento de tarifas e custos, como é o caso de “Revolução no transporte de gêneros” (30/05/1956), sobre a participação do Exército no transporte de alimentos para centros consumidores “para o bairateamento (*sic*) do custo da vida”. Como era de se esperar, tais matérias vêm a questão do ponto de vista dos políticos, entrevistando-os para falarem sobre o assunto. Na matéria citada, são personagens o sr. Salgado Sobrinho, que discursou na Assembléia a favor da intervenção do Exército (“O ministro da Guerra [general Lott] vai fazer a revolução do transporte de gêneros alimentícios para os centros consumidores. É o que necessita o Brasil.”), e o sr. Plácido da Rocha, do PSP, “que declarou que apóia integralmente o plano do governo Juscelino para o bairateamento (*sic*) do custo da vida”. Apesar de não terem seus cargos citados na notícia, fica implícito, subentendido, que ambos são políticos, principalmente o sr. Plácido, que tem seu nome ligado a uma sigla de partido.

Na matéria “Revisão das tarifas de bonde” (07/06/1956), que citamos na *Introdução* desta dissertação, o *EM* reproduz boa parte do pronunciamento de Milton Campos, à época presidente da UDN, e de Cunha Melo, “um dos líderes do Governo no Senado.” São mais de dois parágrafos longos destinados aos personagens. Os usuários do transporte, mais uma vez, não são ouvidos.

Outro exemplo semelhante, “Depredados 212 bondes pelos estudantes” (31/05/1956), mostra o posicionamento do *EM*. O subtítulo da matéria, “O presidente julga insuficientes as providencias (*sic*) tomadas pela policia”, já aponta que o *EM* se posicionaria a favor do governo e contra os manifestantes. Na matéria, além do presidente e do prefeito, são personagens o juiz de menores e o chefe de polícia, Augusto Magesat (cuja nota de nove parágrafos é reproduzida na íntegra, fazendo um “apelo aos pais e mestres”). Aos estudantes, cabe a acusação de estarem ligados ao Partido Comunista, como podemos ver nos trechos “Elementos estranhos à classe participaram do movimento estudantil” (parte do subtítulo) e “Em manifesto dirigido à nação, a Frente da Juventude Democrática denunciou a infiltração comunista na manifestação dos estudantes contra o aumento das passagens de bondes.”.

Isso faz de “Unificação do sistema de transportes coletivos” (06/06/1956) uma exceção. É noticiada a redução provisória de 50 centavos no preço das passagens de bondes no Rio de Janeiro. São personagens da matéria o prefeito da cidade, Negrão de Lima, que ganha o espaço dos dois parágrafos de abertura da matéria, que abordam o decreto assinado pelo prefeito, prevendo a redução provisória até que algumas melhorias no sistema fossem implantadas; o reitor da PUC, Pedro Calmon, apoiador da campanha contra o aumento do preço das passagens de bonde; e, como personagem coletivo, a “comissão estudantil contra o aumento de passagens dos bondes”. A matéria, portanto, dá espaço ou procura ouvir vários envolvidos na questão do aumento das passagens, que deflagrara uma greve estudantil: governo, estudantes (que são ao mesmo tempo usuários e líderes do movimento anti-aumento) e até o reitor, que apoiava o movimento. Poderíamos pensar que o reitor foi ouvido pelo cargo que ocupava, mas a sua posição, a favor dos grevistas, vai contra o que o *EM* costumava noticiar (como veremos nas seções 2.1.2.2, 2.1.2.3 e 2.1.3 a seguir, na década de 50 o discurso do *EM* mostra-se muito favorável aos governos estadual e federal).

“Aumento das tarifas nas ferrovias” (12/02/1956), por sua vez, noticia o aumento das tarifas para o transporte de mercadorias em todas as estradas de ferro pertencentes à União e o aumento dos preços das passagens nos trens suburbanos da Central do Brasil e da Leopoldina. São personagens apenas a COFAP, órgão que iria autorizar o aumento (personagem coletivo), e o representante do Ministério da Viação, sr. Ernani Assis Silveira.

Por fim, tarifas e preços relacionados aos combustíveis. O discurso jornalístico, como nos demais casos, ignora a opinião de usuários e trabalhadores. “Decisão hoje sobre a gasolina” (09/02/1955) trata de uma reunião do Conselho Nacional de Petróleo para decidir o preço do litro do combustível. “Ainda não foi aumentado o preço da gasolina” (15/02/1955) ouve o presidente da COFAP, general Pantaleão Pessoa, que informa não ter chegado às suas mãos processo sobre o aumento. Já “Revendedores e motoristas descontentes com o aumento da gasolina” (15/02/1955), “Os motoristas vão tratar diretamente com o prefeito do aumento da gasolina” (21/02/1955) e “Os carreteiros de gasolina pleiteiam melhores fretes” (06/04/1955) diferem das demais matérias por colocarem em destaque personagens comuns, entre eles trabalhadores, que merecem destaque desde o título. No entanto aparecem apenas como personagens coletivos (não são eleitos, pelo jornal, representantes para falarem em nome das respectivas categorias profissionais).

2.1.2.1.d. Política, legislação

Neste percurso semântico englobamos todos os temas e figuras envolvendo iniciativas dos poderes Executivo e Legislativo, como planos lançados pelos governos, discursos de políticos, posses e nomeações de dirigentes, leis, impostos etc.

Como é de se esperar neste caso (diferentemente do que aconteceu nos anteriores, excetuada a observação que fizemos em relação ao meio de transporte aéreo), encontraremos entre as personagens políticos e ocupantes de cargos importantes (diretorias de departamentos, ministros etc.), já que o principal aspecto temático é a política. Mas isso não impediria, mais uma vez, que a população aparecesse como personagem, já que está diretamente envolvida em leis e demais temas e figuras ligados à política, principalmente por ser o foco final dessas ações.

Começando pelas nomeações e posses de dirigentes, são exemplos dessas notícias “Tomou posse o ministro da Viação” (01/02/1955), em que o coronel Rodrigo Otávio Jordão Ramos substitui o engenheiro Lucas Lopes, e “No discurso de posse, o sr. Bias Fortes expõe as diretrizes de sua administração” (01/02/1956), tratando o governador em seu pronunciamento da melhoria dos transportes. A primeira matéria narra em terceira pessoa gramatical a posse do novo Ministro da Viação e seus planos para o cargo, enquanto a segunda simplesmente reproduz, provavelmente na íntegra, o pronunciamento de Bias Fortes, introduzindo-o pela frase “Ao investir-se nas funções de governador de Minas, o sr. Bias Fortes pronunciou o seguinte discurso:”.

“No discurso de posse (...)”, o governador diz: “teremos de exercer junto ao governo da União e com o apoio do povo mineiro e da nossa bancada na Câmara Federal, sem distinção de partidos, uma política capaz de remover as causas da deficiência do nosso serviço de transporte, melhorando as condições das nossas estradas de ferro, das nossas rodovias e da navegação fluvial”. É interessante notar como o governador cita o “povo mineiro” como apoiador de suas ações, o que, de certa forma, faz com que esse

personagem coletivo perca um pouco sua passividade no discurso do *EM* e ganhe, mesmo que retoricamente, características de agente. O governador também trata da navegação fluvial, tema bastante raro nas páginas do jornal à época.

Como citamos no início desta seção, também encontramos no percurso semântico da política matérias envolvendo anúncios de medidas governamentais. “Financiamento dos planos rodoviário e ferroviário” (16/06/1956) trata de um projeto de lei “a ser imediatamente enviada ao Congresso, transformando em ‘ad valorem’ o imposto sobre combustíveis” para atender “às necessidades financeiras dos planos quinquenais (*sic*) rodoviário e ferroviário, bem como à elevação do capital da Petrobrás”. São personagens o presidente Juscelino Kubitschek, “os ministros da Viação e da Agricultura, o presidente de Finanças da Câmara e representantes do Ministério da Fazenda”.

“Os principais problemas da economia mineira abordados pelo governador” (29/01/1956) trata dos problemas de infra-estrutura do país. A palestra proferida pelo então governador Clóvis Salgado no Fórum Econômico da Federação das Indústrias aborda, entre assuntos como educação, energia elétrica, siderurgia, saúde pública, agricultura etc., problemas ligados ao sistema ferroviário e às rodovias mineiras, temas que merecem destaque já no subtítulo, abaixo na íntegra:

Palestra do sr. Clóvis Salgado no “Fórum Econômico da Federação das Indústrias” – Urge modernizar e ampliar nosso sistema ferroviário – Rodovias, energia elétrica, pecuária, agricultura, fertilizantes, Vale do São Francisco, saúde pública, educação – Reação contra a siderurgia estatal fora de Minas (*EM*,29/01/1956,p.5)

“Atravessa o município de São Gotardo fase de grande progresso” (27/01/1956) informa sobre as realizações do prefeito da cidade, Cyro Franco, em “extraordinária obra administrativa em sua comuna”. Encontramos diversos adjetivos ao longo do texto, entre eles “próspera comuna”, “fase de grande progresso e realizações”, “as melhores [plantações de café] do mundo”, “notáveis obras públicas”, franco desenvolvimento”,

“larga importância”, entre outros. Quando trata de transportes, a matéria mantém o tom eufórico:

Não sendo dotada de ferrovia, São Gotardo tem, no entanto, excelente rede rodoviária (...). As estradas municipais (...) estão entregues ao tráfego e turmas de conserva da Prefeitura asseguram-lhe perfeitas condições de uso, durante todo o ano. Cerca de 15 ônibus diários (...) passam diariamente em São Gotardo, evidenciando o grande movimento da cidade e possibilitando-lhe completo intercâmbio comercial e humano com os demais pontos do território mineiro. (*EM*,27/01/1956,p.5)

Também vale ressaltar que a matéria traz uma foto grande do prefeito (*Anexo 3*), o que não era comum (uso de fotos) e confere ainda mais força à matéria e aos elogios cunhados ao administrador, que ganha um rosto e personifica a referida “extraordinária obra administrativa”.

Matérias como essa são comuns na década de 50, como podemos ver em “Doze meses à frente da prefeitura de Belo Horizonte” (02/02/1956), que faz um balanço de um ano da Prefeitura na administração Celso Azevedo. A matéria, que ocupa quase uma página inteira do *EM*, traz vários feitos atribuídos ao prefeito, entre eles melhorias em “abastecimento e transporte”. Para comprovar o que diz, a matéria traz várias tabelas e números, que fazem uma comparação entre as administrações anteriores e a da época. Segundo o discurso do *EM*, esses números “são bastante expressivos e fornecem a certeza de que, ao final do mandato de seu dinâmico prefeito, Belo Horizonte terá à sua civilização e ao seu progresso novos e poderosos instrumentos de estímulo, conforto e bem-estar.”.

Duas dessas tabelas (abaixo) concernem à temática transporte e trânsito: uma sobre “obras públicas e melhoramentos urbanos” e outra sobre “Transporte coletivo”. A primeira traz uma comparação entre o ano de 1955 e as médias dos anos de 1952 a 1954, em relação à quantidade (m² e m³) de calçamento e asfaltamento nesses períodos. A segunda traz a receita obtida com o transporte coletivo, segundo levantamento do Departamento de Bondes e Ônibus. Apesar de, por motivos que já apontamos, a fonte não ser totalmente

confiável⁹, o uso de números não deixa de ser um esforço do *EM* para justificar com dados concretos o que é dito na matéria (o que era muito pouco comum). Por outro lado, o uso também pode ser explicado por uma necessidade do jornal de “agradar” o prefeito (daí o tamanho da matéria, quase uma página inteira) e criar um efeito de credibilidade junto aos leitores.

| OBRAS PÚBLICAS E MELHORAMENTOS URBANOS | | | |
|---|-------------|--|---------|
| ABERTURA E PAVIMENTAÇÃO DE LOGRADOUROS | | | |
| E S P E C I F I C A Ç Ã O | Média | | 1955 |
| | 1952/1954 | | |
| A — CONSTRUÇÕES | | | |
| I — Abertura de logradouros | | | |
| 1 — Extensão | (1) 27.986 | | 4.298 |
| 2 — Terraplenagem (m3) | (1) 109.465 | | 119.850 |
| II — Encascalhamento (m2) | | | |
| 108.839 | | | 166.964 |
| III — Calçamento a alvenaria polidrica (m2) | | | |
| 86.835 | | | 14.675 |
| IV — Calçamento a paralelepípedo (m2) | | | |
| 2.585 | | | |
| V — Pavimentação asfáltica (m2) | | | |
| 6.753 | | | 4.533 |
| B — RECOMPOSIÇÕES DE CALÇAMENTO | | | |
| I — Concreto asfáltico (m2) | | | |
| 18.363 | | | 28.172 |
| II — Paralelepípedo (m2) | | | |
| 3.781 | | | 3.387 |
| III — Alvenaria polidrica (m2) | | | |
| 171.151 | | | 307.370 |
| IV — Base para reposição asfáltica (m2) | | | |
| 4.335 | | | 11.440 |
| V — Pintura no asfalto (m2) | | | |
| 1.376 | | | 20.372 |
| VI — Concreto em passeio (m2) | | | |
| 4.937 | | | 7.285 |

| TRANSPORTE COLETIVO | | | |
|---|----------------|----------------|--|
| DEPARTAMENTO DE BONDES E ONIBUS | | | |
| I — Receita e Despesa — 1954 - 1955 | | | |
| E S P E C I F I C A Ç Ã O | ANOS | | |
| | 1954 | 1955 (1) | |
| | Cr\$ | Cr\$ | |
| I — RECEITA | | | |
| 1 — Operativa (Bonds e Troleibus) | 32.863.706,50 | 46.779.398,40 | |
| 2 — Não Operativa | 2.380.985,70 | 2.201.771,20 | |
| Total da receita | 35.244.692,20 | 49.071.169,60 | |
| II — DESPESA | | | |
| 1 — Operativa (Bonds e Troleibus) | 36.607.467,40 | 45.705.435,60 | |
| 2 — Não Operativa | 3.952.374,00 | 6.406.030,00 | |
| Total da despesa | 40.559.841,40 | 52.111.465,60 | |
| III — LIQUIDO DE OPERAÇÃO | | | |
| 1 — Receitas operativas | 32.863.706,50 | 46.779.398,40 | |
| 2 — Despesas operativas | 36.607.467,40 | 45.705.435,60 | |
| Resultado (+ ou -) | - 3.743.760,90 | + 1.073.962,80 | |
| IV — RESULTADO GERAL | | | |
| 1 — Receita | 35.244.692,20 | 49.071.169,60 | |
| 2 — Despesa | 40.559.841,40 | 52.111.465,60 | |
| Resultado (+ ou -) | - 5.315.149,20 | - 3.040.296,00 | |

(*EM*,02/02/1956,pp.8 e 9)

“Minas e a expansão rodoviária” (09/06/1956) é outro exemplo de promoção do governo, desta vez concomitantemente do estadual e do federal. O discurso do *EM* não poupa elogios a JK:

Quando o eminente presidente Juscelino Kubitschek desenrolou a bandeira do binômio, como base de propaganda de sua candidatura no governo das alterosas, sentiu-se que um sopro de inspiração divina lhe orientava os passos para essa arrancada que acordou Minas do pesado letargo do preconceito e da apatia, vinculado ao conservantismo retrógrado daqueles que descrêm da inteligência do homem e do poder da vontade que personifica os grandes varões (sic) a serviço da coletividade, como força criadora que esmaga o negativismo com o punho forte da decisão e da iniciativa. (*EM*,9/6/1956,p.5)

⁹ Como forma se de eximir de prováveis divergências nos dados, o jornal coloca uma nota, abaixo da tabela “Transporte coletivo”: “Dados sujeitos a retificação”.

É preciso esclarecer que o texto não vem assinado e não ocupa os espaços destinados a artigos, que, diferentemente de outros textos jornalísticos, têm um lugar bem definido no *EM* (na página 4, junto ao editorial, ou em cadernos veiculados aos domingos, junto com contos e matérias mais culturais). A seleção lexical usada destoa da usada na época, que, mesmo trazendo adjetivos e advérbios cotidianamente, não usava hipérboles como as encontradas nesta matéria .

Um último exemplo demonstra a importância que a temática transporte e trânsito já tinha no discurso do *EM*. Em 29/06/1956, os *Diários Associados* publicaram um caderno inteiro, veiculado pelo *EM*, e provavelmente por mais veículos do grupo, sobre Minas. Intitulado “Caderno especial sobre a economia mineira”, o caderno traz mais de dez páginas sobre o que considera avanços e necessidades de Minas, não só economicamente, mas também política e socialmente.

Entre matérias sobre agropecuária, siderurgia e turismo, as sobre transportes são as que ocupam a maior parte do caderno. São elas: 1) “Ligações ferroviárias para solucionar o problema do transporte em Minas Gerais”, que trata das “finalidades econômicas, políticas e sociais” da ampliação da rede ferroviária; 2) “O progresso de Minas estará sempre ligado aos transportes terrestres”, que critica a falta de planejamento e o fato de as linhas férreas mineiras representarem pouco mais de 23% do total das linhas brasileiras; 3) “Mais de sete mil quilômetros de novas rodovias em Minas”, que elogia o “magnífico” trabalho que vem sendo realizado pelo DER; 4) “As condições de tráfego no rio São Francisco”, que aponta melhoria para alguns trechos e determina a “rede navegável” em “2 mil e 500 quilômetros” (como já apontamos, matérias sobre navegação fluvial eram extremamente raras, fazendo dessa reportagem uma exceção); 5) “Há 10 anos atrás não contava o Vale do rio Doce com uma única estrada de rodagem de tráfego permanente”, que noticia o avanço da região, afirmando que “A grande bacia aponta hoje como um dos grandes centros produtores de riqueza do Estado de Minas” e traça “o panorama atual dos transportes no Leste mineiro”;

e 6) “Minas necessita de 35 mil quilômetros de rodovias”, que explicita transformações pelas quais passaram as rodovias mineiras e planos de construções futuras.

Como nas demais matérias, políticos e especialistas são os principais personagens e fontes. O caderno traz várias tabelas e números para ilustrar o dito nos textos do jornal, esforço pouco comum então (como já afirmamos). Apesar de ter um tom eufórico e divulgar os avanços alcançados nos governos JK e Bias Fortes, os textos apontam problemas e deficiências do transporte em Minas, não os silenciando como fizeram várias outras matérias jornalísticas (principalmente as que promovem os governos e fazem deles um balanço absolutamente positivo, como mostramos há pouco).

2.1.2.1.e. Reivindicações, greves, outras manifestações

Nos anos de 1955-1956, são comuns as matérias que tratam de greves e outras manifestações reivindicatórias. No discurso do *EM*, esses movimentos são considerados ilegítimos, como podemos perceber nos exemplos a seguir.

Em 1955, a greve dos pilotos da empresa Panair do Brasil, iniciada após a demissão de um comandante, ganha espaço quase diariamente no *EM*, ao longo de todo o mês de janeiro. A primeira notícia, “Não haverá greve antes de sexta-feira” (05/01/1955), coloca a greve como algo sob o controle da empresa, negando que o movimento teria começo naquela semana. “Não haverá greve na Panair” (11/01/1955) segue o mesmo tom da matéria anterior, reforçando que o movimento não se firmaria. É interessante notar nessas duas matérias o uso do advérbio de negação no título, já na primeira palavra, procurando causar um efeito de contrariedade, de negação. Ao associar “não” e “greve” já na manchete, o discurso do *EM* coloca-se, implicitamente favorável à empresa e contrário aos pilotos, posição que assume de modo explícito no parágrafo de abertura do texto: “Tendo prevalecido a ponderação e o bom senso da maioria, felizmente não se concretizou a ameaça de greve dos pilotos da Panair do Brasil, como protesto pela dispensa do

comandante Lauro Roque”. A seleção dos substantivos “ponderação” e “bom senso”, assim como do advérbio “felizmente”, mostra que o *EM* é contra greves ou, ao menos, contra a greve na Panair.

Apenas 5 dias após a matéria que elogiava “a ponderação e bom senso da maioria”, os pilotos entram em greve. “Entraram em greve pilotos da Panair” (16/01/1955) traz nota oficial da empresa sobre o ocorrido, dizendo, no subtítulo, que a “empresa não quis considerar o ato”. Assim como nas matérias anteriores, o discurso do *EM* se posiciona contra os grevistas, o que podemos perceber pelo fato de o jornal ter publicado a nota oficial da Panair na íntegra e não ter dado voz aos pilotos, nenhuma chance de se explicarem. Os grevistas aparecem como personagens na matéria, já que são os agentes da greve, mas a eles não é dada a palavra. Assim, silenciando os pilotos, o *EM* leva a conhecimento do público-leitor apenas o discurso patronal, o discurso da Panair, legitimando, portanto, esse discurso em detrimento do discurso dos empregados. No embate, fica claro o posicionamento discursivo e ideológico do *EM*.

A seleção lexical de “Prossegue a greve da Panair” (18/01/1955) continua a mostrar a contrariedade do *EM*, já no parágrafo de abertura: “Ao contrário do que se esperava, ainda hoje o movimento não foi debelado.” “O movimento paredista da Panair” (21/01/1955) traz uma expressão ainda mais forte de posicionamento ideológico do jornal. O subtítulo da matéria caracteriza a greve como um “traumatismo moral” (“Nenhuma alteração no dia de ontem – ‘Traumatismo moral’”).

Assim, greves são condenadas pelo discurso do *EM* em todas as matérias que o jornal traz sobre o tema. Como apontamos acima, o *EM* não oferece nenhuma oportunidade de defesa aos grevistas, nem ao menos questiona a demissão do comandante, fato que desencadeou a greve. “Mesmo ilegal, a greve continua” (29/01/1955) reforça a ilegalidade do movimento (“A greve dos pilotos da Panair do Brasil, declarada ilegal pela Justiça do Trabalho, apesar de tudo continua estacionária”). “Proposta da Panair para a

solução da greve” (26/02/1955) confere, mais uma vez, voz somente ao lado oficial (“Presidida pelo Ministro Alencastro Guimarães, realizou-se na tarde de hoje uma mesa redonda destinada a estudar a situação criada com a greve dos pilotos da Panair”.)

Outra greve acontecida em 1955 demonstra novamente o claro posicionamento do *EM*. “Agitadores tentam levar os motoristas a greve” (28/04/1955) traz como subtítulo “Ignoram o movimento tanto os sindicatos patronais como os de empregados – Advertência da Delegacia de Ordem Pública – Somente os inimigos do regime, agitadores contumazes e os comunistas são capazes de agir assim”. Os termos por nós sublinhados mostram mais uma condenação desse tipo de ação pelo discurso do *EM*, que a associa apenas a inimigos, agitadores e comunistas. “Não há preparação de greve por parte de motoristas na capital ou no interior” (01/05/1955) reforça o posicionamento ideológico do jornal, afirmando que “a polícia está em condições de reprimir qualquer tentativa de perturbação da ordem”. Os grevistas são, portanto, desordeiros, perturbadores da paz.

Em 1956, outras greves merecem destaque, como em Vitória a greve de estudantes, que pleiteavam desconto nas passagens de ônibus. “‘Quebra-quebra’ em Vitória” (25/05/1956) traz a foto de um tumulto na cidade envolvendo um ônibus (*Anexo 4*). No texto, a seleção lexical e de personagens reafirma a posição do *EM*: “A cidade de Vitória foi abalada (...) por uma série de distúrbios e agitações”. Apesar disso, o *EM* diz que o quebra-quebra foi promovido por estudantes “inconformados com a intransigência dos empresários”, o que, implicitamente, chega a dar razão aos manifestantes.

“Depredação de bondes e ônibus também em S. Paulo” (07/06/1956) traz vocabulário semelhante: “visando a restabelecer a ordem e deter os responsáveis pelas agitações”. Nessa matéria, os agitadores não são apenas os manifestantes, mas também personagens ligados ao Partido Comunista. Além de posicionar-se contra a greve, o discurso do *EM* adota, novamente, uma postura anticomunista. Militantes do PCB são qualificados na matéria como aproveitadores, misturando-se aos manifestantes para fazer

propaganda: “Enquanto isso, o DOPS está envidando esforços para alijar do meio dos manifestantes elementos que se aproveitam dessas circunstâncias para explorações políticas. (...) foram presos dois funcionários do CTMC que distribuía boletins e vendiam ‘selos’ para o Quarto Congresso do PCB”. Logo, os desordeiros são de duas categorias: os grevistas e os comunistas, ambos os grupos perturbadores da ordem social vigente, do *statu quo*.

2.1.2.1.f. Queixas, denúncias

Este percurso semântico figurativo difere um pouco dos demais por dar um espaço privilegiado aos discursos dos leitores do *EM*, os cidadãos comuns que temos constantemente afirmado não terem voz no jornal. A coluna “Queixas e Reclamações” abre espaço para que os cidadãos se queixem de serviços, públicos ou não, envolvendo, entre outros assuntos, transportes em BH, asfaltamento de ruas e estradas, empresas de viagem etc. É importante ressaltar que não havia na época um espaço destinado aos leitores, como acontece nos dias de hoje com a coluna “Cartas à redação”. “Queixas e reclamações”, de certa forma, conseguia abrir esse espaço.

No dia 03/02/1956, a coluna traz, entre outras reclamações, “Buracos nas ruas” e “O transporte de gados”. Na primeira, “O motorista Euclides Barbosa Cunha, com estacionamento na avenida Afonso Pena, afirma que muitas ruas estão praticamente intransitáveis em vista da grande quantidade de buracos” e “pergunta qual o motivo pelo qual a prefeitura suspendeu o serviço de conserva das vias públicas”. Segundo o *EM*, a reclamação “está diretamente ligada aos serviços do Departamento de Obras da Prefeitura, a quem a endereçamos”.

Na segunda, a queixa vem de fazendeiros de Montes Claros, que “se mostram irritados com os contínuos atrasos dos [trens] especiais de gado da Central do Brasil. Afirmam que esses atrasos sempre foram mais ou menos freqüentes, mas agora se

tornaram diários e prolongados”. Segundo os fazendeiros, “os bois perdem peso durante a viagem, com prejuízo para os interessados”. A queixa, segundo a nota, foi encaminhada à direção da Central do Brasil. Dois dias depois, no dia 05/02, o jornal trouxe uma matéria sobre o assunto, “Continuam atrasando as cargas destinadas a Montes Claros”. A matéria, que trata não só do atraso de mercadorias, mas do desconforto dos passageiros, que para conseguirem um leito na Central precisam “dar gorjeta aos funcionários”, mostra que a coluna “Queixas” não só abre espaço aos leitores como pode até mesmo virar pauta para matérias.

Há também, neste percurso semântico figurativo, espaço para denúncias feitas pelo *EM*, como acontece em “Ônibus e lotações em mau estado continuarão a trafegar na cidade” (13/01/1955), “Colapso na viação férrea do Rio Grande” (19/01/1955), “Parece que uma quadrilha de ladrões de automóveis está agindo na cidade” (15/02/1955), “Esqueceu o Brasil de cobrar o preço da construção da Corumbá – Santa Cruz” (05/04/1955), em que o *EM* afirma que “O Rio de Janeiro (...) construiu praticamente sozinho a ferrovia Corumbá – Santa Cruz de la Sierra, sem ter recebido um pagamento efetuado por parte da Bolívia”, “Continuam em tráfego os ônibus e auto-lotações em mau estado” (01/05/1955), entre outras.

Costumam aparecer nessas matérias muitas siglas de órgãos do governo ou associações, muitas vezes os responsáveis pelos assuntos denunciados. Essas siglas (SET, COFAP, DBO) raramente vêm acompanhadas de seu significado, dificultando a leitura para quem com elas não está familiarizado e constituindo-se em linguagem quase técnica, restrita a um grupo. Fora essa nomenclatura, a seleção lexical costuma ser a mesma das notícias do dia-a-dia do jornal.

Sobre os Editoriais, é importante ressaltar que encontramos vários desses textos que traziam denúncias sobre irregularidades de transportes, obras, contrabando, entre outros. São exemplos: “Duas obras morosas” (25/02/1956), que denuncia a demora do

asfaltamento da BR-3 (“essa obra federal está se movendo com uma lentidão que chega a revoltar.”) e da construção da rodovia Belo Horizonte – Curvelo, esta do governo estadual; “Velho abuso sempre renovado” (07/03/1956), apontando o uso irregular de carros oficiais; ou “Um escândalo” (04/04/1956), sobre a importação clandestina de automóveis de luxo, tema recorrente nas páginas do *EM* (“Se este fosse um país em que a seriedade imperasse de alto a baixo, (...) em que o desejo de enriquecimento rápido e fácil cedesse lugar às (*sic*) boas praxes de atividade comercial, de há muito não se teria notícia (...) [da] descida incessante de automóveis de luxo no Rio e em outros portos nacionais.”).

Voltando à seleção lexical, que, como afirmamos, costuma seguir uma linguagem jornalística mais comum na maioria das matérias, pudemos perceber que em algumas notícias mais “inflamadas” ela se destaca, como é o caso de “O Brasil coleciona desertos por falta de transportes” (21/03/1956). A matéria trata da palestra do escritor Gustavo Corção, proferida na Confederação do Comércio do Rio. Já no subtítulo, o uso de uma metáfora afasta-se da linguagem jornalística mais corriqueira: “Sentimos na própria carne as deficiências em nosso serviço público”. A matéria termina com a frase “Temos oito milhões de quilômetros quadrados de território e, devido a nossa deficiência de transportes e a nossa falta de comunicações, vivemos numa espécie de coleções de desertos, uns dentro dos outros”, expressão que também difere do usual, mesmo naquela época. Nada do que vem escrito no texto é atribuído diretamente ao escritor Corção (nem pelo uso de aspas, nem pelo uso de outro procedimento relativo a discurso relatado), o que descarta a hipótese de o uso ter sido feito justamente por estar reproduzindo o discurso do palestrante.

Na nota “Questão de transporte”, publicada no dia 01/01/1956, em meio a outras em uma página destinada a uma espécie de retrospectiva do ano de 1955, podemos perceber um tom mais irônico, que também difere da linguagem usual de um jornal:

Desastre com o rápido mineiro: quatro mortos, 50 feridos. Continua sangrento o ano de cinquenta e cinco. (...) Maquinista apontado como causador do desastre. Afinal, achou-se o responsável: e os trilhos velhos, e a péssima conservação, e o excesso de carga, e os vagões velhos, e a locomotiva imprestável? Verdade? Quem quer a verdade? (EM,01/01/1956,p.1/3^aS)

Quanto aos personagens, fora a coluna “Queixas e Reclamações”, mais uma vez políticos, ocupantes de cargos de destaque, empresários e, vez ou outra, especialistas (engenheiros, técnicos, entre outros) são ouvidos em detrimento da população, mesmo que a matéria a envolva diretamente. “Com o crescimento da cidade agrava-se o problema dos transportes coletivos” (27/05/1956), por exemplo, trata de um assunto ligado diretamente ao usuário, que mais uma vez não é ouvido. O discurso do *EM* afirma ser “indispensável a criação de novas linhas de ônibus e lotações para sanar as falhas da rede de [ônibus] elétricos” e que habitantes de vilas e bairros afastados são “muito sacrificados”. No entanto, os personagens convocados a falar são do DBO (Departamento de Bondes e Ônibus). Não há ninguém para falar em nome da população.

2.1.2.1.g. Acidentes

Em 55-56, matérias que trazem como principal percurso semântico o dos acidentes costumam se assemelhar a boletins de ocorrência policial. Uma hipótese é que o discurso jornalístico usava como fonte esses boletins, não só os de delegacia, mas também os de médicos. Por conseqüência, é muito comum ver nas matérias uso de vocabulário específico a tal gênero e citação de personagens policiais. As testemunhas e vítimas têm espaço reduzido – são, na maioria das vezes, apenas citadas como participantes do ocorrido, apesar de serem identificadas de maneira bastante completa por nome, sobrenome, idade, ocupação, estado civil e residência. A elas, portanto, não é dada voz; o discurso jornalístico não recolhe o testemunho dos envolvidos.

Na matéria “Choques de veículos” (04/01/1955), o acidente é descrito como em uma narrativa policial, com detalhamento da hora exata do acidente e do número da placa do carro: “Às 3,30 horas do dia 1º, na confluência da avenida Santos Dumont com a rua Bahia, o ônibus de chapa 1-83-07, dirigido por Francisco Xavier (...)” (*grifos nossos*). Em “Um morto e dois feridos num choque de veículos” (31/01/1956), encontramos narrativa semelhante, também com riqueza de detalhes:

Um jovem morreu e dois outros ficaram feridos em grave acidente de trânsito (*sic*) verificado à noite na estrada dos Borges, à à (*sic*) altura do quilometro 12. A caminhonete de placa 7-15-84, dirigida por José Rocha Silveira, de 20 anos, motorista, solteiro, residente à rua Jacuí, 901, rodava desta capital em direção ao Borges. Em sentido contrário trafegava o caminhão de chapa 7-18-69, conduzido por motorista ignorado e que fugiu após o acidente. No ponto acima indicado, por motivo ainda não esclarecido, ocorreu o choque entre os dois carros. (EM,31/01/1956,p.10)

Nos dois últimos parágrafos da matéria, há destaque para as autoridades chamadas ao local do crime, apesar de não ser colhido o depoimento delas, o que corrobora a hipótese dos boletins como fonte da matéria (e não os próprios policiais):

Cientificado da ocorrência, o plantão Guerra, do Serviço Estadual do Trânsito, enviou ao local o motociclista 258 e o perito Cláudio. Também ali compareceu o delegado Alfredo Carneiro, de plantão na Inspetoria de Trânsito, o qual promoveu a remoção do corpo do infortunado motorista para o necrotério do DML e dos feridos para o hospital de emergência (*sic*). Foi aberto inquérito de praxe para esclarecer o fato. (Idem)

É o que também acontece em “Atropelada uma senhora pela caminhonete” (26/01/1956), que cita a ida de um oficial para fazer a ocorrência, sem colher dele qualquer depoimento:

Grave acidente de trânsito (*sic*) registrou-se ontem, cerca das 19 horas, nas proximidades do Colégio Estadual. A caminhonete de placa 7-06-52, dirigida por motorista não identificado e que fugiu após a ocorrência, trafegava pela avenida Augusto de Lima, em direção à praça Raul Soares. Ao atingir o cruzamento daquela via pública com a rua Ouro Preto, o citado veículo bateu contra o auto de chapa 5-05-37 e que se encontrava estacionado junto ao meio-fio. Em seguida a caminhonete atropelou a sra. Maria da Costa Araújo, de 46 anos, casada, residente à rua João de Matos, 10, ocasionando-lhe sérios ferimentos. (...) O motociclista Celestino, do Serviço Estadual de Trânsito, esteve no local colhendo dados para o relatório que apresentou ao plantão Américo Vitor. (EM,26/01/1956,p.16)

Quanto aos boletins médicos, o uso de jargões também sugere a cópia desses textos, como acontece em “Atropelada uma senhora pela caminhonete” (26/01/1956): “Apurou a reportagem que d. Maria de Araújo sofreu entre outros ferimentos fratura da base do craneo (*sic*). Por esta razão, acreditam os médicos que a tem sob seus cuidados ser difícil seu salvamento.” Outra matéria, “Quinze pessoas feridas num desastre” (13/01/1956), traz a lista completa das pessoas internadas no Pronto Socorro, deixando implícito (subentendido) que o repórter esteve lá e teve acesso às fichas médicas ou a dados relativos às internações: “Deram entrada no Pronto Socorro, a fim de se medicarem, os seguintes passageiros: Francisco Sales Fonseca, 72 anos, comerciante, residente em Caratinga; Alfredo Correia da Silva, 35 anos, casado, mineralogista, residente em São Paulo (...)”. A matéria se diferencia das demais por trazer “populares” como fontes do acidente, o que é bastante incomum. No entanto, as pessoas não são nomeadas, mas apenas citadas como “testemunhas”:

Segundo depoimento de testemunhas, ambos os motoristas, dos onibus (*sic*) de Araxá e de Patos de Minas apostavam corrida na ocasião do desastre, não sendo esta, por outro lado, a primeira vez que praticam ato toã (*sic*) condenável. Em seguida, afirmaram que tão logo passaram da Cidade Industrial, o onibus (*sic*) que se destinava a Patos passou à frente do “Araxá”. Teve início ali a “aposta”. Em certo trecho da estrada de Betim, rodando a quase cem quilômetros horários, conforme afirmaram vários passageiros, o onibus “Araxá” passou à frente do “Patos de Minas”. Já nas proximidades de Betim, “Araxá” perdeu terreno para o competidor, ocasião em que seu motorista, Livio Gonzaga Coelho, para ganhar a aposta, tentou passar à frente. Ocorreu, porém, o inevitável. (*EM*,13/01/1956,p.14)

Outra característica das notícias envolvendo acidentes, como já apontamos anteriormente, é o uso de palavras dramáticas para descrever esses acontecimentos, beirando o sensacionalismo. Substantivos que chamem a atenção do leitor são usados em substituição da palavra acidente, como em “A catástrofe verificou-se com um trem da Sorocabana, entre Itapevi e Amador Bueno”. O trecho foi retirado da matéria “Horrível desastre ferroviário em São Paulo” (02/03/1955). O item lexical sublinhado no título nos

aponta outro uso bastante freqüente nas matérias da época: advérbios e adjetivos são comuns e parecem querer sempre envolver o leitor, sensibilizando-o para os acontecimentos e as vítimas. O uso, por exemplo, do adjetivo “trágico” é recorrente para descrever os acidentes, como podemos perceber em “Trágico desastre com o rápido mineiro” (05/01/1955), matéria sobre um acidente ferroviário envolvendo mais de 70 pessoas; “Trágico desastre na rodovia de Nova Lima” (12/02/1955), que traz ainda no corpo da matéria o verbo esmagar, que, sem dúvida, tende a causar um efeito de choque no leitor (“destacando-se do caminhão, bobina esmagou o operário”); e “Morte trágica de uma criança” (15/02/1955).

Outros adjetivos tendem a causar efeitos similares, buscando sempre o envolvimento do leitor. É o que acontece em “Caminhonete em disparada matou uma linda criança” (11/01/1955), que também traz no corpo da matéria a palavra “trágico” (“O trágico acidente verificou-se na Rua Santa Quitéria”), e na matéria “Carro dirigido por uma senhora colheu e matou um fazendeiro” (04/05/1955), cujo parágrafo de abertura traz dois adjetivos e um advérbio: “Atropelamento fatal verificou-se pouco depois das 15 horas de ontem no cruzamento da av. Afonso Pena e da rua da Bahia. O auto chapa 63-83 (...) colheu violentamente (...) o infortunado homem do campo”). Encontramos, ainda, outros termos sintáticos com o mesmo objetivo (emocionar o leitor). É o caso dos verbos empregados na voz gramatical passiva “Desconhecido esmagado por uma locomotiva” (11/01/1955) e “Inteiraente destroçado o avião” (20/04/1955). Como dissemos antes, esses termos tendem a envolver o leitor com o acontecimento e, conseqüentemente, com a matéria, e a causar nele diferentes sensações, entre elas tristeza, compaixão, pena, consternação, entre outras.

2.1.2.1.h. Combustível

Percurso semântico bastante explorado na década de 50, o percurso figurativo dos combustíveis desenvolveu-se, principalmente, em matérias que noticiavam descobertas de novos lençóis petrolíferos e outros avanços da Petrobrás durante o governo JK. “Petróleo: vastos lençóis no país” (15/02/1955) é uma dessas matérias que traz a descoberta dos lençóis no território brasileiro, fruto do investimento do governo, assim como “Aumento da produção de petróleo” (14/03/1956), que aventa a possibilidade de exportação (“Já se cogita da exportação do produto”), “Novos poços de petróleo na Amazônia” (20/02/1956), “Decréscimo na importação de produtos petrolíferos” (27/05/1956) e “Trabalho intensivo e arrojado da Petrobrás na Bahia” (26/06/1956).

Em “Há esperanças de uma solução rápida para a exploração de petróleo no país” (19/04/1956), o discurso jornalístico reproduz parte do pronunciamento de Juscelino Kubitschek, em Manaus, durante banquete que lhe foi oferecido “pelas classes conservadoras no Hotel Amazonas”, personagem coletivo não identificado na matéria. A respeito do petróleo, o Presidente da República diz, em discurso direto, repetido pelo *EM*, que o presidente da Petrobrás lhe havia informado “que há esperanças de encontrarmos uma breve solução para o difícil e tardonho problema da exploração de nosso combustível líquido, já então se transformando em realidade, em coisa concreta, em possibilidades verdadeiras.”

São personagens comuns às matérias “dirigentes da Petrobrás”; Janary Nunes, presidente da empresa; o Presidente da República Juscelino Kubitschek; entre outros políticos e ocupantes de posições destacadas. Quanto ao léxico, os adjetivos (sublinhados) “vastos lençóis”, “novos poços”, “Trabalho intensivo e arrojado da Petrobrás na Bahia”, retirados dos exemplos acima, reforçam os temas implícitos modernidade e progresso, associados pelo discurso do *EM* ao tema do crescimento da Petrobrás.

Um texto que destoa de todos esses envolvendo o percurso semântico dos combustíveis é um artigo assinado por Assis Chateaubriand, publicado pelo *EM* em 21/03/1956, no qual o jornalista e empresário desautoriza e ridiculariza o depoimento dado pelo presidente da Petrobrás para o jornal *O Globo*:

Não sei de declarações mais deploráveis do que essas que aos nossos confrades d'O Globo vem de formular o cel. Janary Nunes. Causa espanto que (...) possa cunhar as afirmações intempestivas e desastradas que se contém na sua entrevista. (...) de outro modo não se explica o tom lírico com que lança os maiores disparates no campo de atividades ligadas ao óleo combustível. Para um presidente da Petrobrás atirar aos quatro ventos a afirmativa feita de que dentro de quatro meses entregará ao Presidente da República a solução do problema do petróleo, será preciso que ele esteja totalmente ausente do assunto. (*EM*,21/03/1956,p.4)

Artigos assinados eximem o jornal da responsabilidade do que ali foi dito. Mas não podemos ignorar que o personagem articulista era o principal proprietário da rede “Diários Associados” da qual o *EM* fazia parte. É, portanto, como se o jornal prestigiasse a Petrobrás e seus dirigentes, enaltecendo seus feitos e divulgando descobertas e avanços, e o artigo de Chateaubriand aparecesse para perturbar essa ordem perfeita, alertando seus leitores (porém sem muita ênfase, por se tratar de um artigo de opinião) de que nem tudo era tão perfeito como se dizia.

Outra possibilidade é o discurso do *EM* adotar uma linha editorial mais independente dos “Diários” e seguir o que ditavam o discurso hegemônico da imprensa mineira. Essa hipótese pode ser aventada pela publicação de “Aumento do capital da Petrobrás” (25/05/1956), em que o jornal abre espaço para a empresa contradizer por completo um artigo publicado por Chateaubriand em *O Jornal*. Ao subtítulo “Esclarecimentos a propósito de um artigo do sr. Assis Chateaubriand” segue a abertura “A propósito do artigo ‘Terra de tontos’ do sr. Assis Chateaubriand, publicado na edição de ‘O Jornal’, a direção da Petrobrás enviou carta ao matutino associado com os seguintes esclarecimentos (...)” – e seis parágrafos retirados da carta.

Temas e figuras relacionados com exploração do petróleo são, sem dúvida, a grande maioria no percurso semântico dos combustíveis, mas há outros tipos de textos, explorando outras formas de combustível. É o caso de “Uso do álcool anidro pelos automóveis” (05/06/1956), que divulga testes feitos com o álcool anidro para seu uso em veículos “em melhores condições que até então ou no lugar da gasolina”. A matéria conclui afirmando que, “Se aprovado o invento [‘um aparelho denominado aquecedor que (...) permitirá aos veículos de motor a explosão o uso de álcool anidro’], os automóveis poderiam deixar de usar gasolina, com apreciável vantagem para a economia nacional.”

Outra reportagem envolvendo um meio alternativo de energia é “Tardarão ainda os automóveis atômicos” (11/03/1956), em que um especialista (“dr. Peter Sykes”) fala sobre os avanços da energia atômica. O subtítulo da matéria afirma que a “energia nuclear progride, no entanto, a passos largos”, dizendo implicitamente ao leitor que a tecnologia chegaria, em não muito tempo, ao uso doméstico, como, por exemplo, combustível para automóveis. Mais uma matéria inusitada no discurso jornalístico da década de 50.

Além das matérias envolvendo diferentes tipos de combustível, encontramos outras referentes a preços, que resolvemos agrupar em custos, tarifas, preços por acharmos se tratarem de temas nos quais há predomínio desse percurso semântico (custos, tarifas, preços), apesar de se referirem também ao dos combustíveis.

2.1.2.2. Aspecto interdiscursivo: silenciamento

Como procuramos mostrar na seção 2.1.2.1, a seleção de personagens em 1955-1956 pretere cidadãos comuns como personagens, dando espaço, na grande maioria das vezes, apenas a políticos e demais personagens considerados importantes, por influência de cargo ou formação (como no caso de engenheiros e outros especialistas). Se o discurso do *EM* sequer cita esses personagens comuns, “do povo”, mesmo em matérias que os envolvem diretamente, acaba por silenciar tais grupos de pessoas (usuários, trabalhadores etc.).

É o que mostramos no percurso semântico figurativo dos meios de transporte. Matérias sobre o tema deveriam ao menos citar usuários, já que não haveria transporte coletivo se não fossem eles. Não é o que pudemos ver em matérias como “Não aceitam os motoristas as tabelas organizadas” (20/03/1956), que noticia uma mesa redonda promovida pela Rádio Guarani (pertencente ao mesmo grupo do *EM*) da qual participaram “o superintendente do SET, sr. Davidson Pimenta da Rocha, os srs. Ney Otaviani Bernis, procurador geral da prefeitura, Constantino Siqueira, Altair Marques Aguiar e Dílson de Aquino, representantes dos motoristas profissionais, (...) e os srs. Guy Xavier e Márcio Paixão, da Prefeitura Municipal, (...) [e] o vereador Hugo Pinheiro Soares, autor do projeto de lei”. Os usuários não participam do programa de rádio nem são convocados pela matéria do jornal a dar qualquer opinião, como já ressaltamos. Apesar de o assunto os envolver diretamente, por se tratar da institucionalização dos táxis em BH, eles não ganham espaço em nenhum dos dois veículos, tendo, portanto, seu discurso abafado pelos outros discursos que são ouvidos pelo *EM* e pela Guarani.

Em grande parte das matérias sobre política e legislação também é possível perceber o silenciamento de um discurso: o da oposição. Prefeitura, Governo Estadual e Governo Federal são elogiados rasgadamente, como na matéria “Minas e a expansão

rodoviária” (09/06/1956), que usamos de exemplo no item 2.1.2.1.h. Em matérias como essa, os governos são apresentados como dinâmicos, não havendo nelas espaço para críticas. E todas as denúncias que o próprio jornal faz sobre a precariedade de estradas e do transporte coletivo? São culpa apenas das administrações anteriores?

No percurso semântico figurativo das queixas, denúncias, os silenciados ganham voz, como vimos em “Buracos nas ruas” (03/02/1956), em que o motorista Euclides Barbosa Cunha questiona “o motivo pelo qual a prefeitura suspendeu o serviço de conserva das vias públicas”. A reclamação do motorista mostra precisamente o que fora silenciado apenas um dia antes, em “Doze meses à frente da prefeitura de Belo Horizonte” (02/02/1956). Como mostramos, o balanço de página inteira de um ano da Prefeitura Celso Azevedo divulga “aberturas de logradouros e calçamentos”, afirmando o *EM* que, “ao final do mandato de seu dinâmico prefeito, Belo Horizonte terá à sua civilização e ao seu progresso novos e poderosos instrumentos de estímulo, conforto e bem-estar.” O motorista questionou a suspensão do serviço de conserva (segundo o *EM*, “diretamente ligada aos serviços do Departamento de Obras da Prefeitura”), enquanto “Doze meses” não denuncia nenhum problema relativo aos transportes. Ao contrário, divulga a quantidade de calçamento feito em um ano de administração. Fica claro que os dois discursos do próprio jornal se opõem e um deles é comumente deixado em segundo plano pelo jornal: o do trabalhador/ membro do povo.

Esses são alguns exemplos que ilustram como o *EM* priorizava certos personagens em detrimento de outros. É comum em qualquer discurso essa “tomada de partido”, mesmo em discursos jornalísticos, apesar de os jornais afirmarem o oposto. Uma das grandes diferenças entre o discurso jornalístico do *EM* na década de 50 e o de hoje, aspecto que veremos mais detidamente no *Capítulo 4*, destinado às nossas considerações finais, é que o

jornal sequer ouve a outra parte em 1955-1956¹⁰. Ele simplesmente a deixa de fora da matéria. Isso não só em casos em que há oposição entre dois discursos, mas também em matérias nas quais os dois poderiam ser citados perfeitamente, sem conflitos, o que não é feito por falta de prestígio de um deles (sempre a população, os trabalhadores, os sem poder).

2.1.2.3. Aspectos simultaneamente intra e interdiscursivos: relação entre explícitos e implícitos

Diferentemente do que acontece na estratégia de silenciamento, na relação entre explícitos e implícitos o discurso jornalístico faz referência explícita a um tema, mas os desdobramentos deste tema ficam implícitos. Cabe ao leitor estabelecer as relações possíveis entre o discurso jornalístico e outros discursos em circulação, formando, então, as pontes possíveis entre o dito (explícito) e o não-dito explicitamente a ele ligado (implícito).

No percurso semântico figurativo dos meios de transporte, por exemplo, no tocante à seleção de personagens, muitas vezes os passageiros ficam apenas implícitos nas matérias, sendo citados explicitamente apenas em pronunciamentos de políticos. Estão associados a personagens como “povo” ou “população” ou ainda implícitos em temas como melhorias, por exemplo em “Vagões para a Central” (06/03/1956), que afirma que “As novas unidades [“vagões”] destinam-se a melhorar as condições de transportes tão difíceis e precárias naquela ferrovia”, o que nos leva a inferir como personagens nos usuários que enfrentam tais condições. Ficam implícitos não apenas os personagens usuários, mas os temas relacionados às causas da precariedade da ferrovia. Os motivos

¹⁰ Na parte dedicada à produção jornalística, o *Novo Manual de Redação* (1996) da *Folha de S. Paulo* registra a entrada “ouvir o outro lado”, em que afirma que “Todo fato comporta mais de uma versão. Registre sempre todas as versões para que o leitor tire suas conclusões”.

poderiam ser, entre outros, a falta de conservação ou o número reduzido de “vagões”, que poderiam ser traduzidos, qualquer um dos dois, em falta de investimento.

Outra matéria ligada ao transporte ferroviário e que também trata da questão do investimento federal é “De 4 e meio bilhões o déficit das ferrovias brasileiras” (19/04/1956), cujo principal percurso semântico figurativo é o dos custos, tarifas, preços. O que, a princípio, julgamos ser uma denúncia não passa da legitimação do discurso oficial. Juscelino Kubitschek, em fala ao Congresso, “traça algumas considerações absolutamente justas em relação às ferrovias brasileiras”, segundo o discurso do *EM*. “Afirmando que a fase pioneira das estradas de ferro já foi ultrapassada”, o personagem Presidente questiona a construção de novas ferrovias “que não venham atender a um tráfego mínimo razoável, ou pelo menos completar malhas interrompidas da rede de transporte existente”. Afirma, ainda, que a exploração das ferrovias “precisa se orientar segundo novo espírito industrial” e que “somente em casos especiais se justificam os ‘déficits’ de operação das empresas industriais do estado, como as ferrovias com a alegação de lucros indiretos e de estímulo ao desenvolvimento econômico”. As considerações “justas” são justificativas para a falta de investimentos nesse meio de transporte, tema que, apesar de extremamente complexo, é tratado pelo discurso oficial em seu aspecto puramente financeiro, de investimento público, que, nas palavras do presidente, deve ser pensado com “espírito industrial”.

Essas considerações podem ser feitas com base não só na própria matéria jornalística, mas em outras, como a que citamos anteriormente e que denuncia a precariedade do transporte ferroviário de passageiros, e como o Editorial “Ferrovia para minérios” (29/04/1956), também do percurso semântico dos meios de transporte. Nele, o discurso do *EM* defende que a prioridade do governo Juscelino seria o transporte de minérios, não o transporte de passageiros, já que o primeiro teria uma relação mais direta com o desenvolvimento econômico do país. Apesar de a matéria ter sido escrita em tom eufórico, já o título pode nos levar, implicitamente, a crer que o transporte de passageiros

não é prioridade. Ferrovia somente para minérios e não para outros propósitos é uma leitura possível desse título, apesar de não ser a única. O texto trata do transporte dos minérios, que ganham nova perspectiva em Minas devido ao anúncio da última etapa de um projeto da Mannesmann de construção de uma nova ferrovia para ajudar no escoamento da produção mineira para o litoral. Segundo o *EM*, “A expectativa é de que dentro em pouco tempo terão os mineiros resolvido um dos problemas mais graves de sua vida econômica, que é o da falta de transporte.” Transporte, aqui, se reduz ao transporte de cargas (minérios, para sermos mais exatos), não ao tema do transporte de passageiros.

Outro aspecto a ser considerado sobre este assunto é o transporte rodoviário. Como pudemos perceber no percurso semântico figurativo das obras, o número de obras envolvendo rodovias (asfaltamentos, aberturas de estradas, construções de pontes etc.) foi maior que o de obras envolvendo ferrovias. Mais de 2/3 das matérias selecionadas trouxeram como tema principal obras rodoviárias, enquanto o restante dividiu-se em outros tipos de obras (entre elas obras em ferrovias e em aeroportos). Tal número reforça o destaque dado no governo JK ao meio de transporte rodoviário, em detrimento a outros meios, mesmo que tal relação não apareça explicitamente nos exemplos que encontramos.

Mais um percurso semântico que podemos explorar nas relações entre explícitos e implícitos é o das reivindicações, greves, outras manifestações. Como pudemos ver em mais de um exemplo, a presença comunista em meio às manifestações contra aumento de tarifas era rechaçada veementemente pelo *EM*. Na matéria “Agitadores tentam levar os motoristas a greve” (28/04/1955), que citamos anteriormente, o jornal expõe sua opinião negativa sobre o partido, afirmando que “Somente os inimigos do regime, agitadores contumazes e os comunistas são capazes de agir assim”. “Depredação de bondes e ônibus também em S. Paulo” (07/06/1956) faz um ataque menos aberto: “Enquanto isso, o DOPS está envidando esforços para alijar do meio dos manifestantes elementos que se aproveitam dessas circunstâncias para explorações políticas. (...) foram presos dois funcionários do

CTMC que distribuía boletins e vendiam ‘selos’ para o Quarto Congresso do PCB”. De qualquer forma, nas duas matérias, mesmo que mais abertamente em uma do que na outra, o *EM* se posiciona contra as manifestações (“agitações”).

2.1.3. Aspecto interdiscursivo: oposições

Discursos opõem-se ou encontram-se, completam-se ou distanciam-se. Não há discurso que não se relacione com outros, que ocupe uma posição estanque e isolada em uma comunidade discursiva. Como já afirmamos anteriormente, mesmo que um discurso defenda determinada ideologia, traz em si fragmentos de outros discursos, seja a favor dela, seja contra.

No discurso do *EM* pudemos ver uma tomada de posição muitas vezes clara do jornal. Se em poucas denúncias e artigos o discurso jornalístico trouxe críticas ao governo, na grande maioria das matérias cobriu-o de elogios, principalmente o governo de Juscelino Kubitschek. De uma maneira ou de outra, dois principais discursos afluíam: o discurso governista e o discurso antigovernista, ou oposicionista. O primeiro, hegemônico, predominante, apontava os méritos do governo, enquanto o segundo, na maioria das vezes implícito ou silenciado, questionava falhas e cobrava ações. A seguir, iremos rever cada um dos principais percursos encontrados, para levantar a oposição interdiscursiva neles predominante.

2.1.3.1. Oposição /progresso/ x /atraso/

Em alguns dos percursos semânticos encontrados por nós no discurso do *EM* na década de 50, esta parece ser a maior oposição: entre progresso e atraso. É o que acontece nos percursos semânticos dos meios de transporte, das obras, da política e legislação e dos combustíveis.

No percurso semântico dos meios de transporte, se, por um lado, o discurso jornalístico denunciou que nosso país “colecciona desertos” por causa de deficiências na comunicação e nos transportes, por outro, noticiou que JK “acordou Minas do pesado letargo do preconceito e da apatia” quando “desenrolou a bandeira do binômio [Energia e Transporte]”, o que significa implicitamente que o presidente trouxe desenvolvimento nas duas áreas para os mineiros. Há implícitos, respectivamente, discursos que se reportam ao atraso e ao progresso, à estagnação e às melhorias. O jornal não traz os dois discursos em uma mesma matéria: ora defende o governo e suas obras públicas; ora o ataca, acusando o governo de má conservação do patrimônio.

Mesmo que dois discursos apareçam no jornal, predomina claramente o discurso do progresso, encontrado, como já ressaltamos antes, em um número muito maior de matérias do que o discurso do atraso. Assim, acaba ficando claro também o posicionamento ideologicamente governista do *EM* no que tange o percurso semântico figurativo dos meios de transportes. O jornal não deixa de publicar denúncias, mas o faz em uma quantidade de vezes bem menor do que a publicação de elogios de melhorias nos meios de transporte existentes à época.

A mesma oposição prevalece no discurso sobre as obras em 1955-1956. Como pudemos ver no tópico destinado a tal percurso semântico (2.1.2.1.b. *Obras*), há prevalência de matérias que divulguem obras do governo ou futuros projetos, como mostram os títulos das seguintes matérias jornalísticas: “Será inaugurada hoje a ferrovia Brasil Bolívia” (05/01/1955), “Vão ser retomadas as obras da Fernão Dias em São Paulo” (05/01/1956), “Início da grande rodovia Belo Horizonte – Planaltina” (19/01/1956), “Trilhos do progresso” (19/01/1956) e “Estão sendo ampliados os mais importantes aeroportos do país” (04/04/1956).

Tais matérias indicam, mais uma vez, um posicionamento ideológico do discurso jornalístico favorável ao(s) governo(s) da época, fazendo o jornal papel semelhante ao de

assessor de imprensa dos órgãos públicos: a divulgação se dá de forma direta, sem questionamentos. Títulos como “Início da grande rodovia Belo Horizonte – Planaltina” (19/01/1956) e “Trilhos do progresso” (19/01/1956), retomados acima, reforçam o tom eufórico nos noticiários sobre obras públicas e ressaltam, explicitamente no segundo exemplo, o discurso do progresso adotado pelo *EM*. No percurso semântico figurativo das obras, o *EM*, mais uma vez, deixa de lado o papel de crítico ou fiscalizador do poder público para adotar uma postura favorável aos governos estaduais e federais, simplesmente retransmitindo ao público leitor algo semelhante a uma propaganda política.

No percurso semântico da Política e legislação não é diferente. Assim como nos exemplos anteriores, o jornal divulga fatos relativos aos governos estadual e federal como benefícios ao povo brasileiro. Também nesse percurso semântico prevalece a defesa do progresso, trazido com os personagens novos governantes, em detrimento de denúncias que poderiam abordar aspectos relativos ao atraso. Foi o que mostramos em exemplos como “Doze meses à frente da prefeitura de Belo Horizonte” (02/02/1956), que trouxe uma página inteira recheada de aspectos positivos da administração de Celso Azevedo, ou “Minas e a expansão rodoviária” (09/06/1956), um levantamento também dos feitos, desta vez do governo estadual, em relação ao transporte rodoviário.

Nas poucas vezes em que o jornal se refere a atrasos, ou seja, a aspectos disfóricos envolvendo os governos, ouve justamente o lado oficial. Não se trata, pois, de um ataque, mas de uma chance dada aos governantes de se defenderem. É o caso de “Os principais problemas da economia mineira abordados pelo governador” (29/01/1956), que trata dos problemas de infra-estrutura do país através da palestra proferida pelo então governador Clóvis Salgado. O que seria uma chance de o jornal questionar os reais problemas econômicos do estado não passa de uma divulgação da palestra do personagem governador mineiro.

Outro percurso semântico que desenvolve como principal oposição a entre

/progresso/ e /atraso/, novamente enfatizando o progresso, é o percurso semântico figurativo dos combustíveis. Como pudemos ver no item 2.1.3.h., a maioria das matérias envolvendo esse percurso semântico tratou de descobertas científicas, investimento em pesquisa e crescimento da Petrobrás. São exemplos: “Trabalho intensivo e arrojado da Petrobrás na Bahia” (26/06/1956), “Há esperanças de uma solução rápida para a exploração de petróleo no país” (19/04/1956), que aponta o cessar de importação de petróleo em nosso país para breve, e “Uso do álcool anidro pelos automóveis” (05/06/1956). Tais matérias jornalísticas apontam para avanços em nosso país, reforçando a ideologia que inclui os temas modernização e progresso, abraçadas pelo governo de Juscelino e divulgadas pelo *EM* na maioria de suas edições.

2.1.3.2. Oposição /mais poderosos/ x /menos poderosos/

Diferentemente do que aconteceu nos percursos semânticos citados acima, no percurso figurativo dos custos, tarifas e preços, o posicionamento ideológico do *EM* não se dá mais em torno da oposição /progresso/ x /atraso/ ou /denúncia/ x /conformismo/. A principal oposição aqui parece ser entre o discurso dos empresários, proprietários dos meios de transporte, e o discurso dos usuários, entre eles estudantes e trabalhadores. O jornal divulga em suas páginas matérias que mostram o embate entre os personagens proprietários dos meios de transporte e aqueles personagens que fazem uso deles, principalmente no que diz respeito ao tema aumento de passagens.

Foi o que procuramos mostrar com as matérias jornalísticas “Revisão das tarifas de bonde” (07/06/1956) e “Unificação do sistema de transportes coletivos” (06/06/1956). Se, por um lado, a primeira dá ênfase ao discurso empresarial, já que não dá voz aos personagens usuários para se manifestarem, a segunda procura ouvir vários personagens envolvidos na questão do aumento das passagens, inclusive os estudantes (que são ao mesmo tempo usuários e líderes do movimento anti-aumento). Mas, novamente, o jornal

abre espaço ao discurso oficial em detrimento ao da oposição, como mostramos em “Depredados 212 bondes pelos estudantes” (31/05/1956), matéria que ouve os personagens Presidente, o prefeito, o juiz de menores e o chefe de polícia. Os personagens manifestantes não foram, mais uma vez, ouvidos.

A mesma oposição parece se repetir em reivindicações, greves, outras manifestações, percurso semântico figurativo em que o jornal elege como “legítimo” o discurso patronal. “Entraram em greve pilotos da Panair” (16/01/1955) traz nota-oficial da Panair na íntegra. Aos pilotos não é dada nenhuma chance de explicação, apesar de serem personagens chave na matéria (já que são os agentes da greve e aparecem desde o título). Outra expressão que indica fortemente o posicionamento ideológico no discurso do *EM* (que também usamos como exemplo anteriormente) caracteriza a greve da Panair como um “traumatismo moral” (“O movimento paredista da Panair” - 21/01/1955).

2.1.3.3. Oposição /denúncia/ x /conformismo/

Uma exceção ao posicionamento ideológico predominantemente governista do *EM* encontra espaço no percurso semântico das queixas e denúncias. Nesse percurso, ao contrário do que vimos nos demais, o jornal abre espaço para críticas ao governo. O descaso dos personagens governantes aflora em matérias como “O Brasil coleciona desertos por falta de transportes” (21/03/1956), “Duas obras morosas” (25/02/1956), “Velho abuso sempre renovado” (07/03/1956) – sobre o uso irregular de carros oficiais, “Ônibus e lotações em mau estado continuarão a trafegar na cidade” (13/01/1955) e “Colapso na viação férrea do Rio Grande” (19/01/1955). O discurso da denúncia e da indignação, nessas matérias, é priorizado em detrimento ao do conformismo, assumindo o jornal papel de denunciador e questionador.

Apesar de as matérias jornalísticas resumirem-se, na maioria das vezes, ao simples noticiamento de acontecimentos no percurso semântico figurativo dos acidentes, também é

possível destacar nesse percurso semântico o inconformismo. Os títulos “O delírio de velocidade faz mais uma vítima” (01/01/1955) e “O acidente foi provocado por dois irresponsáveis” (13/01/1956) apontam para a irresponsabilidade dos personagens motoristas que causaram dois graves acidentes, adquirindo, ambos, um caráter de denúncia e acusação. Alguns adjetivos, usados na matéria, como ressaltamos anteriormente, para prender a atenção do leitor e o emocionar, também possuem um tom disfórico que ganha nuances de denúncia, como em “Horrível desastre ferroviário em São Paulo” (02/03/1955), “Trágico desastre com o rápido mineiro” (05/01/1955) e “Trágico desastre na rodovia de Nova Lima” (12/02/1955). Apesar de esses adjetivos tenderem a provocar efeito de compaixão e choque muito maior do que o de indignação, não deixam de chamar a atenção para os acidentes de uma maneira negativa, provocando no leitor inferências sobre temas como violência, irresponsabilidade etc.

2.1.4 Credibilidade e captação

Como apontado no *Capítulo 1*, credibilidade e captação não se separam. Ao mesmo tempo em que o discurso de um veículo midiático busca seduzir seu leitor, pretende que ele acredite que o que ali está veiculado é incontestável. A relação, portanto, acontece num constante jogo de persuasão, tanto para vender o produto (no caso do *EM* as notícias e anúncios veiculados junto a elas) quanto para fazer-se acreditar. No entanto, alguns recursos ou estratégias parecem ter em vista mais um aspecto do que outro, o que também ressaltamos na *Introdução* deste trabalho.

Analisando as estratégias de persuasão, por exemplo, pudemos notar que a principal maneira de captação usada pelo discurso do *EM* na década de 50 (ao menos nas matérias analisadas) acontece pelo uso de seleção lexical apelativa, forte, dramática. Ao criar manchetes como as que citamos anteriormente (“Capotou espetacularmente”, de

18/01/1956, “Locomotiva matou a velhinha surda”, de 07/06/1956, “Criancinha esmagada por um caminhão”, de 23/05/1956, entre outros), o jornal jornalístico, sem dúvida, tende a prender a atenção do leitor e sensibilizá-lo.

A credibilidade, por sua vez, encontra respaldo na voz discursiva de personagens considerados importantes. Quando convoca um político ou um especialista para falar em suas páginas, é como se o discurso jornalístico se afastasse e, ao mesmo tempo, se eximisse de responsabilidade: quem passa a falar não é o jornal, é o personagem convocado. Assim, quando reproduz um pronunciamento de Juscelino Kubitschek, o *EM* encontra respaldo na autoridade do presidente para fazer seus leitores crerem que o que ali é tratado é verdadeiro. O mesmo acontece quando o *EM* apresenta como personagens delegados, plantonistas e outras autoridades a par dos acontecimentos noticiados. Quando o *EM* escreve que “ali compareceu o delegado Alfredo Carneiro, de plantão na Inspetoria de Transito, o qual promoveu a remoção do corpo do infelizmente motorista para o necrotério do DML” (“Choques de veículos” - 04/01/1955) deixa claro que o personagem responsável pelas informações é um policial ocupante de cargo importante, que fala de um lugar que inspira confiança.

A seleção lexical também busca produzir efeito de verdade nos leitores quando usa, por exemplo, termos técnicos para informar sobre ferimentos de vítimas, como acontece em “sofreu traumatismo cranio-encefálico, com fratura exposta do parietal” (“Dramático acidente” - 24/05/1956). O detalhamento técnico, por mais que tenha pouco significado para os leitores leigos, tende a criar a sensação de se estar dizendo a verdade.

Assim, seja selecionando termos “apelativos”, seja entrevistando personalidades públicas ou especialistas (como médicos e policiais) o discurso do *EM* procurava conquistar seus leitores e os convencer. Se o jornal se preocupasse apenas em captar leitores, não conseguiria mantê-los e ser tido como um veículo de referência, de confiança. Por outro lado, caso se preocupasse apenas com sua credibilidade, não conquistaria seus

leitores.

2.2. Aspectos da sintaxe discursiva

Após essa longa discussão dos aspectos semânticos, passemos agora aos relativos à sintaxe discursiva. Como já apontado anteriormente, iremos tratar neste trabalho de três principais: diagramação, escolha dos tempos verbais e discurso relatado (escolha do discurso direto ou indireto de personagens). Escolhemos esses aspectos em função da importância que têm não só para a AD, já que são categorias recorrentes em diversos estudos da área, mas também para o jornalismo. Esses recursos são extremamente válidos em análise de discursos jornalísticos por serem imprescindíveis a qualquer matéria: não existem matérias fora da organização interna/diagramação de um jornal (as matérias vêm inseridas em uma determinada página, em uma certa seção ou editoria etc.), os tempos verbais ganham grande destaque no espaço mais nobre de um jornal, que são as manchetes, e não existem matérias sem personagens, daí a importância de se analisar como o *EM* lhes dá voz.

2.2.1. Tempos verbais

No tocante à escolha dos tempos verbais, como já apontamos na *Introdução*, estudamos o uso de tempos verbais nos títulos por julgarmos ser este um espaço de grande importância no intradcurso jornalístico, “uma região-chave que é o articulado e articulador do jornal, a expressão de sua estrutura.” (MOUILLAUD,2002:99). Tal importância se deve essencialmente pelo fato de os títulos ou manchetes serem o lugar de apresentação da notícia, com o qual o leitor tem contato antes de ler a matéria jornalística e os detalhes do acontecimento ali tratado. São, pois, como uma sinopse do que virá a seguir, um forte

indicativo do que esperar.

Antes de tratarmos dos tempos verbais nesse espaço tão característico do jornal, uma das diferenças mais visíveis em relação aos dois grupos que analisamos, vale ressaltar que os títulos encontrados em 1955-1956 diferem pelo menos em mais um aspecto dos da atualidade. É comum, por exemplo, encontrarmos títulos nominais, como “Providência danosa para o povo” (11/02/1955), “Verba para a Leopoldina” (18/05/1956), “Automóveis nacionais dentro de 3 anos” (21/06/1956), “Revisão das tarifas de bonde” (07/06/1956), o que é pouco usual nos jornais da atualidade. Com exceção de matérias que tratam de dicas e comportamento, como “Ao volante na maturidade” (23/04/2005) e “Cuidados que valem uma vida” 13/05/2006, é comum vermos nos jornais de hoje o uso recorrente de verbos nas manchetes, que, como trataremos no capítulo 3, têm por função principal colocar leitor e acontecimento *in praesentia*.

Tais verbos são conjugados, na grande maioria das vezes, no presente do indicativo, diferentemente do que acontecia em 55-56, quando os verbos no passado construíam uma relação estreita com os fatos que o jornal trazia. Nessa época, a lógica discursiva do jornal parece ser, portanto, que fatos acontecidos no tempo passado sejam noticiados com verbos no passado. São exemplos: “Caminhonete em disparada matou uma linda criança” (11/01/1955), “Caminhão matou um trabalhador” (30/01/1955), “O presidente viajou em helicóptero” (06/02/1955), “Jovem professora que pretendia ser freira foi morta por um caminhão” (06/02/1955), “A locomotiva atirou longe o agricultor” (07/02/1956), “Caiu do caminhão” (01/03/1956), “Criancinha esmagada por um caminhão” (23/05/1956).

No entanto, nem todos os verbos são conjugados no pretérito. Alguns aparecem no presente, como é o caso de “Entram em greve pilotos da Panair” (16/01/1955), “Mesmo ilegal a greve continua” (29/01/1955), “Os carreteiros de gasolina pleiteiam melhores fretes” (06/04/1955), “Continuam atrasando as cargas destinadas a Montes Claros”

(05/02/1956), “Estão sendo ampliados os mais importantes aeroportos do país” (04/04/1956), “Donos dos ônibus intermunicipais fazem ameaças” (05/04/1956) e “Falta dinheiro à Amazônia para a produção de petróleo” (13/06/1956). Nesses casos, parece haver o intuito, por parte do discurso jornalístico, de enfatizar o presente ou de causar um efeito de presente no leitor, levando-o a perceber a importância do fato que está acontecendo agora (o uso do verbo ‘continuar’ em “Continuam atrasando as cargas destinadas a Montes Claros” se dá justamente para enfatizar a idéia do agora, do hoje).

É o que também acontece com verbos empregados no futuro, como nos exemplos “Será inaugurada hoje a ferrovia Brasil-Bolívia” (02/01/1955), “Não haverá greve antes de sexta-feira” (05/01/1955), “Não haverá greve na Panair” (11/01/1955), “Ônibus e lotações em mau estado continuarão a trafegar na cidade” (13/01/1955), “As viagens interplanetárias serão tão simples como um passeio de bonde” (27/02/1955), “Vão ser retomadas as obras da Fernão Dias em São Paulo” (05/01/1956), “Minas ficará mais próxima do mar” (15/04/1956). Nessas manchetes, o que se causou foi um efeito de futuro nos leitores, mostrando-lhes fatos que acontecerão/não acontecerão em um tempo que ainda está por vir. Nesses casos, é também interessante perceber como o discurso do *EM* se faz assertivo, certo do que diz, em suas manchetes. A manchete de 11 de janeiro de 1955, por exemplo, parece garantir que não haverá greve na Panair, apesar de apenas cinco dias depois o jornal noticiar em suas páginas a greve (“Entram em greve pilotos da Panair” - 16/01/1955). É o que também acontece em “As viagens interplanetárias serão tão simples como um passeio de bonde”, de 27 de fevereiro de 1955. O discurso do *EM* não apresenta o fato como provável, o que poderia ser alcançado com o uso de um modalizador (como em “as viagens poderão ser simples”), mas como certo (elas, com certeza, serão simples).

Logo, em relação à categoria dos tempos verbais, cabe ressaltar que, na década de 50, a relação da manchete era muito mais com o fato, com o acontecimento noticiado, do que com as edições do jornal. Como mostramos no capítulo anterior, para Mouillaud

(2002:176), a relação estabelecida nos jornais de hoje passa a ser com o próprio jornal e com a informação, não com datas históricas, o que discutiremos melhor no capítulo seguinte, quando tratarmos dos tempos verbais em 2005-2006.

2.2.2. Discurso relatado e discurso citado

Dentro dos aspectos relativos à sintaxe discursiva, no caso do discurso relatado, podemos perceber, na década de 50, um grande desequilíbrio entre o espaço dado a personagens como políticos e demais autoridades e aquele dado a pessoas comuns, mesmo estando elas envolvidas nos acontecimentos. Os que têm voz no jornal são, em sua maioria, políticos, militares e outras personalidades de destaque. Muitas vezes, o discurso desses personagens é praticamente reproduzido pelo jornal, sem cortes.

Na matéria “Revisão das tarifas de bonde” (7/6/1956), por exemplo, o *EM* traz boa parte do discurso de Milton Campos, à época presidente da UDN:

Assim se manifestou o sr. Milton Campos: - Não oculto o meu regozijo ante a vitória popular que foi o reconhecimento, pelo governo, da procedência da reivindicação relativa ao aumento dos bondes. Lamento, entretanto, que o Chefe do Governo se tenha lançado na exploração demagógica que não poupou nem mesmo o alto recinto do Supremo Tribunal e que culminou ontem no Catete quando procurou dar a impressão de que não era aos estudantes a que atendia. Muito mais correto seria proclamar que o atendido era o povo, e nem isso haveriam de ficar menos satisfeitos os estudantes, que não atuaram como classe e sim como povo, e, segundo reiteradamente declararam, não reivindicavam para si, mas para toda a população. A lição a tirar do episódio é esta: os moços seguiram uma inspiração democrática e trabalharam, não no interesse de sua classe, mas no interesse popular. Merecem, pois, os aplausos da população. (*EM*,7/6/1956,p.4)

Cunha Melo, “um dos líderes do Governo no Senado”, é outro personagem que ganha bastante espaço na notícia (quase um parágrafo inteiro). Os usuários do transporte, no entanto, personagens de grande importância para uma matéria que trata de aumento de passagens, não são ouvidos.

Apesar de ser bastante comum o uso do discurso direto, como pudemos ver no exemplo acima, também encontramos várias ocorrências do discurso indireto, como acontece em “De 4 e meio bilhões o déficit das ferrovias brasileiras”, de 19/04/1956. A matéria explora o pronunciamento do presidente à época, Juscelino Kubitschek, mas, em vez de reproduzir seu discurso, o cita em terceira pessoa.

Em sua mensagem anual ao Congresso, o sr. Juscelino Kubitschek traça algumas considerações absolutamente justas em relação às ferrovias brasileiras. Afirmando que a fase pioneira das estradas de ferro já foi ultrapassada, o presidente da república manifesta-se contra a construção daquelas que não venham atender a um tráfego mínimo razoável, ou, pelo menos, completar malhas interrompidas da rede de transportes existentes. A exploração das ferrovias – adianta- precisa de se orientar segundo novo espírito industrial. (*EM*, 19/04/1956, p.11)

Assim, tanto usando de aspas quanto parafraseando a fala de seus personagens, o *EM* na década de 50 apenas dá espaço em suas páginas a personagens considerados ilustres. Pessoas comuns aparecem nas matérias, mas são personagens sem voz, que compõem o cenário, mas não participam dele ativamente.

2.2.3. Diagramação: a organização formal de temas e figuras semânticas

Como já apontamos no capítulo anterior, muitos aspectos no discurso do *EM* da década de 50 causariam estranheza em leitores dos dias de hoje, e um deles é, sem dúvida, a organização e distribuição dos temas e figuras em matérias no jornal, mais conhecida como diagramação, no discurso jornalístico. Em uma primeira leitura, superficial, as matérias do *EM* podem parecer arranjadas de forma caótica, distribuídas quase que por acaso entre as diversas páginas do jornal. A primeira página, por exemplo (veja *Anexo I*), traz uma infinidade de notas que, segundo a linha editorial do jornal, merecem destaque, mas quase nenhuma delas é desenvolvida no interior do jornal. Trata-se, portanto, de um emaranhado de pequenas matérias, pouquíssimas delas ilustradas por fotografias (há

apenas duas ou três fotografias na 1ª página de uma edição da época). Mas quando nos familiarizamos com o jornal, percebemos que esta é a função da primeira página à época: trazer os destaques do dia, de forma reduzida, já no primeiro contato com o jornal. O que está impresso na primeira página não é, portanto, um índice para o que virá no interior (como estamos acostumados hoje), mas pequenos resumos das notícias que o veículo deseja destacar.

Outro aspecto que chama a atenção é que o jornal traz, na grande maioria das edições, apenas dois cadernos ou “secções” (não raramente, o exemplar resume-se a um caderno). Como não há a divisão entre cadernos, parece não haver também uma divisão entre editoriais. As notícias parecem não ter uma hierarquia ou mesmo uma distribuição lógica, como podemos perceber abaixo, na página 14 do dia 18/01/1956:

Capotou espetacularmente o loteamento

O coletivo em excesso de velocidade
Os freios não funcionaram — Vários feridos — O jovem foi ferido à bola — Larapios detidos — Furtado pelas mulheres

Tentou suicidar-se

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

MORFIM
interiores - o maior Capital. Visitem e exposições

FACULDADE DE DIREITO DA U.M.G.
(CONCURSO DE HABILITAÇÃO)
A secretaria da Faculdade de Direito da U.M.G. avisa que para maior facilidade

(EM,18/01/1956,p.14)

Como essa, a maioria das páginas do EM é composta por um emaranhado de pequenas notas. Dentro da matéria “Capotou espetacularmente o loteação” (18/01/1956), por exemplo, aparecem vários outros temas e figuras não diretamente ligados ao título,

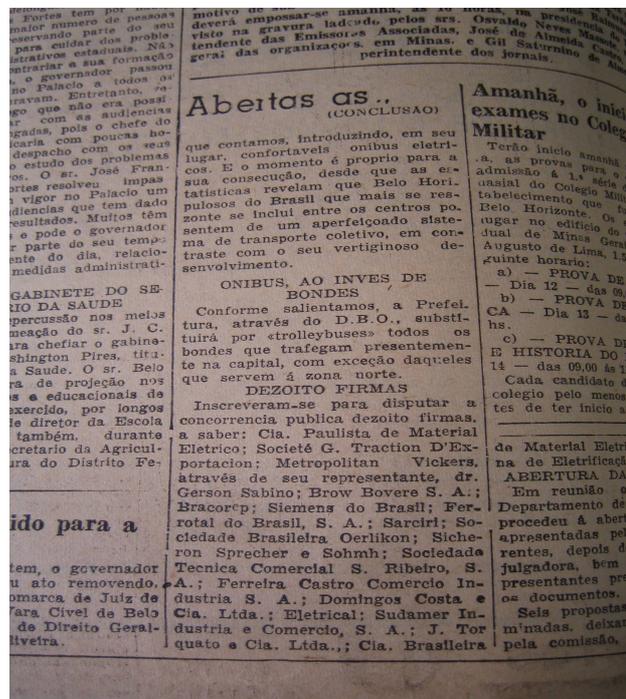
como “O jovem foi ferido a bala”, “Larápios detidos”, “Furtado pelas mulheres”, “Tentou o suicídio”, “Agredido”, “Briga”, “Não foi infanticídio” e “Medicados no Pronto-Socorro”, todos entre-títulos da matéria jornalística que citamos. Fica a impressão de que as notas são arranjadas nas páginas de acordo com o espaço que ocupam, mas essa impressão logo se desfaz quando percebemos que cada página costuma trazer um mesmo tipo de notícia.

A página dois sempre traz notícias relativas à economia, sendo dividida, muitas vezes, entre as seções “Comércio – Finanças – Produção” e “Bolsas & mercados”. A página três traz notícias de política; e a quatro, o Editorial, artigos assinados e a maioria das continuações de matérias de outras páginas, uma peculiaridade do *EM* em 55-56. As matérias que não cabiam nas páginas às quais estavam destinadas, independentemente de a página vir antes ou depois da página quatro, teriam ali a parte final de seu texto. No exemplo abaixo, podemos ver que a matéria “Oitenta novos ônibus elétricos” (01/03/1956) termina no meio de uma frase “(...) em suma, substituir, na sua maioria, os velhos bondes com” seguida de “CONCLUI NA 4ª PAG.”.



(EM,01/03/1956,p.16)

Na página 4 encontramos realmente a continuação da matéria, o que parece engraçado já que a primeira parte estava na página 16, posterior a essa continuação. Assim, mesmo que as notícias viessem na última página do jornal, todas as continuações eram escritas na página quatro, respeitando a organização diária do *EM*.



(EM,01/03/1956,p.4)

Nas demais páginas do jornal, não podemos perceber uma organização muito fixa, mas há, sim, uma lógica que normalmente é obedecida: as páginas de cinco a oito costumam trazer notícias de política; a dez, esportes; a onze, a doze e a treze trazem, comumente, anúncios (muitas vezes com matérias de temáticas variadas “salpicadas” entre os anúncios); e a última página sempre traz notícias policiais (comumente introduzidas pelo chapéu¹¹ “Na Polícia e no Pronto-Socorro”).

Como já dissemos, as edições costumam dividir-se em um ou dois cadernos, mas algumas edições especiais podem trazer até quatro partes. Essas edições maiores costumam ser publicadas aos domingos e trazer algum caderno especial produzido pelos Diários

¹¹ Como já explicado na *Introdução*, chapéu é o termo jornalístico que designa a palavra ou expressão colocada no alto da página, acima da notícia. Diferencia-se das Editoriais (Política, Esportes etc) e dos sobretítulos e é usada para indicar o assunto tratado no texto (“Novo Manual da Redação”, *Folha de S. Paulo*, 1996). Veja um exemplo de chapéu no *Anexo 5*.

Associados, que publicam ou temáticas culturais, como crônicas, artigos, passatempos etc., ou mesmo temáticas ligadas à economia e à política. É o caso da “Edição especial dedicada à economia mineira”, publicada em 29/06/1956, que traz um caderno inteiro tratando de planos do governo, infra-estrutura (dando destaque à parte de transportes), entre outros aspectos. Mas o que mais interessa para nós é que, apesar de ser diferente do que estamos habituados nos dias de hoje, a diagramação do *EM* obedece uma lógica, e, apesar de parecer a princípio completamente desordenada, é essa lógica que determina o lugar das matérias nas edições de 1955 e 1956.

3. Aspectos intra e interdiscursivos do *EM* nos anos de 2005 e 2006

Passemos agora aos aspectos intra e interdiscursivos das matérias jornalísticas mais atuais, primeiros semestres de 2005 e 2006. Seguindo a ordem adotada no capítulo anterior, analisaremos primeiro os aspectos referentes à semântica discursiva, intra e interdiscursivos, para depois analisarmos aspectos sintáticos.

3.1. Aspectos relacionados à semântica discursiva

Para melhor organizar os aspectos relacionados à semântica discursiva, faremos a análise de cada um deles a partir dos principais percursos semânticos encontrados nas páginas do *EM* em 2005-2006, assim como o fizemos em relação às matérias de 1955-1956.

3.1.1. Percursos semânticos

Nas matérias encontradas em 2005 e em 2006, os percursos semânticos são basicamente os mesmos que encontramos na década de 50. Em 2005, temos, como percursos principais das matérias: queixas, denúncias (125); meios de transporte (112); acidentes (90); política, legislação (89); obras (86 – 15 só da linha verde); reivindicações, greves, outras manifestações (54); custos, tarifas, preços (35); combustível (18); e outros aspectos (turismo, consumo, tráfego, segurança, comportamento, saúde, trabalhador – 282). Em 2006, os percursos semânticos se repetem: obras (103; linha verde 21); acidentes (70); meios de transporte (67); queixas, denúncias (66); política, legislação (55); reivindicações, greves, outras manifestações (47); combustível (38); custos, tarifas, preços (29); e outros aspectos (turismo, comportamento etc. – 204).

Apesar de a ordem de produtividade mudar quando comparamos os dois semestres, sendo que em 2005 encontramos mais matérias¹² sobre denúncias e obras e em 2006 sobre obras e acidentes, por exemplo, todos os percursos semânticos aparecem em ambos. Até mesmo as temáticas relacionadas a outros aspectos (comportamento, segurança, tráfego etc.), que aparecem em quantidade significativa nos dois anos, repetem-se.

A seguir, conforme a organização proposta no *Capítulo 2*, estudaremos cada um desses percursos semânticos separadamente, para analisar, entre outros aspectos, as estratégias persuasivas utilizadas em cada um deles.

3.1.2. Estratégias de persuasão

Assim como fizemos no capítulo anterior, partiremos dos percursos semânticos levantados acima (na seguinte ordem: meios de transporte; obras; custos, tarifas, preços; política, legislação; reivindicações, greves, outras manifestações; queixas, denúncias; acidentes; combustível; outros aspectos), para, então, analisarmos as principais estratégias de persuasão em cada um (seleção lexical e a seleção de personagens - aspectos intradiscursivos, a relação entre explícitos e implícitos - aspecto intra e interdiscursivo - e o silenciamento - aspecto interdiscursivo). Novamente, faremos primeiro a análise dos aspectos intradiscursivos para depois analisarmos os aspectos interdiscursivos e, por fim, os aspectos simultaneamente intra e interdiscursivos.

¹² Sem levar em conta “Outros aspectos”, que engloba vários percursos distintos.

3.1.2.1. Aspectos intradiscursivos: seleção lexical e de personagens

A seleção de personagens, como veremos em todos os percursos semânticos listados por nós, mudou muito nos últimos 50 anos. As matérias de 2005-2006 procuram sempre ilustrar o que nelas é divulgado com pessoas diretamente envolvidas na situação, o que é hoje denominado, no discurso da imprensa, “personagem”. O conceito jornalístico, menos abrangente que o lingüístico, leva em conta os personagens de destaque de uma matéria que são convocados por um veículo de mídia para personificar um acontecimento. Ocupando o lugar discursivo de vítimas, testemunhas ou mesmo de pessoas que vivenciaram ou vivenciam uma situação, esses “personagens” tornam o acontecimento mais acessível, compreensível aos leitores.

Segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, em seu *Novo Manual da Redação*, o personagem é uma das formas de envolver o leitor, despertando seu interesse para a matéria:

Uma das formas de despertar o interesse do leitor é provocar identificação, ou empatia, com o personagem da notícia. Procure sempre levantar e registrar o máximo de informações (biográficas, físicas, de comportamento) sobre o entrevistado ou sobre os envolvidos no fato. Elas serão úteis no momento de descrever a pessoa. (*FOLHA DE S. PAULO* - Novo Manual da Redação, 1996).

A captação dos leitores (por “identificação ou empatia”) é, portanto, um aspecto importante da seleção de personagens, o que é uma das justificativas do uso corriqueiro desse recurso no discurso jornalístico contemporâneo, como mostraremos nos exemplos a seguir.

3.1.2.1.a. Meios de transporte

No percurso semântico figurativo dos meios de transporte, encontramos matérias que fazem referência a táxis, metrô, ônibus, transporte aéreo e até mesmo ao transporte feito a pé. “Pesquisa revela que brasileiro anda a pé” (12/03/2005), por exemplo, divulga relatório do Ministério das Cidades e da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP) apontando que “35% da população [brasileira] se desloca a pé, 32% de transporte público, 28% de automóvel, 3% de bicicleta e 2% de moto”. Para ilustrar os diferentes tipos de transportes, a matéria traz o servente Bernardino Ferreira dos Santos, que “decidiu trocar o ônibus pela bicicleta”, o estudante Luiz Inácio Santos Araújo, que “caminha pelo menos uma hora por dia do deslocamento de casa para a escola, mesmo pegando ônibus”, e o fazendeiro José Bonjardim, que tem “dois carros em casa, mas prefere usar o ônibus para as atividades diárias”. No parágrafo de fechamento, faz-se uma denúncia. Apesar de a maioria da população deslocar-se a pé, “A infra-estrutura para pedestres e ciclistas, de um modo geral, é reduzida. As ofertas de vias exclusivas para pedestres representam 0,02% do sistema viário e as ciclovias representam 0,15%.”.

Nas matérias sobre transporte coletivo, o discurso do *EM* costuma priorizar assuntos de utilidade pública, que instruem os usuários para novas normas, rotas, horários etc. “Vale-transporte deve ser trocado” (06/01/2005) informa que os vales-transporte de papel com tarifa antiga só poderiam ser usados até o dia 10 de janeiro e poderiam ser trocados até 10 de fevereiro. Em matérias como essa, ouvem-se órgãos públicos e especialistas, personagens que orientam a população sobre a melhor forma de proceder. A BHTrans, como personagem coletivo, informa os prazos para uso e troca dos vales, e funcionários da gerência de Marketing e Comunicação da empresa fornecem ao jornal o número de usuários que já faziam uso dos cartões (313 mil em 1,4 milhões de passageiros / dia).

“Mudança em 450 pontos” (08/04/2005) noticia estudo da BHTrans para “remanejar paradas de embarque e desembarques (...) [e] trazer melhorias para passageiros”. Os pontos em questão são do centro da cidade e o estudo previa o remanejamento de algumas paradas e acréscimo de outras. A diretora de desenvolvimento e implantação de projetos da BHTrans, Jussara Bellavinha, “explica que as mudanças são necessárias para adequar o volume de passageiros nas paradas”. O lojista do shopping Tupinambás, Décio Augusto Vieira, sugere a revitalização da região para melhorar o movimento. A matéria traz, ainda, endereços para trocar vales-transporte de papel, que deixariam de ser aceitos, e um telefone para obter informações, o que significa implicitamente que a matéria busca informar a população, como dissemos acima.

“O morro já não anda a pé” (19/02/2005) noticia a implantação de microônibus nos aglomerados de BH, “driblando as rotas em que impera a violência, para servir a quem precisa se deslocar, diariamente, até o trabalho”. São personagens os moradores que usam os microônibus (como Paulo Ezequiel Oliveira Rodrigues, de 20 anos, que reclama da superlotação do veículo), motoristas (“Já tive que mudar a rota por causa de um homicídio”, conta um motorista que prefere não ser identificado”) e o assessor de Mobilização Social da BHTrans, José Walter Gomes Vieira, que fala das dificuldades de se instalar o transporte e do aumento da oferta de ônibus.

“Do ônibus para o metrô” (07/04/2006) e “Ônibus muda na capital” (19/06/2005) também tratam de mudanças no transporte coletivo. A primeira matéria trata da integração ônibus-metrô nas estações São Gabriel e José Cândido. A segunda, apesar de apresentar mudanças, denuncia que “muitas intervenções previstas para o BHBus permanecem no papel, dez anos após a implantação do sistema de transporte”.

Na temática dos táxis, a maioria das matérias também divulga novas normas ou, ainda, prazos e regras que devem ser cumpridos pelos motoristas. Em grande parte delas, os trabalhadores são ouvidos para opinarem sobre os assuntos. Em “Taxistas têm novo

registro” (06/01/2005) são personagens os taxistas Márcio Codo Santos, de 35 anos, e Maria das Graças Gomes, 54. Ambos dizem desconhecer a necessidade de nova aferição do taxímetro. São personagens coletivos, já que aparecem apenas no plural, sem dar nenhum depoimento, os usuários ou passageiros e o Instituto de Pesos e Medidas de Minas Gerais (Ipem).

“Acordo acerta preço do táxi” (11/03/2005) traz como personagens o prefeito Fernando Pimentel (PT), os prefeitos de Confins e de Lagoa Santa, Celso Antônio e Antônio Carlos Fagundes, e o presidente do Sindicato Intermunicipal dos Condutores e Taxistas (Sincavir), Dirceu Efigênio Reis, que haviam fechado na véspera da edição acordo sobre a tarifa dos táxis de BH ao aeroporto de Confins. São ainda personagens da retranca¹³ “Promotoria analisa concessão”, sobre a concessão de placas de táxi em Confins, o diretor-presidente da Coopertramo¹⁴, Sérgio Soares, o técnico em direito da Promotoria de Pedro Leopoldo, Marcelo Gontijo, o diretor de transporte metropolitano do DER, Luiz Otávio Mota Valadares, o procurador-geral de Confins Fernando Elias (que “não foi localizado”) e, como personagem coletivo, os passageiros. Com exceção dos passageiros, o *EM* buscou ouvir todas as autoridades e órgãos envolvidos no controverso assunto. A escolha de não entrevistar passageiros pode ter sido fruto justamente de uma tentativa de não aumentar ainda mais a polêmica em torno dos táxis de Confins. Mas não deixa de ter sido uma opção do *EM* ouvir apenas autoridades e deixar usuários de fora.

Na temática do transporte aéreo, muitas matérias trataram da mudança dos vôos do aeroporto da Pampulha para Confins, ocorrida em 2005. A seqüência de matérias “Infraero começa a divulgar a mudança” (09/03/2005), “Eixo Norte ganha com a transferência” (12/03/2005), “Prova de fogo em Confins” (13/03/2005), “Confins sem susto” (14/03/2005) e “Confins passa no teste” (15/03/2005) retrata o período de transição. Na

¹³ Termo jornalístico para nomear uma matéria menor, ou “sub” [matéria], dentro de outra matéria principal.

¹⁴ Cooperativa de Trabalho dos Motoristas Autônomos

primeira dessas matérias, o departamento de Aviação Civil (DAC) publicou portaria que confirmava a transferência dos vôos. São ouvidos Maria Tereza Monteiro de Castro Lisboa, gerente do DER, o engenheiro Ângelo Alvarenga Pires, usuário do transporte aéreo, o comerciante do aeroporto da Pampulha Antônio Nemer, que “perdeu mercadorias e uma máquina usada para pagamentos com cartão de crédito” em uma enchente, além de representantes de empresas e instituições como DAC, Infraero, Cemig e Unir, todos personagens coletivos. Nas outras matérias, o jornal também busca ouvir os órgãos envolvidos na transferência (como os citados acima e o Sincavir - Sindicato Intermunicipal dos Condutores e Taxistas) e os usuários dos aeroportos.

Em relação aos passageiros, o discurso do *EM* privilegia os que aprovaram a mudança, como o industrial Ariosvaldo Ferraz, de 60 anos, para quem “a mudança recompôs a elegância da capital mineira: ‘O Aeroporto da Pampulha tem uma localização maravilhosa, mas em contrapartida apresenta a pior estrutura do Brasil. Já cheguei a esperar 30 minutos para sair do estacionamento (...)’”. Genival Tourinho, de 72 anos, diz que “‘Aqui [Pampulha] voltou a ser aquele aeroporto fantasma e melancólico que tínhamos há uns seis anos’”, mas “se rende aos efeitos positivos da mudança: ‘O grande número de vôos estava comprometendo nossa segurança e estávamos sendo mal-atendidos, era um grande pandemônio’, conta.”.

“Céu aberto para o interior” (10/04/2005) traça um diagnóstico da aviação em Minas e trata das mudanças ocorridas com a transferência dos vôos. Segundo a matéria, os “vôos regionais ganham força em Minas, após a transferência de rotas da Pampulha para Confins. Mas os preços ainda são muito altos e os aeroportos precisam de reformas”. São personagens Deilson Cunha Matoso, superintendente da Total Linha Aéreas, que opera vôos regionais, Júlio César Diniz Oliveira, gerente da Central Aeroportuária, além de representantes da Secretaria do Estado de Obras Públicas, Ocean Air, DAC, Programa

Federal de Auxílio aos Aeroportos (Profa) e técnicos da Secretaria dos Transportes (personagens coletivos).

Outro assunto tratado dentro do transporte aéreo encontrado no período foi a quebra da Varig. “Varig sofre mais um golpe” (19/04/2006) e “Novela da Varig continua com novos atores” (24/06/2006) tratam, respectivamente, da rejeição da venda da Variglog pela ANAC (“a principal chance de a companhia aérea fazer caixa”) e da anulação do leilão para os funcionários, que não depositaram sinal de US\$ 75 milhões. Além do presidente da empresa, Marcelo Bottini, as matérias ouvem juízes envolvidos nos processos (Luiz Roberto Ayoub, juiz da 8ª Vara Empresarial do Rio, e Paulo Roberto Fragoso), o ministro da defesa, Waldir Pires, e o comandante da Aeronáutica Luiz Carlos Bueno. “Novela da Varig (...)” traz, na “Análise da Notícia”, comentário do jornalista Pedro Lobato:

A novela da Varig está sendo longa e cansativa como as da televisão. Mas tem a vantagem de trazer à tona aspectos do atraso brasileiro em relação às economias competitivas. Na primeira etapa, assistimos à má-gestão e ao perfil autárquico afundando uma marca de prestígio. Na fase que ora se inicia, veremos como a falta de um marco regulatório atualizado pode impedir a realização de negócios importantes, com prejuízos para toda a sociedade. (*EM*,24/06/2006,p.13)

Matérias sobre o transporte ferroviário, por sua vez, são muito raras nos jornais de 2005-2006. Algumas tratam da história de cidades e suas linhas, como “Progresso chega pela linha do trem” (08/01/2005), que conta como se deu a construção dos trilhos que chegavam a Cristiano Ottoni, desativados em 1972. A matéria ouve moradores da cidade, como Windeu Magella, de 72 anos, que se lembra que “a chegada da locomotiva, pontualmente às 20h20, era o principal acontecimento do dia para os moradores”, e o presidente da Câmara Municipal, Gerson Luiz de Souza, que pretende transformar o prédio da estação em um museu.

“Passado e futuro na linha do trem” (11/06/2005) e “das cabritinhas à eletrônica” (15/06/2005) também fazem um resgate do passado. A primeira faz menção aos 93 anos de

Divinópolis e às mudanças pelas quais passou a cidade, que ainda conta com uma estrada de ferro (“À noite, quando o barulho do trânsito diminui, é possível ouvir em quase toda região central o apito do trem.”). Os trilhos são usados, provavelmente, apenas para o transporte de cargas, mas a matéria silencia o tema. A segunda faz uma retrospectiva do transporte coletivo: “Ônibus urbanos passaram por transformações desde os tempos em que disputavam os espaços das ruas com bondes e trólebus. Acompanhe algumas dessas modificações”.

Algumas matérias falam do metrô, que, com a integração aos ônibus, conseguiu aumentar o atendimento aos usuários. É o caso de “Grande BH integrada ao metrô” (07/05/2005), que noticia a integração dos ônibus da região metropolitana de Belo Horizonte ao metrô da capital. Mas essa temática também não é comum. Como sabemos e podemos inferir a partir da matéria do parágrafo acima, bondes e trens de passageiros não dividem mais as ruas com os ônibus. O transporte ferroviário, extremamente sucateado (como poderemos ver também no percurso semântico das denúncias), restringe-se hoje quase exclusivamente ao transporte de cargas e mesmo assim em uma extensão muito menor do que já foi um dia.

Por isso, muitas matérias acabam por se restringirem à temática do turismo. “Bonde volta às ruas de BH” (13/04/2005) e “Bonde descarta uso de trilhos” (16/04/2005) tratam do projeto da prefeitura de colocar um bonde em circulação nas ruas da cidade ligando Museu Abílio Barreto, Praça da Liberdade, Mercado Central e Parque Municipal, aos fins de semana e feriados. “Viagem à memória de BH” (17/04/2005) e “Bonde sobre trilhos” (04/05/2005) tratam do mesmo assunto, sendo que a última matéria informa que a prefeitura havia feito a opção por bondes com trilhos, ao contrário do que havia sido divulgado anteriormente.

Quanto à seleção lexical, no percurso semântico figurativo dos meios de transportes numerais são usados para dar credibilidade às matérias e, em alguns casos, informar os

leitores sobre as mudanças às quais as notícias se referem. É o caso de matérias que, por exemplo, trazem os números das linhas ou rotas que sofreriam alterações. “Do ônibus para o metrô” (07/04/2006) traz todas as linhas que seriam integradas ao metrô nas estações São Gabriel e José Candido (“5505B (Vista do Sol), 5525 A (Belmonte), 5525 B (Parque Belmonte), 5526 B (Paulo VI) (...).”). “Prova de fogo em Confins” (12/03/2005), por sua vez, traz vários números envolvendo a transferência de vôos do aeroporto da Pampulha para Confins: “transferência de 120 vôos domésticos comerciais”, “de uma média de 1,2 mil passageiros (...) Confins começa a transportar uma média de 8,2 mil pessoas”, “Trinta e nove quilômetros separam o centro de BH do terminal”, “serão necessários R\$ 132 milhões para a reforma das avenidas”, “com 5 milhões de metros quadrados, Confins gerava, até ontem, 1,8 mil empregos diretos. A partir de hoje serão 3 mil postos”, entre outros dados.

Assim, como veremos com relação a outros percursos semânticos, números e dados precisos são usados com dois intuitos principais em 2005-2006. Por um lado, buscam informar os leitores com exatidão, prestando um serviço à população, como mostramos em matérias que trouxeram mudanças no transporte público. Nesses casos, o discurso do *EM* poderia apenas ter indicado onde o usuário encontraria a informações mais precisas sobre as mudanças, mas, em vez disso, traz a relação das linhas de forma detalhada, optando, pois, por prestar esse tipo de serviço. Por outro lado, o uso de números sem dúvida confere autoridade ao jornal e credibilidade à informação que veicula, como veremos em outros exemplos a seguir.

3.1.2.1.b. Obras

No percurso semântico figurativo das obras, encontramos, como no percurso semântico dos meios de transporte, vários personagens comuns, que são chamados para ilustrar as matérias. Eles dão opiniões sobre obras e melhorias ou fazem apelos e reclamações sobre obras morosas ou que foram prometidas, mas ainda não foram cumpridas. No entanto, não é sempre que esses personagens são convocados para falar. Muitas matérias ouvem apenas especialistas e políticos, sendo que o “povo” (trabalhadores, moradores, passageiros) é apenas citado como beneficiado das obras noticiadas.

“Canteiro de obras e promessas” (02/01/2005) trata das promessas de obras para 2005 e de outras que ficaram só no papel, como mostra o subtítulo: “Como acontece a cada novo ano, o momento é ideal para renovar sonhos. Na administração pública, a situação se repete, mas boa parte das propostas permanece no campo das idéias”. Como personagens coletivos, a prefeitura e a União são apontadas como responsáveis por algumas obras e responsabilizadas pelo atraso de outras. Os camelôs também aparecem nessa categoria quando a matéria trata das obras de revitalização do centro de Belo Horizonte e da transferência desses trabalhadores informais para os shoppings populares. Como personagens individuais, são ouvidos o prefeito Fernando Pimentel (PT), que “garantiu que iria transformar a região [da Pampulha] em mais um ponto de lazer para os belo-horizontinos”, o secretário municipal de Política Urbana e Meio Ambiente, Murilo Valadares, que atribui o atraso para desassorear a lagoa da Pampulha ao intervalo entre os recursos recebidos para a obra, e a secretária municipal de Meio Ambiente, Flávia Mourão, que “informa que será feita uma programação para futuras intervenções nos espaços [‘pequenas florestas resistentes ao crescimento urbano’], que podem ser transformados em parque”. Não é ouvido ninguém do governo federal, nem da população (apesar de serem personagens citados). A matéria resume-se ao âmbito da administração municipal.

Em “Projeto busca mais segurança para motorista” (20/04/2005) novamente apenas o especialista é ouvido, o gerente de Coordenação de Projetos de Trânsito da BHTrans, José Carlos Ladeira. A matéria afirma que a comunidade participou de discussões internas com a BHTrans por mais de um ano, mas o próprio gerente afirma que “as mudanças não eram reivindicações da comunidade, mas necessidade identificada pelo órgão de trânsito da capital”. “Verba para pólos da Estrada Real” (06/05/2005) também se limita a ouvir “o lado oficial”. Na matéria, apenas o diretor-geral do IER (Instituto Estrada Real), Ebbhard Hans Aichinger, fala sobre o investimento de US\$ 6,8 milhões na região pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento e pela Fiemg (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais). Apesar de citar os empreendimentos (“hotéis, pousadas, restaurantes, agências de viagem, guias de turismo e até trabalhadores autônomos, como os charreteiros”) e as cidades (indicadas em um mapa) que serão beneficiados, o *EM* não ouve nem comerciantes, nem moradores da região.

Em “BR-262 é recuperada” (05/03/2005) acontece algo semelhante. O único ouvido é o engenheiro supervisor do Dnit em Bom Despacho, Tarcísio Araújo Anunciação. Apesar de a estrada estar interditada desde janeiro, como aponta a matéria, o engenheiro afirma que “As obras ficaram prontas antes do tempo esperado”, referindo-se ao período de 60 dias previsto para execução. Os motoristas são citados (“os motoristas que transitavam pela rodovia federal se viam forçados a passar por dentro da cidade”), mas não são consultados para opinarem sobre o assunto.

Já “Duplicação aguarda edital” (16/03/2005), sobre a duplicação da rodovia MG-010, de acesso a Confins, ouve, além de especialistas (como a engenheira civil Maria Tereza Monteiro de Castro Lisboa, gerente do Projeto de Reestruturação da Plataforma Logística e de Transportes da Região Metropolitana de BH, e o sargento José Geraldo Buitrago), motoristas e trabalhadores que passam pela estrada. O mecânico Cláudio Barbosa Silva, que viaja diariamente de ônibus de São João da Lapa a Santa Luzia, elogia a

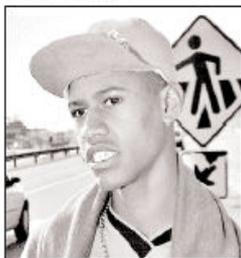
nova iluminação, mas reclama que o pedestre tem que atravessar a pista. São ouvidos também a doméstica Débora Cristina Alves, Joaquim Nicássio de Assis, que pedala diariamente de BH a Vespasiano por motivo de construção de sua casa, o assistente de almoxarife Fernando Barbosa dos Santos e o operador de roçadeira Ivanir Gomes dos Reis. Como as profissões nos permitem inferir, são todos personagens de baixa renda, que precisam da estrada para se locomover do trabalho para casa. Não é ouvido, por exemplo, ninguém que mora em Belo Horizonte e passa os fins de semana em um condomínio em Lagoa Santa ou mesmo usuários do transporte aéreo que usam a rodovia para chegar ao aeroporto. Ao usar apenas personagens do “povo”, o discurso do *EM* tende a ganhar a simpatia dos leitores, que se compadecem com a situação desses personagens.

A matéria acima está dentre as inúmeras sobre a Linha Verde que o *EM* publicou em 2005 e 2006, obra do governo estadual para melhoria do acesso ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves. São, ainda, exemplos: “R\$200 milhões até Confins” (17/05/2005), “Linha Verde para Confins”, “Pista Livre para carro e pedestres” e “Novo acesso a Confins” (todas de 25/05/2005, ocupando três páginas do caderno Gerais, incluindo a capa), “Projeto anima população” (26/05/2005), “Obra para corrigir gargalos” (27/05/2005), “Um passo rumo à Linha Verde” (22/06/2005), “Pista de ônibus é eliminada” (19/01/2006), “Trânsito muda no centro” (27/01/2006), “Explosão de pedras amplia a MG-010” (29/01/2006), “Integração vai avançar” (02/02/2006), “Obras adiantadas no Bulevar Arrudas” (05/02/2006), “Ajustes na linha verde” (21/02/2006), “Obras avançam na Linha Verde” (05/03/2006), “Linha verde lança site” (09/03/2006), “Obras interditam trânsito” (18/03/2006) e “Rodovia ganha passarelas” (19/04/2006).

Além do governador Aécio Neves, constantemente entrevistado nas matérias, são personagens o prefeito Fernando Pimentel, especialistas do DER-MG, da Secretaria de Estado de Transporte e Obras Públicas, da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam) e da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, entre outros. Todos os “populares” ouvidos

aprovam a obra: “As obras no Arrudas, além de gerar muitos empregos, vão melhorar minhas vendas’ – José Luiz Guimarães, ambulante”; “Acredito que o projeto vai resolver os problemas de congestionamento e reduzir os números de acidentes’ – Gerson Gonçalves Vieira, instrutor de auto-escola”; “Com viadutos e trincheiras a Cristiano Machado vai melhorar demais’ – Ricardo José dos Santos, comerciante”, entre outros depoimentos. Os que reclamam, questionam a situação antes das obras, como na matéria “Obra para corrigir gargalos” (27/05/2005), em que um pedestre, um motorista e uma passageira opinam, cada um de seu lugar, sobre a situação na Avenida Cristiano Machado e região.

O PEDESTRE



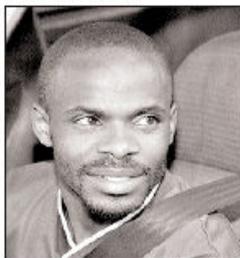
“

Quando quero chegar logo ao Centro, atravesso a MG-10 para pegar o ônibus que passa pela Cristiano Machado, porque o do meu bairro demora muito

”

■ Cristiano Rosa dos Santos

O MOTORISTA



“

A Cristiano Machado precisa muito de obras, principalmente próximo ao Minas Shopping. Com as mudanças no aeroporto, o trânsito piorou

”

■ Aureliano Rodrigo da Silva, balconista

A PASSAGEIRA



“

Levo quase uma hora e meia de Vespasiano ao Centro e Belo Horizonte. Na avenida Cristiano Machado, os acidentes e imprevistos são freqüentes

”

■ Marilene Souza Rocha, auxiliar de cozinha

(EM,27/05/2005,p.20)

Em relação à seleção lexical, numerais continuam sendo usados para dar informações exatas sobre obras e orçamentos. Em “Obras começam na Amazonas” (16/01/2006) são informados o valor destinado ao recapeamento da avenida (“R\$ 4,3 milhões”) e até detalhes do quanto de asfalto seria retirado em um dos tipos de manutenção: “Em determinados pontos, será usada a máquina de fresagem, que raspa cerca de 5 cm do asfalto onde houver trincas e ondulações”, trecho que parece ter sido retirado

de um *press release*¹⁵. “Agronegócio ganha corredor ferroviário” (31/05/2006) também traz os valores do investimento (“R\$ 15 bilhões” no total e “R\$ 2,53 bilhões” investidos inicialmente), a porcentagem da redução de trens em BH com a obra (“O diretor-presidente da Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais (Casemg), Célio Gomes Floriani, explica que apenas essas obras vão representar uma redução de 70% no fluxo de trens na região metropolitana”) e até o aumento de velocidade dos trens com a mudança (“a velocidade dos trens poderá passar de 16 para 60 quilômetros por hora”).

Figuras de linguagem, que levem o leitor a questionamentos e agucem sua curiosidade, são outro recurso comumente usado nessas matérias, principalmente nas que tratem de temáticas mais “polêmicas”, como a política. “O trem-bala eleitoral” (06/02/2006) divulga o lançamento de um “megaprojeto” na área de transportes, “um trem-bala orçado em US\$ 9 bilhões (R\$ 20 bilhões), que vai ligar o centro das duas principais capitais do sudeste em apenas 88 minutos”. Trem-bala, no título, remete denotativamente ao projeto, mas também, agora implicitamente, metaforicamente, ao impulso que daria à campanha de Lula, como o sobretítulo comprova: “Governo trabalha para lançar, às vésperas da campanha, obra para ligação ferroviária entre as cidades dos principais adversários de Lula na disputa pelo Palácio do Planalto”. É, portanto, uma referência direta ao meio de transporte e uma referência metafórica à campanha de Lula, que viria com toda velocidade e força.

Em “Lula e Aécio põem a campanha nos trilhos” (06/05/2006), “trilhos” é usado em sentido implícito metafórico, já que a campanha é colocada nos trilhos, mas também como referência explícita ao principal tema da matéria, a inauguração do trem turístico entre Ouro Preto e Mariana. Ao inaugurar o trem, colocando-o de volta em circulação nos trilhos ferroviários, denotativamente, os políticos alavancariam suas campanhas,

¹⁵ “Informação que assessoria de imprensa envia ou fornece a jornalistas. (...) deve ser encarado sempre com precaução (...) como subsídio adicional ao texto jornalístico.” (“Novo Manual da Redação”, *Folha de S. Paulo*, 1996).

colocando-as nos trilhos políticos - metaforicamente. A comparação repete-se em outras matérias, como em “Linha Verde para Confins” (25/05/2005), em que o governador Aécio Neves afirma que ““Minas é como uma locomotiva. Começa a se mover vagarosamente e vai ganhar uma velocidade que nenhum outro trem do país irá alcançar’.”.

“Corrida para cumprir metas” (02/01/2005) traz um box com o título “Dez promessas para Belo Horizonte”. As promessas, descritas e analisadas no interior desse quadro, são classificadas como “Promessa não cumprida”, “Promessa que começa a ser cumprida”, “Promessa cumprida, em parte”, “Promessa quase cumprida”, “Promessa adiada”, “Promessa em atraso” e “Eterna Promessa” (grifos nossos). Apesar de cada obra ser explicada e de a matéria trazer os motivos de atrasos e adiamentos, as expressões já levam o leitor a conclusões. Mesmo que na obra que se refere à conclusão da Avenida Pedro II, por exemplo, o *EM* afirme que a desapropriação já foi iniciada (e paralisada por falta de verbas), a classificação da obra como “Eterna Promessa” é, sem dúvida, o que mais marcará o leitor.

3.1.2.1.c. Custos, tarifas, preços

Como na década de 50, nesse percurso semântico figurativo situam-se o aumento de tarifas de transportes coletivos, o aumento dos táxis, de combustíveis, financiamentos, entre outros assuntos. Por afetarem, na maioria das vezes, o consumidor final diretamente, as matérias jornalísticas trazem depoimentos de passageiros e trabalhadores, que opinam sobre o assunto e o personificam. Ouvem também especialistas e políticos, que contribuem com informações mais precisas ou técnicas.

Em “Detran reajusta taxas em até 42,8%” (04/01/2005) são personagens o estudante de medicina Carlos Eduardo Faria Ferreira e o delegado Adilson Aguido, chefe do Serviço de Habilitação do Detran. Adilson Aguido explica o motivo do aumento:

De acordo com o delegado (...) o índice de até 42,8% de alguns serviços foi necessário porque, há pelo menos três anos, eles não estavam no mesmo patamar: “Esses valores são pagos pelos serviços prestados pelas oito clínicas conveniadas ao Detran, que não eram revistos há vários anos” garante. (EM,04/01/2005,p.17)

Carlos Eduardo reclama do preço, afirmando que ganha apenas um salário mínimo e tirar a carteira representaria, no mínimo, 70% de sua renda. “‘Esse valores vão pesar muito no meu orçamento, mas preciso aprender a dirigir’, afirma. (...) ‘Vou ter que me virar, porque não recebo nenhuma ajuda de meus pais’, conclui”. O estudante ilustra perfeitamente a matéria não apenas por vivenciar o aumento de perto, mas por preencher o estereótipo do “batalhador brasileiro”, que, além de ter vindo do interior e passado em um dos cursos mais disputados, consegue se sustentar com apenas um salário. A escolha desse personagem tende a fazer muitos leitores se identificarem com ele (acreditando ser também um “batalhador”) ou, ao menos, se compadecerem de sua situação.

“Táxi quer cobrar mais” (01/04/2005) conta, como personagens, com o presidente do Sindicato Intermunicipal dos Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários, Taxistas e Transportadores Rodoviários Autônomos de Bens de Minas Gerais (Sincavir), Dirceu Eugênio dos Santos, o DER e a BHTrans, que aparecem como personagens coletivos. A matéria, que trata de um possível aumento nas tarifas para corridas ao Aeroporto de Confins, não ouve nenhum passageiro, o que é compensado na página 22, para a qual a matéria aponta (“Leia mais sobre táxi – página 22”). Neste desdobramento, “Terminal causa polêmica”, também é a vez dos passageiros e moradores falarem. O assunto é outro. Em vez das tarifas, discute-se o terminal de ônibus e táxis, instalado na avenida Álvares Cabral, com destino a Confins. São personagens dessa matéria os moradores, vizinhos ao terminal, Clícia Valadares e Marco Antônio Alvarenga, o gerente de operações da empresa de ônibus, Murilo Sérgio Nogueira, o diretor de transportes metropolitanos do DER, Luiz Otávio Valadares, e a Infraero, como personagem coletivo (“A Infraero argumenta que (...)”). Clícia e Marco Antônio, caracterizados por idade e ocupação, reclamam da

instalação, que, segundo eles, trouxe barulho e desorganização ao local. O gerente da empresa de ônibus e o diretor de transportes do DER colocam-se à disposição para discutir o assunto, apesar de não apontarem uma saída (o gerente de ônibus alega “que qualquer mudança no sistema é tarefa do DER” e o diretor do DER descarta a “possibilidade de mudar o terminal de lugar” e diz que “a área escolhida para instala-lo é comercial e, portanto, adequada à atividade”).

“Táxi com cartão de crédito” (14/06/2006) traz a opinião de taxistas a favor e contra o projeto de lei que regulamenta o pagamento de corridas com o cartão de crédito. O taxista Osmar Ferreira de Lima discorda: “‘Já tenho muitos gastos com o combustível e o desgaste do carro. Não posso apertar mais o orçamento’”. Já Ronaldo Andrade Ferreira acredita que a mudança seria benéfica: “‘Quase 20% dos meus passageiros já pedem cartão. Para mim é uma boa, porque ando com menos dinheiro’”. São personagens, ainda, o vereador Fred Costa, autor do projeto de lei, o presidente do Sincavir, Dirceu Efigênio Reis, e o passageiro técnico em telecomunicações Gilmar Freitas Diniz, que paga suas corridas com o cartão (“‘Em geral, gasto R\$ 600 por mês e só viajo com quem aceita. Não me preocupo com troco e no fim do mês tenho controle do que gasto’, diz ele.”).

“Qualificação eleva despesa” (29/05/2005) enfoca os gastos que trabalhadores têm com custos como educação, vestuário e transporte, sendo que “Andar de ônibus é um dos custos mais elevados. Representa, no mínimo, um terço das despesas com o trabalho” (legenda da foto principal da matéria). Como nas demais matérias, são personagens trabalhadores que a ilustram, neste caso a consultora de Recursos Humanos Patrícia Alvarenga, o advogado André Luiz Barbosa, além de especialistas, consultores da Braga&Marafon, de SP, e o advogado Waldir Luiz Braga. Os especialistas são fonte para os cálculos dos gastos e opinam sobre o assunto, defendendo, por exemplo, que seria justo deduzir tais despesas do Imposto de Renda. Dentro do tema (gastos dos trabalhadores), os transportes ganham um espaço exclusivo, com subtítulo “Transporte consome até 69% dos

custos”. São personagens desta retransmissão “Wanderley Ramalho, diretor-adjunto da Fundação Ipead, vinculada à UFMG”, além do estudante de economia Mário Ferreira Campos Filhos, além da consultora Patrícia e do advogado André, citados anteriormente na matéria.

“BH lidera alta da inflação” (25/01/2006) é outra matéria que trata da alta nos custos de vida, afirmando que a alta dos combustíveis tem representação significativa nos gastos do consumidor. Provavelmente por ser matéria menor, ocupando menos de 1/2 página com ilustração de uma fotografia (de um carro sendo abastecido em um posto de combustível), a matéria traz como único personagem França Maria Araújo, “responsável pela Divisão de Gestão de Dados da FGV na capital”. A Fundação Getúlio Vargas é a responsável pelos dados trazidos na matéria, que são muitos, mas não há, como na grande maioria das matérias jornalísticas do *EM* de 2005-2006, um personagem que ilustre ou “represente” (no sentido de “dar cara”) como o cidadão tem sentido a alta.

“BHTrans amplia rotativo” (28/04/2006) traz, entre seus personagens, a estudante de direito Celeste Dias Aguiar, que “reclama dos gastos”, o motorista Arlindo César dos Santos, que “teme que o rotativo atraia flanelinhas, interessados em vender talões”, e a dentista Cláudia Beatriz Teixeira, para quem “as mudanças são positivas”. Esses personagens servem para dar exemplos do que foi dito na matéria desde a abertura, como a afirmação “O motorista que circula pela área central de Belo Horizonte pode preparar o bolso.” A continuação da matéria, na página 26, traz ainda o personagem José Raimundo Figueiredo, motorista que concorda com a redução de tempo no faixa-azul. São ainda personagens agentes da BHTrans, a Polícia Militar (ambos personagens coletivos) e o gerente de Estacionamento da empresa, Sérgio Rocha, que dá explicações sobre a ampliação.

Em relação à seleção lexical, podemos notar o uso recorrente de numerais, gráficos e tabelas, usados para ilustrar o que vem escrito na matéria e também para trazer uma

informação mais concisa, que facilita a consulta e a leitura. “Detran reajusta taxas em até 42,8%” (04/01/2005) traz duas tabelas, uma com a comparação das taxas em 2004 e em 2005, mostrando o percentual de reajuste, e outra com a escala de pagamento do IPVA. “Terminal causa polêmica” (01/04/2005) também traz muitos numerais (“Desde a transferência dos vôos, em 13 de março, pelo menos 700 pessoas passam pelo terminal (...). As 46 viagens começam às 4h20 e só terminam às 0h40”, “cerca de 500 moradores dos dois prédios residenciais mais próximos”, “a transferência de 120 vôos” etc.).

“Qualificação eleva despesa” (29/05/2005) traz gráficos projetando como ficaria o Imposto de Renda (IR) caso fosse permitida a dedução dos custos para trabalhar (roupas, calçados, cursos, transporte etc.). O discurso do *EM*, portanto, não apenas traz números que ilustrem a matéria, mas faz projeções, que funcionam mais como uma análise do que como a notícia propriamente. A mesma matéria traz dois boxes (“No bolso”). Um destaca a porcentagem dos gastos dos trabalhadores, dados que também vêm no interior da matéria. O outro traz a “Análise da notícia”, que, como já ressaltamos nos aspectos referentes à sintaxe discursiva, é um texto, assinado, que analisa o que foi dito na matéria ou um aspecto principal dela. Neste caso, o texto destaca que os gráficos apresentados simulando o desconto no IR são apenas “um exercício”, mas demonstram o quanto o trabalhador gasta com as despesas. O jornalista (Pedro Lobato) ainda reforça que “despesas com a educação e com o aperfeiçoamento profissional já puderam ser integralmente abatidas, incluindo o material escolar e curso de línguas”, lamentando que as perdas do contribuinte “refletem o desestímulo e a falta de apoio de que padece o trabalhador brasileiro”, finalizando: “É pena porque é com ele que o país tem que contar se quiser ser competitivo no mercado mundial”.

“BH lidera alta da inflação” (25/01/2006), como afirmamos acima ao falar da seleção de personagens, vem recheada de números. Foram usados 31 numerais ao longo do texto para demonstrar a alta, entre vários produtos e serviços. Já no parágrafo de abertura,

que dá destaque à alta do álcool, podemos perceber esse aspecto da seleção lexical:

Puxada pelos reajustes do álcool combustível, seguro obrigatório de veículos e açúcar cristal, a inflação de Belo Horizonte subiu 1,46% na terceira semana, segundo o Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S) divulgado ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). O aumento (...) representou variação de 0,01 ponto percentual (...) em relação ao índice registrado na segunda semana, de 1,45%. O IPC-S Brasil (...) foi de 0,74% na terceira semana do mês, com queda de 0,02 ponto percentual em relação à última pesquisa anterior. (EM,25/01/2006,p.15)

“Metrô mais caro 37,5%” (21/02/2006), além de vários numerais, traz um box (“Promessas sem fim”) com retrospectiva de 15 anos das obras realizadas ou prometidas para o metrô de Belo Horizonte. A tabela começa com o ano de 1981, data atribuída pelo EM ao início das obras, e termina em 2006, afirmando que apenas a linha 1 está concluída após os 15 anos, sendo que as linhas 2 e 3, que foram planejadas e sofrerão licitação nesse período, “continuam no sonho”.

| PROMESSAS SEM FIM | |
|--------------------------|--|
| ✓ 1981 | - Início das obras. Promessa é concluir Linha 1 (Eldorado-Venda Nova) em cinco anos |
| ✓ 1986 | - Início da operação, incompleta, com viagens entre o Eldorado e Lagoinha |
| ✓ 1987 | - Trens chegam à Estação Central, mas obras param por falta de verbas |
| ✓ 1991 | - Reinício das obras. Gastos já chegavam a US\$ 417 milhões |
| ✓ 1992 | - Inaugurados os terminais Santa Efigênia e Horto |
| ✓ 1993 | - A Estação Santa Tereza fica pronta |
| ✓ 1994 | - Mais uma estação, Santa Inês, é inaugurada |
| ✓ 1995 | - Banco Mundial (Bird) anuncia financiamento de R\$ 570 milhões |
| ✓ 1997 | - Metrô chega ao Minas Shopping. Começa a ser construído o trecho até Venda Nova (Vilarinho) |
| ✓ 1998 | - CBTU começa terraplenagem para instalar Linha 2 (Barreiro-Calafate), com conclusão prevista para 2004 |
| ✓ 2001 | - Metrô faz 15 anos, mas só chega ao Minas Shopping |
| ✓ 2002 | - Metrô chega ao São Gabriel, 1º de Maio, Waldomiro Lobo, Floramar e Vilarinho, mas passageiros têm que fazer baldeação nos trens |
| ✓ 2003 | - Tribunal de Contas da União denuncia irregularidades no trecho final e obras atrasam |
| ✓ 2004 | - CBTU anuncia transferência para o estado, que não se concretiza. Companhia licita projetos das linhas 2 e 3 (Savassi-Pampulha), que deveriam ficar prontas em 2008 |
| ✓ 2005 | - Linha 1 chega à Estação Vilarinho, sem baldeação, mas falta integração com ônibus |
| ✓ 2006 | - Só a Linha 1 está pronta. Linhas 2 e 3 continuam no sonho |

(EM,21/02/2006,p.21)

3.1.2.1.d. Política, legislação

Nesta seção, trataremos de todas as matérias jornalísticas cujo principal percurso semântico figurativo é a política, sejam temas relacionados ao poder executivo, sejam ao legislativo (projetos de lei, novas leis etc.).

“Não precisa ter pressa” (05/01/2005) trata de resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran), que previa o uso de novos extintores de incêndio nos veículos a partir de 1º de janeiro. A matéria avisa aos motoristas que “a troca deve ser feita aos poucos, à medida que vencer o prazo de validade dos modelos antigos”. Apenas um personagem é ouvido, o diretor do Detran-RS Carlos Ubiratan dos Santos, que “chegou a afirmar ao ESTADO DE MINBAS (*sic*) que a nova medida teria pego (*sic*) todos de surpresa”. Os demais personagens são coletivos (Contran, consumidores, Associação Brasileira de Engenharia Automotiva, Detrans, *ESTADO DE MINAS*) e são apenas citados na matéria. O *EM* parece ter optado, nesse caso, por fazer uma explicação passo a passo da nova exigência, esclarecendo ao leitor “o que é”, “validade” e “o que olhar” no extintor, “quando trocar” e trazendo, ainda, informações sobre “multa”. Os pormenores se sobressaíram, portanto, a depoimentos que ilustrariam a notícia, como motoristas contrariados com a nova norma.

É o que acontece em várias outras matérias que também buscam apenas trazer esclarecimentos sobre alguma norma, lei ou imposto. A idéia não é tanto ouvir o que os motoristas e órgãos têm a dizer e a defesa de cada um dos lados, mas instruir a população. Por isso, os personagens são reduzidos, principalmente os que dão depoimentos. “IPVA deve render R\$2,5 milhões” (18/02/2005) noticia o aumento da arrecadação do imposto em Coronel Fabriciano. O único personagem ouvido na matéria é o secretário de Administração e Finanças, Marcos da Luz, que propõe campanhas para “incentivar proprietários de veículos que têm placas de outros municípios a transferi-las para a cidade”. Os motoristas são apenas citados, assim como outros órgãos (como a Secretaria de

Estado da Fazenda). A matéria termina com a frase “Para mais informações sobre guias e prazos, acesse: www.sef.mg.gov.br”, mais um indício de que o objetivo principal é informar o leitor (e não ouvir reclamações, por exemplo).

“Quando é legal não pagar” (20/04/2005) alerta os personagens motoristas para a possibilidade de converter multas em advertências: “Grande parte dos motoristas não sabe que pode pedir a conversão da penalidade em advertência por escrito, quando cometer infração leve ou média pela primeira vez”. A matéria também traz detalhes do que o motorista deve fazer para pedir a conversão, explicando a quem deve ser endereçado o “pedido”, “o que dizer” e como corre o “procedimento”¹⁶. São ouvidos agentes da Polícia Rodoviária Federal e funcionários do Detran-MG, do DER-MG e do Dnit, que dão depoimentos de quantos pedidos foram feitos desde a implantação do Código de Trânsito Brasileiro, em 1998. Todos afirmam que os pedidos são muito poucos, mas Andréa Bravo, responsável pela defesa da autuação do Detran-MG acredita que talvez falte preparo: ““(…) Mas não sei se os órgãos de trânsito estão preparados’, pondera”.

Já “Táxis têm poucos dias para vistoria semestral” volta a ouvir personagens que representam todos os lados envolvidos. William Tadeu Alves, diretor do Centro de Inspeção Veicular, fala da importância da vistoria. O engenheiro mecânico Robert Cirilo afirma que os carros reprovados têm 30 dias para fazer os reparos e submeterem-se a nova inspeção. O taxista Antônio Félix de Sousa, que já havia levado seu carro para a avaliação, concorda com a norma. A matéria não traz nenhum motorista insatisfeito com a fiscalização, provavelmente porque o custo não é elevado (é ressaltado no texto que “A inspeção custa R\$50 e são fiscalizados 128 itens”).

Algo semelhante acontece em “Motorista ganha confiança” (03/06/2005), sobre a lei que altera velocidade nas ruas de BH durante as madrugadas. São ouvidos vários

¹⁶ As palavras citadas entre aspas são todas entretítulos, palavras de destaque ao longo do texto que o dividem em várias partes.

personagens motoristas que discutem o assunto. O cardiologista Vinícius Maia Machado diz que, “Quando você anda a 60km/h, de madrugada, fica sujeito à ação dos marginais”. O engenheiro civil Evandro Carvalho “acredita que a decisão poderia ficar restrita aos dias úteis” para evitar a mistura excesso de velocidade com álcool nos fins de semana. José Silva, de 19 anos, “destaca o fato de o sinal luminoso piscante alertar o motorista sem exigir que pare o carro”. Dão, ainda, depoimentos o taxista Nelson Gonçalves Aquino, o advogado Henrique Albuquerque Araújo e o motorista de ônibus Cláudio Abílio, todos comentando a lei da ótica dos motoristas. Outra personagem ouvido é o major Rogério de Andrade, do Comando de Policiamento da Capital (CPC), que pondera sobre os possíveis riscos ligados ao aumento de velocidade.

“Projeto pede cinto em ônibus” (21/01/2006) colhe depoimentos de personagens especialistas e passageiros sobre o projeto para fazer do uso do cinto de segurança uma obrigação também nos ônibus de passageiros. A aposentada Joana D’Arc e o electricista Júlio César dos Santos são a favor do projeto, enquanto outro electricista, Rosenildo Chaves Aguiar, e o estudante Rui Ribeiro Carvalho Couto são contra. Como podemos ver, o *EM* busca, em boa parte das matérias, equilibrar as opiniões contrárias e a favor, ouvindo dois representantes de cada lado. O autor do projeto, vereador Paulo Lamac (PTN) afirma que as medidas aumentariam a segurança dos passageiros, mesmo que o cinto possa ser “até desconfortável”.

“Novas regras para renovar habilitação” (16/06/2005) mescla os dois tipos de matéria jornalística. Além de trazer um quadro, explicando com detalhes como funcionam os cursos de reciclagem preparatórios para as provas obrigatórias (programação, horas-aula e formas de reciclagem – presencial ou não), a matéria traz, em destaque, depoimentos de motoristas relutantes com a resolução: “Se tiver que fazer o curso, farei. Mas isso não vai mudar em nada minha maneira de dirigir” – Newerson de Campos Capanema, 67 anos, aposentado” e “Vou encerrar de vez a carreira. Não vou voltar para a auto-escola, depois

de ter dirigido por mais de 40 anos’ – Geraldo Francisco Solano, 69 anos, motorista”.

“A volta por cima no trânsito” (21/05/2006) trata do mesmo assunto, mas, em vez de motoristas pessimistas e relutantes, traz personagens animados com os cursos de reciclagem. No parágrafo de abertura, pondera-se que a grande maioria dos motoristas se revolta com as novas regras de renovação: “A primeira reação de quem recebe o aviso de que a carteira de habilitação está vencendo é, normalmente, de revolta. Dá agonia só de pensar no curso de reciclagem”. Mas, desde o sobretítulo, o outro lado, o otimista, é ressaltado: “Motoristas convocados a renovar a carteira de habilitação trocam desânimo pela certeza do dever cumprido, depois de assistir às aulas do curso de reciclagem exigido pelo Detran”. Todos dão depoimentos entusiasmados sobre os cursos. O serventário da Justiça aposentado Luiz José Antônio Marques diz que “quem faz esse curso está de parabéns”. Para a consultora de informática Mônica Fernandes Barbosa, “o curso é uma oportunidade de obter informações”. O médico urologista Marcelo Martins Costa “diz que chegaram a lhe oferecer ‘milhões’ de alternativas para se livrar da reciclagem”, mas fez o curso por três motivos: “porque é lei, porque sou uma pessoa correta e porque queria dar um bom exemplo aos meus filhos”. O último personagem fala em nome do Detran-MG. O chefe de habilitação e controle, Robson Lima, “defende que o curso seja incluído nos currículos escolares, como prevê o Código Brasileiro de Trânsito”. A matéria não ouve nenhum motorista insatisfeito, provavelmente porque o enfoque é a satisfação após um primeiro momento de má-vontade.

Em relação à seleção lexical, assim como nos demais percursos, numerais são usados com frequência nas matérias, conferindo-lhes precisão e, por consequência, credibilidade junto aos leitores. “Novas regras para renovar habilitação” (16/06/2005), já no parágrafo de abertura, traz o número de motoristas afetados com a decisão: “A partir de segunda-feira, 25 milhões de motoristas brasileiros que quiserem renovar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) terão que voltar aos bancos dos centros de formadores de

condutores (CFCs).”. A matéria traz vários outros dados: “deverão ser submetidos às provas 62,5% do total de 40 milhões de motoristas habilitados”, “1 milhão de pessoas terão que se reciclar”, “o preço da prova será o mesmo cobrado atualmente para outros exames: R\$32,35”, entre outros.

“Projeto pede cinto em ônibus” (21/01/2006) afirma que “2,8 mil ônibus municipais que circulam em Belo Horizonte podem ser obrigados a equipar os bancos – a maioria tem 54 lugares – com cinto de segurança e encosto para cabeça.” e relembra “uma batida entre dois coletivos que transportavam 95 passageiros” resultou em “trinta e quatro pessoas” atendidas no Pronto-Socorro João XXIII.

“Quando é legal não pagar” (20/04/2005) e “Quando o contra é a favor” (25/01/2006) são matérias que chamam a atenção dos motoristas para detalhes ou possibilidades nas leis pouco conhecidos. “Quando”, repetido no título das duas, já aponta, desde o começo da matéria, para o fato de que ela trará uma exceção. Normalmente, não pagar algo vai contra a lei, assim como o contra nunca será a favor. Mas as matérias mostram, respectivamente, que os motoristas podem converter multas em advertências, deixando de pagá-las, e usar o bafômetro a seu favor (“Testes de alcoolemia podem ser chance de defesa para motorista que bebeu, mas não ficou embriagado”). Apontam, portanto, para detalhes que podem ser usados em benefício próprio pelos condutores.

“PRF multa para ‘educar’” (03/03/2006) usa o verbo entre aspas para questionar o motivo do uso de radares em estradas. A matéria não chega a questionar, explicitamente, a afirmação, mas a atribui ao personagem coletivo Polícia, que “diz que radar inibe motoristas apressados”. Os radares são muitas vezes acusados de terem como objetivo principal a arrecadação de dinheiro, como lembra a motorista Soraya Araújo Campolina Rezende, na matéria “Estradas de Minas terão 251 radares” (03/03/2006): ““Radar é bom, desde que não vire caça-níquel. Há excessos e esse sistema está se transformando em exploração.””.

3.1.2.1.e. Reivindicações, greves, outras manifestações

Como nos demais percursos semânticos, pessoas comuns são personagens constantes também no percurso figurativo das reivindicações, greves, outras manifestações. Mais uma vez elas servem para dar depoimentos, ilustrar algum aspecto explorado na matéria e deixá-la, além de mais humanizada, mais próxima do leitor, que pode vir a se colocar no lugar do outro (mesmo estando em um lugar discursivo completamente diferente, como já ressaltamos em outros exemplos).

“Moradores querem a volta do trem de ouro” (04/01/2005) noticia que, com a criação da Associação de Preservação das Tradições e do Patrimônio Cultural de Santa Bárbara (Apito), a cidade poderia, em breve, ter restaurado seu patrimônio ligado à estrada de ferro. Além da organização não-governamental, que tem citados seus coordenadores (segundo os quais “o ramal ferroviário foi ‘abandonado à própria sorte com a desativação do trem de ferro, que, de maneira modesta, movimentava a economia local’”) e seu diretor-presidente, Sérgio Motta de Mello, são personagens os “moradores do município”, “pessoas da comunidade” e ex-ferroviários (personagens coletivos). Também aparecem na matéria o bandeirante Antônio da Silva Bueno, desbravador da região, Mestre Ataíde, pintor de painéis localizados na Igreja Matriz, e a Associação dos Amigos de Santa Bárbara, responsável pela restauração dos painéis sob a coordenação de Rosângela Reis Costa, último personagem. Podemos perceber, através das personagens eleitas para serem personagens da matéria, que o discurso do *EM* não questiona hora nenhuma a legitimidade da reivindicação, ao contrário, abre espaço para ela e para a história de Santa Bárbara.

“Estudantes param o trânsito” (01/03/2005), matéria sobre um protesto de alunos contra a proibição de pararem carros no campus da Faculdade de Medicina da UFMG, na avenida Alfredo Balena, dá chance igual às partes envolvidas de se pronunciarem. O diretor-geral do Hospital das Clínicas, Ricardo Castanheira, defende que a decisão foi estudada com ajuda da BHTrans e que, ao contrário de professores e servidores, que estão

lá o dia inteiro e não têm hora para chegar ou sair, os alunos são “usuários temporários”. O coordenador cultural do Diretório Acadêmico, Herzen Neto, representa os alunos, para quem “a decisão foi arbitrária” e “uma garantia de privilégios para os docentes”, já que “muitos professores deixam os carros no estacionamento e ficam em seus consultórios, ocupando a vaga o dia todo”. Além disso, a matéria ouve o analista de Transporte da Regional Central da BHTrans, Carlyle Francisco dos Santos, que fala sobre o que o órgão tem feito para melhorar as condições de estacionamento e o trânsito da região. A matéria não se restringe, portanto, a divulgar o protesto e a ouvir os envolvidos. Trata, também, dos problemas de trânsito envolvendo a região.

“Cratera avança na BR-262” (04/03/2005), ao mesmo tempo em que denuncia a falta de conservação da estrada, noticia duas ações na justiça, uma movida pelo prefeito de Manhuaçu, Sérgio Breder, para a interdição da pista, e outra pelo promotor Sérgio Faria, para “exigir que o trabalho seja acelerado para resolver definitivamente o problema”. Ambos os personagens são citados em discurso direto, sendo ouvidos, ainda, o secretário de Obras de Manhuaçu, Adejair de Barros, e o funcionário aposentado do DNER João Batista, que também depõem sobre a precariedade da estrada. A matéria não abre espaço para a defesa do governo federal, responsável pela conservação da rodovia, que poderia alegar que as chuvas estavam impedindo as obras, que faltavam verbas ou apresentar qualquer outra justificativa. Desta vez, portanto, a parte silenciada é o discurso oficial.

Aspecto semelhante pode ser percebido em “Ônibus fazem lingüição” (09/03/2005), que divulga protesto de motoristas de ônibus em Divinópolis após a morte de um colega durante assalto na cidade. São personagens os motoristas, o Sindicato dos Transportes Rodoviários de Divinópolis e seu presidente, Erivaldo Adami, além de pessoas que “observavam a carreta e apoiavam a iniciativa” (sendo que a costureira Maria da Silveira e o comerciante Afonso Cunha dão seus depoimentos), e quatro suspeitos presos pela Polícia Militar e um adolescente que poderia também estar envolvido no crime. A

Polícia Militar aparece na matéria como a responsável pela prisão dos suspeitos, mas ninguém da corporação é ouvido sobre a reivindicação dos motoristas, sobre as más condições de trabalho e a falta de segurança. Ao ouvir apenas a parte reivindicante, o *EM* não dá à Polícia, à Prefeitura ou à Secretaria de Segurança chance de se justificar ou ao menos de falar sobre os problemas de segurança na cidade.

“Paralisações continuam” (31/03/2005) trata de uma ação movida por um sindicato patronal contra um de trabalhadores. O Sindicato das Empresas de Transporte Metropolitano (Sintran) entraria, no dia de circulação da matéria, com pedido de dissídio coletivo contra o Sindicato dos Rodoviários de Belo Horizonte e Região Metropolitana, alegando que a paralisação do trabalho seria descabida pelo fato de os dois sindicatos estarem em fase de negociação. São ainda personagens o juiz Sebastião Geraldo de Oliveira, que “propôs a suspensão de qualquer tipo de paralisação”, e o bombeiro hidráulico Lourival de Souza, “obrigado a faltar o trabalho”. A matéria dá voz ao Sintran, mas apenas cita o Sindicato dos Rodoviários, não dando chance à entidade de se defender.

“Norte de Minas luta pela volta do trem” (11/04/2005) trata do transporte ferroviário. Nela, “prefeitos e lideranças de vários municípios do Norte de Minas”, entre elas a vereadora Fátima Pereira, de Montes Claros, e demais participantes do movimento pleiteiam, junto à Comissão de Transportes da Câmara dos Deputados, a volta do “Trem do Sertão”, desativado em 1996. A matéria dá ênfase à fala da vereadora, colocando-a separadamente do texto, entre aspas destacadas: “Já foi demonstrada a viabilidade econômica e social do transporte ferroviário de passageiros. O que falta agora é vontade política do governo”. A fala reforça o que o jornal já tinha trazido no subtítulo (“Documento mostra viabilidade da retomada do transporte de passageiros e será enviado à Câmara dos Deputados”) e a legitimidade do movimento.

“Motoboy quer ser enquadrado” (11/06/2005) traz personagens, pessoas/órgãos envolvidos no assunto (o gerente da BHTrans, o presidente da Associação dos Motoboys e

motoboys). A matéria foge da rotina ao publicar, provavelmente na íntegra, um longo depoimento de um desses trabalhadores:

Para o despachante Handerson Botelho, de 32 anos, que mora no Barreiro e trabalha no Centro, (...) os órgãos de trânsito devem investir na educação. Para ele, falta ética nas ruas: “Se um colega entra na minha frente, por que não ter companheirismo ou mais paciência? O trânsito na cidade está se tornando insuportável, e as pessoas, sem educação. Acho que com a regulamentação, a tendência é melhorar algumas exigências já estabelecidas pela CLT. A moto é opção de trabalho hoje. Quem fica desempregado, financia a compra de uma motocicleta e vai pagando com seu trabalho. E ele ganha, muitas vezes, apenas para pagar a gasolina. Eu tenho um serviço programado e, por isso, ando tranquilo e soluciono o problema das empresas. Mas o trabalho nas ruas é estressante. O trânsito cansa demais.” (EM,11/06/2005,p.20)

Como ressaltaremos adiante, não é mais usual encontrarmos no *EM* falas de personagens longas como essa, nem mesmo de pessoas importantes, como políticos, por exemplo. O mais comum são falas intercaladas a afirmações ou considerações do próprio jornal, sendo que as falas servem, normalmente, para corroborar ou exemplificar o trazido pela matéria. Nesse caso, fugiu-se da regra provavelmente pelo fato de a fala do personagem ser coerente e politizada, distanciando-se do senso-comum do que seria uma fala de outro motoboy. Ao reafirmar a necessidade de as pessoas serem mais educadas no trânsito e, em contra-partida, mostrar os problemas pelos quais passam esses trabalhadores, Handerson dá um exemplo de cidadania e talvez isso tenham motivado o jornal a publicar sua fala na íntegra.

“Auto-escolas cobram punição” (12/05/2006) traz, entre outros personagens, pessoas que foram pegas em flagrante pelo *EM*. Como costuma acontecer nos dias de hoje, alguém da redação se faz passar por um interessado na fraude e consegue dos entrevistados uma espécie de confissão do crime “ao vivo”. Na matéria, a jornalista, que se identifica como Izabela, liga para o Detran e para uma auto-escola para comprar seu certificado sem fazer a prova de direção-defensiva. Reproduz-se o diálogo inteiro dela com os dois personagens, “Messias Rocha, da Seção de Prontuário do Detran-MG”, e “Augusto

Rodrigues, responsável pela Auto-Escola Santo Agostinho” (identificados no box que traz os diálogos, já no topo, por nome completo e cargo). A função desses personagens, portanto, é de comprovar a denúncia feita pelo jornal, mostrando como a fraude é corriqueira e acessível a qualquer um.

Quanto à seleção lexical, podemos ver, nas matérias, uma associação das manifestações e paralisações com luta, o que ajuda a legitimar esses movimentos. É o que acontece em “Moradores querem a volta do trem de ouro” (04/01/2005), cujo parágrafo de abertura traz: “Após quatro anos de luta para recuperar o seu patrimônio ferroviário, os moradores do município de Santa Bárbara, a 112 quilômetros de Belo Horizonte, começam a ver uma luz no fim do túnel”. O uso se repete em “Norte de Minas luta pela volta do trem” (11/04/2005) e em “Motoboys lutam por baú”, (13/04/2005). Nessa última matéria, podemos perceber novamente o uso do verbo lutar, não só no título, mas na “Análise da Notícia”, em que o jornalista Guilherme Aragão pondera sobre a reivindicação dos motoboys (“seria razoável aos motociclistas o benefício da dúvida”) e opina sobre o que deveriam pleitear: “A luta deveria ter como foco a mudança na legislação”.

A “Análise da Notícia” em “Trânsito e mendicância” (12/04/2005), do jornalista Arnaldo Viana, elogia o envolvimento da população e usa termos (grifos nossos) que incentivam essa participação:

Envolvimento. Era o que faltava. Uma cidade não evolui sozinha e não pode depender apenas do poder público. Todos nós temos uma parcela de responsabilidade pra com o lugar que escolhemos para viver. Em uma capital como BH há muitas carências e quem as conhece melhor é a população. (...) E, diante das grandes questões, nossos avós já diziam que duas cabeças pensam melhor do que uma. (EM,12/04/2005,p.22)

Ao usar personagens como “todos nós”, na primeira pessoa do plural, e “nossos avós”, o jornalista confere ainda mais força ao tema “envolvimento”, justamente para causar maior impacto.

Por outro lado, em “Morte gera conflito em Vitória” (30/01/2006), que noticia

protesto de rodoviários após o assassinato de um colega e confronto entre motoristas, trocadores e passageiros, temos, como na década de 50, a manifestação ligada à falta de bom senso. Apesar de o termo ter sido usado por um personagem, não se deixa de fazer a associação: “‘Todo o sistema está parado. Apesar de ser solidária com a morte do cobrador, a população não aceitou ficar sem transporte. Não houve bom senso por parte dos rodoviários’, afirmou Ferraz [Marcelo Ferraz, presidente da Companhia Estadual de Transportes Públicos – Ceturb].”. Ferraz afirma que a população se solidarizou com a vítima, mas não aceitou ficar sem transporte, culpando os rodoviários de falta de bom senso, afirmação que o jornal publicou. Na mesma matéria, divulga-se que a população promoveu quebra-quebra nos ônibus (“Depois da morte do cobrador, população se revolta com a paralisação dos ônibus no Espírito Santo e apedreja e quebra vidros dos veículos”). De quem terá sido a falta de bom senso?

“Paralisações continuam” (31/03/2005), também traz um vocábulo que aponta para a discordância do jornal com o movimento de paralisação dos rodoviários. A matéria toma o depoimento de um personagem trabalhador, o bombeiro hidráulico Lourival de Souza. Ao lado de sua foto, afirma que fora “obrigado a faltar o trabalho”. Não fica explícito, mas quem o “obrigou” a faltar o trabalho foram os rodoviários, que, segundo o discurso do *EM*, desconsideraram as necessidades da população e fizeram a paralisação, numa atitude unilateral.

Quanto ao uso de numerais, “Estudantes param o trânsito” (01/03/2005), que noticia protesto dos estudantes de medicina desencadeado pela proibição de pararem dentro da Faculdade, é um texto bastante ilustrativo. A matéria traz o número exato de vagas disponíveis na região em que foi feita a paralisação, tanto na Faculdade de Medicina (“540 vagas para atender 6,1 mil pessoas”), quanto em seu entorno (“Na região hospitalar há 94 quarteirões com estacionamento rotativo, o que equivale a 3095 vagas físicas e 13648 rotativas”).

3.1.2.1.f. Queixas, denúncias

Como pudemos ver em *3.1.1 Percursos Semânticos*, o percurso semântico figurativo das queixas e denúncias é bastante produtivo nos semestres analisados de 2005 e 2006. Foram encontradas quase 200 matérias jornalísticas que traziam esse percurso semântico como o principal. Parte dessa mudança, do aumento significativo da quantidade de denúncias, deve-se ao fato de, com o passar dos anos, o discurso jornalístico ter assumido um papel mais investigativo, mesmo que superficialmente. Não podemos ignorar que jornais continuam fazendo recortes da forma que melhor lhes convém e, mesmo que a sociedade cobre deles postura mais crítica, anunciantes e outros interessados têm papel cada vez mais importante nas mídias. Logo, se por um lado o *EM* faz mais denúncias do que há 50 anos, por outro essas denúncias continuam ligadas aos interesses empresariais e políticos (entre outros) do jornal.

Em relação ao temas das denúncias, encontramos as mais diversas matérias, entre elas denúncias de obras paradas ou morosas. “À espera do dinheiro federal” (10/01/2005) denuncia atraso na liberação de verbas para Minas, sendo que o estado, na data, ainda esperava receber verbas referentes a 2004 para investimentos e obras. São personagens da matéria o governador Aécio Neves, o deputado federal Nárício Rodrigues e o senador Eduardo Azeredo, todos políticos do PSDB que reclamam do atraso, chegando a acusar o governo federal de discriminação (acusação feita pelo deputado). Rebate críticas o deputado Gilmar Machado, do PT, para quem “o importante é que o ano termine com os recursos empenhados, o que dá a garantia aos estados que eles serão liberados, mesmo que no ano seguinte”. Apesar de Gilmar Machado defender o governo, vale ressaltar que o personagem só aparece no fim da matéria, no último parágrafo. Nos dias de hoje, em que as matérias jornalísticas são extensas, é comum que o leitor não chegue ao fim da matéria (daí o uso corriqueiro de parágrafos de abertura mais completos - no formato de lide - e o uso de recursos que destaquem e resumam informações, como tabelas e ilustrações, para

facilitar a leitura). Assim, é possível que muitos leitores tenham lido sobre o questionamento dos políticos mineiros, mas não sobre a resposta do governo.

“Trilhos somem em meio ao descaso” (16/01/2005) é uma das várias matérias que denunciam o abandono do patrimônio ferroviário. São personagens da matéria o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (“governo FHC”), o secretário executivo do Ministério dos Transportes, Paulo Sérgio de Oliveira Passos, e o Presidente Lula, acusado de “desfiar um rosário de promessas” na comemoração do dia 21 de abril, em 2003, na cidade de Ouro Preto. São ainda personagens coletivos as concessionárias privadas responsáveis por 26 mil quilômetros das ferrovias brasileiras (sete empresas privadas), crianças que brincam em meio aos trilhos abandonados (foto que ilustra a matéria), e Gilvan, jovem que faz parte da abertura da matéria (“Há dez dias, um jovem que se identificou apenas como Gilvan, munido de uma serra de metal e da força dos braços, retirava dormentes de madeira da ferrovia e os empilhava em um canto.”) e de seu fechamento (“O jovem Gilvan, que carrega dormentes no ombro e corta trilho com serra manual, é um dos autores do furto miúdo. Centenas de metros de trilhos já apartados dos dormentes estavam cortados a maçarico, em pedaços iguais de 2,5 metros, (...) obra de quadrilha”). Assim como a seleção lexical funciona, na matéria, para sensibilizar o leitor, o personagem Gilvan também é selecionado para comovê-lo. Ele não faz parte de quadrilhas, é apenas um aproveitador do abandono, autor de “furto miúdo”.

“A longa agonia da RFFSA” (19/01/2005) trata, além do abandono do patrimônio, de prejuízos atribuídos à ferrovia estatal e de ações judiciais movidas contra a empresa. Além de companhias e concessionárias, como a Companhia Ferroviária do Nordeste (CFN), a Companhia Vale do Rio Doce, a Ferrovia Centro-Atlântica (FCA), as Ferrovias Paulistas S/A (Fepasa), entre outras, são personagens coletivos o Tribunal de Contas da União, responsável pelo cálculo das dívidas da RFFSA, a Corregedoria Geral da União, o grupo Gerdau e o grupo Votorantim. São personagens consultados pela matéria, ainda,

Luiz Cláudio Leiva, procurador regional da República no Rio, e o presidente da FCA, Mauro Dias.

“Patrimônio abandonado” (19/03/2006) traz depoimentos de vários moradores (comerciantes, “viúvas da seca”, lavradores) que viram suas cidades e povoados empobrecerem rapidamente com o abandono das linhas e estações de trem. A matéria divulga que “Iphan e rede ferroviária pretendem estimular criação de museus regionais para preservar bens”, mas o enfoque é mesmo no abandono e descaso, não só com o patrimônio, mas com os moradores (o subtítulo da matéria que vem no interior do Caderno é “Moradores do interior de Minas se lembram com carinho das locomotivas, que transportaram pessoas e histórias que contribuíram para o desenvolvimento do país, e renovam a expectativa de vê-las em atividade novamente. Parte do patrimônio da Rede Ferroviária está em ruínas”)

“Minas exigirá obras da Vale” (14/02/2005) noticia que o “Governo mineiro exige a aplicação integral no estado dos R\$482 milhões devidos pela mineradora à União (...) decorrentes do acerto de contas entre a mineradora e a Rede Ferroviária Federal S.A (RFFSA), estatal em liquidação.” Além das empresas e dos governos federal e mineiro, personagens coletivos, é personagem individual o secretário de Transportes e Obras Públicas de Minas Gerais, Agostinho Patrus, que “sustenta que a dívida refere-se à compra, pela CVRD, no início da década de 90, de um trecho de ferrovia em Minas, a ligação pelo Horizonte-Santa Bárbara” e acredita que a dívida deveria ser paga com obras em Minas (o acerto combinado entre governo federal e Vale previa apenas uma obra em Minas, que, segundo Agostinho Patrus, iria consumir uma parcela muito pequena dos R\$482 milhões).

Outra tema comum no percurso semântico das denúncias é o transporte clandestino. Nessas matérias são ouvidos passageiros (que como nos demais exemplos comprovam e exemplificam o dito pelo jornal), ocupantes de cargos públicos (Prefeitura, BHTrans, entre outros) representantes de empresários e trabalhadores dos transportes legalizados (como o

Sindpas-MG – Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros de Minas Gerais) e até mesmo dos ilegais, que, por motivos óbvios, pedem para não serem identificados.

“Perueiros avançam nas estradas” (26/01/2005), que noticia o aumento do transporte clandestino em BH, ouve passageiros (“Manuel Gomes”, que “viaja de van para Betim, devido ao preço da passagem”), órgãos envolvidos (o chefe da Divisão de Fiscalização do DER-MG, Lindberg Ribeiro Garcia e o presidente do Sindpas-MG, Antônio Afonso da Silva) e até um “perueiro”, que não é identificado, mas afirma, em discurso citado, que “ ‘A rapidez e o nosso diferencial. Se não pisássemos um pouco mais, ninguém andaria conosco’ ” e que trabalha com transporte clandestino porque precisa “ ‘pôr comida em casa’ ”.

“Perueiros ganham fachada” (02/03/2005) acusa motoristas de se cadastrarem para o transporte de turistas mas trabalharem como clandestinos dentro das cidades. São novamente personagens o chefe da Divisão de Fiscalização do DER-MG, Lindberg Garcia, o inspetor de transporte coletivo do Denatran Luiz Macedo e as empresas que fazem o transporte, sendo que uma delas é pega em flagrante por telefone em uma ligação telefônica feita pelo EM. Neste caso, a ligação não foi feita para ouvir o lado da empresa, como aconteceu na matéria anterior, mas para provar que a fraude acontece de fato. “Carros disfarçam perueiros” (24/01/2006) é sobre a mesma temática. A matéria também ouve DER, BHTrans, passageiros e motoristas (“Um deles, que se identifica como José, resolveu aposentar, ano passado, a perua que usava desde 1998. A compra de um Monza velho, com aparência de carro de família, deu tão certo que ele chega a fazer 15 viagens diárias”).

Outro tema recorrente é a falta de conservação do meio-ambiente. São exemplos: “Praças sufocadas” (16/02/2005), “Tranquilidade ameaçada” (04/04/2005), “O verde agoniza nas ruas” (06/04/2005), “Poluição sonora sem controle” (10/06/2005) e “Praças ficam só no nome” (14/06/2005). A grande maioria dos personagens entrevistados são

moradores da região, que reclamam do desconforto que sentem com a degradação e cobram uma ação dos órgãos públicos. Prefeitura, BHTrans e PM, personagens coletivos, também são ouvidos, para explicar a situação e apontar soluções.

Outras denúncias encontradas nas páginas do *EM* contemplam o tema da política. “Frota tem reforço de luxo” (09/02/2005) noticia licitação feita por deputados para aluguel de carros que de tão luxuosos não foram encontrados nas principais locadoras de BH. Segundo a matéria, o gasto com o aluguel “permitiria a compra de quatro modelos semelhantes”. Os personagens da matéria são a direção-geral da Assembléia, que abriu a licitação para o aluguel, o presidente da Casa, Mauri Torres (PSDB), o primeiro vice-presidente Rêmulô Aloise (PL), o primeiro secretário, Antônio Andrade (PMDB), o líder do governo Alberto Pinto Coelho (PP), e o diretor-geral João Franco Filho, que funcionários com acesso a veículos semelhantes (a reportagem questiona se os novos carros substituiriam os carros usados por esses personagens). Nenhum deles foi ouvido, no entanto, e a Assessoria de Imprensa da Assembléia “disse apenas que os sete veículos serão usados por parlamentares, mas não comentou se os carros estão sendo licitados para substituir frota.”.

O tema do comportamento (normalmente do mau-comportamento) também aparece cotidianamente no discurso do *EM*. “O perigoso hábito de andar nas ruas” (09/06/2005), “Pedestre fora da linha” (continuação da matéria anterior, no mesmo dia), “Refêns dos celulares” (08/02/2006) são matérias, entre outras, que criticam hábitos ruins de pedestres e motoristas. Apesar de ouvir as justificativas dos infratores, as matérias procuram também ouvir autoridades e especialistas, que expõem os perigos para a população: “Qualquer coisa que tira a atenção do motorista, e o celular é um exemplo, pode provocar acidentes graves”, alerta o delegado de Acidentes de Veículos, José Salgado Filho.”. A citação, retirada da matéria “Refêns dos celulares”, exemplifica bem o tom dos textos que abordam esse tipo de assunto: alertar a população.

Quanto à seleção lexical, continuam recorrentes vocábulos que envolvam o leitor e o comovam ou chamem a sua atenção. Em “Trilhos somem em meio ao descaso” (16/01/2005), termos fortes são usados para chamar atenção para a depredação do patrimônio ferroviário brasileiro. Já no título, podemos perceber o uso de uma imagem para se referir à depredação: os trilhos somem literalmente, porque são roubados, mas também somem metaforicamente em meio ao descaso político. No parágrafo de abertura, afirma-se que “a destruição dos 18 quilômetros de linha entre os dois conjuntos barrocos mais preciosos do Brasil [Ouro Preto e Mariana] é uma pequena mostra da desenfreada mutilação das ferrovias brasileiras”. “Destruição” e “desenfreada mutilação” são termos que tendem a sensibilizar o leitor para o que vem acontecendo nas ferrovias (são, sem dúvida, vocábulos ainda mais impactantes que “descaso”, utilizado no título). “Mais preciosos”, apesar de ser um termo eufórico, que eleva as duas cidades ao posto mais importante de nosso patrimônio, acaba por causar o mesmo impacto negativo, já que o associa aos termos citados anteriormente. “Empreitada contra o patrimônio público” é outro termo utilizado para falar da depredação, também usado com o intuito de chamar atenção do leitor para a causa defendida na matéria: a necessidade de denunciar e tentar proteger o que ainda resta de nossa malha ferroviária.

“A longa agonia da RFFSA” (19/01/2005) não é diferente. A matéria, que também trata, entre outros aspectos, da depredação do patrimônio ferroviário, afirma que esses bens estão “desmanchando ao relento”. Vale ressaltar também o termo “agonia” usado no título que remete a dor, desespero. Ao personificar a Rede Ferroviária, o discurso do *EM* tende a sensibilizar seus leitores.

Outra matéria que usa da personificação para comover o leitor é “Artérias levam País à UTI” (23/04/2005), que trata do “estado deplorável das estradas brasileiras”. Ao comparar as rodovias ao sistema sanguíneo humano, o jornal cria a idéia de que nossas estradas agonizam, termo usado na matéria anterior, e reforça a importância dessa estrutura

para o país (as artérias são vasos nobres do corpo humano, assim como as estradas são responsáveis pela maior parte do escoamento dos países). “Crateras assassinas” (25/01/2006) usa a mesma estratégia de persuasão, mas, apesar de atribuir aos buracos característica de assassinos, alerta que os motoristas “podem entrar na Justiça ou alertar o Ministério Público contra os ‘donos do (sic) buracos’”, governo estadual ou federal.

Numerais em textos, tabelas e infografias são freqüentes também no percurso semântico figurativo das denúncias. “À espera do dinheiro federal” (10/01/2005) traz uma tabela com os projetos de Minas que foram aprovados mas não receberam a verba a eles destinada (ou receberam apenas parte dessas verbas). São várias cifras que comprovam a denúncia trazida pela matéria: que Minas ainda aguardava a maior parte dessas verbas. A tabela traz, ainda, a fonte da informação (SIAFI – Câmara dos Deputados) e a data em que foi elaborada (5 de janeiro de 2005), dados que reforçam a veracidade do que foi apresentado e a atualidade desses dados (apenas 5 dias antes da publicação da matéria).

“240 mil passageiros a pé” (08/05/2006) também vem “recheada” de numerais. A matéria revela que “perto de 17% dos 1,42 milhões de usuários que usam o transporte coletivo diariamente, ou mais de 240 mil pessoas”, viajam em pé nos ônibus da capital. A matéria ainda divulga uma pesquisa da BHTrans, realizada no mesmo mês, sobre o que os passageiros achavam da duração das viagens, “49% da população avaliam esse item como negativo (27%) ou regular (22%)”.

O editorial “Gargalo nos transportes” (04/03/2005), por sua vez, traz uma série de porcentagens para comprovar a deficiência do transporte brasileiro e traçar um panorama da situação:

Pesquisa da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística (NTC – Logística) constata que 80% das rodovias são deficientes, ruins ou péssimas e 63% das mercadorias são transportadas por rodovias. Existem apenas 18 mil quilômetros de ferrovias (ficam com 24% da demanda), quando o normal seria uma rede de 100 mil quilômetros, coerente com a extensão territorial do país. (EM,04/03/2005,p.8)

“Viaduto de promessas” (17/02/2006) traz uma tabela com a retrospectiva (ou histórico) de todo o processo de construção de um novo viaduto, que se estende desde 1979. Esses dados mostram ao leitor há quanto tempo os projetos ou “promessas” (para usar termo de matéria anterior) se arrastam. Comprovam para o leitor que a denúncia é séria e o alertam, ainda mais, para a morosidade com que o governo estaria tratando assuntos de grande pertinência.

Seja por meio do uso de termos impactantes, seja pela riqueza de números, porcentagens e detalhes, o discurso do *EM* reforça as denúncias que faz e “convoca” seus leitores a se indignarem com elas. Não são simples denúncias, mas denúncias apresentadas como graves, sérias, efeito que o jornal tende a provocar nos leitores, principalmente fazendo uso dos recursos citados acima.

3.1.2.1.g. Acidentes

As matérias mais curtas envolvendo o percurso semântico figurativo dos acidentes assemelham-se às matérias de 1955-1956. No entanto, as vítimas não são mais identificadas de forma tão detalhada como acontecia naquela época, e sim apenas por nome completo, idade e ocupação. “Batida deixa três mortos na BR-116” (09/01/2005) é um exemplo do que costuma acontecer nessas notas. São personagens da matéria as vítimas dos dois acidentes noticiados, “três mortos e três feridos graves” de um primeiro acidente, todos identificados por nome completo e idade, e seis feridos de um segundo, entre eles o motorista Alfredo Magno Chula José, ferido gravemente e encaminhado para o hospital. São ainda personagens a Polícia Rodoviária Federal, que dá sua versão sobre o primeiro acidente, e, implicitamente, os trabalhadores dos hospitais para onde as vítimas foram levadas.

TRÂNSITO

Batida deixa três mortos na BR-116

Um acidente envolvendo um ônibus e um carro deixou três mortos e três feridos graves, na BR-116 em Fervedouro, na Zona da Mata, na noite de anteontem. De acordo com a Polícia Rodoviária Federal, o Fusca GRC 0933, de Pedra Anta (MG), saiu de um acesso lateral da rodovia e bateu de frente com o coletivo ADD 0792, de Curitiba (PR). A batida de frente causou a morte de Weibert Gomes Franco, de 3 anos, Sirlene Sérgia de Souza Laureano, de 36, e o motorista do Fusca Juvenal Rodrigues Campos, de 53. As outras vítimas, Jovson Gomes Franco, de 11, e Neide da Silva Madeira, de 18, foram encaminhados, em estado grave, para o Hospital de Muriaé. Já na BR-040, em Cristiano Otoni, região Central de Minas, outra colisão frontal entre a Brasília GSF 3802 e o Tempra GUH 1929 deixou seis feridos. Alfredo Magno Chula José, motorista da Brasília, que ia no sentido Rio de Janeiro – Belo Horizonte, foi levado com ferimentos graves para o Hospital de Pronto-Socorro João XXIII. O condutor do Tempra e mais quatro vítimas foram socorridos no Hospital de Carandá.

(EM, 09/01/2005,p.21)

Já matérias mais longas, como “Atropelamento faz três vítimas sobre a calçada” (10/01/2005), trazem depoimentos de testemunhas. A matéria noticia dois acidentes: “Dois carros invadem o passeio e ferem três pessoas em ponto de ônibus da avenida Amazonas. Na BR-352, no Centro-Oeste de Minas, capotamento de van mata três pessoas e deixa um ferida” (sobretítulo¹⁷). No primeiro, acidente principal já que foi o noticiado no título, os dois motoristas contam suas versões do acidente.

Segundo o taxista, ele perdeu o controle do carro depois que foi atingido na lateral (...): “Foi tudo muito rápido e não deu para evitar o atropelamento, já que meu carro foi jogado em direção ao ponto de ônibus”, contou José Luiz. Já o comerciante Edmundo Pinto disse que foi fechado por um motorista num carro de cor prata: “Eu seguia na faixa próxima ao canteiro central quando surgiu o carro que estava na pista do meio e entrou na minha frente. Ao desviar para a direita, fui atingido na lateral pelo táxi”, afirmou o comerciante. (EM,10/01/2005,p.20)

“Caminhonete cai no rio e 7 desaparecem” (09/02/2005), sobre uma caminhonete que afundou quando atravessava ponte parcialmente encoberta, traz depoimentos de

¹⁷ Segundo a Folha, “nome que se dá à linha-fina quando está diagramada acima do título e não abaixo, como de hábito”. (FOLHA DE S. PAULO - *Novo Manual da Redação*,1996).

testemunhas para identificar os desaparecidos. Uma delas, o lavrador João Pereira Machado, “contou que 15 pessoas estavam na caminhonete (...): ‘Quatro pessoas desceram da caminhonete. (...) O resto não teve medo e seguiu para fazer peso na caminhonete’, afirmou.”. O servidor da Prefeitura de Capada do Norte, José Maria Aparecido Alves Silva, “um dos responsáveis para as providências do resgate das vítimas”, explica que não passar pela ponte significa um desvio de 100 quilômetros em estrada de terra. É ele quem identificou o dono do veículo (“um fazendeiro identificado apenas como ‘Ié’”) e disse como o acidente aconteceu: “ ‘Até o meio da ponte, com mais de 20 metros de extensão, foi o secretário Nelito que dirigiu o veículo. Ele então desceu para fazer peso na carroceria e o rapaz assumiu a direção. Foi quando os pneus saíram dos pranchões e o carro caiu no rio’, explicou o contador.”. É, portanto, uma testemunha do acidente a responsável por descrevê-lo. Provavelmente, foi também o contador quem passou o nome das vítimas, “identificadas apenas pelos prenomes”.

“Muita calma nessa hora” (09/02/2005), diferentemente da grande maioria das matérias, não noticia um acidente, mas faz recomendações ao motorista de como proceder nesses casos: “Nada mais desagradável do que se envolver em acidente de trânsito. Mas é bom ficar atento a alguns detalhes e saber como proceder, pois um descuido pode resultar em multa.” (sobretítulo). “Quem bate pode ter razão” (15/06/2005) e “Campanha alerta pais” (04/02/2006) também trazem conselhos aos motoristas. A primeira desmistifica a afirmação do senso comum de que o motorista que bate na traseira de outro é sempre culpado: “Nem sempre o responsável pela batida na traseira é o motorista do carro de trás”. A segunda divulga o início da campanha Criança Protegida, promovida por sociedades médicas para alertar os pais sobre os perigos do transporte inadequado de crianças e adolescentes de até 17 anos. As duas matérias ouvem especialistas para falar sobre o assunto, o perito criminal Paulo Ademar de Souza Filho e o supervisor de operações da área central da empresa de Transportes e Trânsito de Belo Horizonte (BHTrans), Carlile

Francisco Tavares, respectivamente.

É comum, mesmo em matérias cujo principal objetivo seja o noticiamento de um acidente ou atropelamento, que os motoristas sejam alertados para os riscos e motivos de acidentes. “Trânsito caótico na saída para o feriado” (26/02/2005) divulga os acidentes registrados pela Polícia Rodoviária Federal no primeiro dia da Operação Carnaval, alertando, já no subtítulo, para as causas: “Polícia Rodoviária Federal registra 61 acidentes e duas mortes no primeiro dia da Operação Carnaval. Excesso de velocidade e imprudência são as principais causas”. Além dos envolvidos gravemente nos acidentes, identificados por nome completo e idade, são personagens o inspetor da Central da PRF, Ailton Batista, e o inspetor da PRF em Sabará Márcio Neves.

“Recorde de morte nas rodovias” (02/03/2006) trata da mesma temática um ano depois: “Acidentes no feriadão de carnaval nas estradas federais que cortam Minas Gerais matam 22 pessoas, duas a mais que no ano passado. Falha humana é a principal causa”. São personagens as vítimas graves ou fatais do acidente mais sério, que “matou sete pessoas e deixou três feridos”, além do inspetor da PRF Aristides Júnior e do engenheiro e empresário Humberto Álvares da Silva, dono de uma fazenda na região central do estado, em que uma ponte cedeu, que comemora a organização do fluxo de veículo no local.

Em relação à seleção lexical, podemos perceber, em um número grande de matérias, a opção pelo uso de vocábulos que prendam a atenção do leitor, seja pelo choque seja pela sensibilização. “O dia em que BH parou” (05/03/2005) traz, em seu parágrafo de abertura, palavras fortes, que causem impacto nos leitores: “Belo Horizonte viveu um dia de caos na tarde e na noite de ontem, com grandes engarrafamentos na área central e em vários bairros. (...) O megatranstorno foi causado pela queda de uma árvore de grande porte”. “Jovem morre em acidente” (07/03/2005), que noticia a morte de um adolescente de 14 anos, traz vários adjetivos para a rua em que o acidente acontece, também com o objetivo de chamar a atenção do leitor: “a estreita, sinuosa e acidentada rua Patagônia”.

Algo similar acontece nos títulos das matérias a seguir. “Caminhão invade quarto de bebê” (19/03/2005), além do verbo invadir, traz já no título que o quarto danificado foi um quarto de bebê, o que, sem dúvida, confere tom dramático à matéria. “Motorista carbonizado na 381” (26/06/2005) choca pela *causa mortis*, exposta também já na manchete. “Imprudência mata 32 em rodovia em SP” (24/01/2006) usa do substantivo “imprudência” e do número grande de vítimas, “32”, para causar espanto, que não teria o mesmo efeito se o título fosse, por exemplo, “Acidente faz várias vítimas fatais”. “Saldo trágico nas estradas de Minas” (23/04/2005), “Tragédia no fim das férias” (13/02/2006) e “Tragédias fora da estrada” (02/03/2006) buscam o efeito com o uso do substantivo tragédia ou do adjetivo trágico. O parágrafo de abertura da última matéria chega a ser sensacionalista, apelando para imagens como “manchar de sangue”, significando acidente fatais: “Os acidentes durante o carnaval não mancharam de sangue apenas as estradas do interior de Minas. O fim do feriado prolongado também foi marcado por mortes na região metropolitana, onde oito pessoas perderam a vida em dois acidentes trágicos”.

“Morte e medo na pista” (21/04/2005) ouve vítimas que saíram ilesas do acidente e usam os depoimentos comovidos desses personagens para envolver o leitor.

No meio de tanta destruição e dor, as pessoas que saíram ilesas choraram de felicidade e agradeceram. É o caso do economista Olandim de Souza, de 35 anos, que se emociona ao lembrar a cena do caminhão rolando em sua direção. Souza subia o anel rodoviário com a mulher, que amamentava o filho de sete meses. Diante dos olhos do motorista, segundo ele, tudo acontecia em câmara lenta. “Parece que meu filho pressentiu o perigo e começou a chorar. Eu pensei: ‘Deus, ele acabou de nascer e já vai morrer?’. (...) Se eu não tivesse jogado o carro para a direita estaríamos todos debaixo do caminhão”, acredita.

Outro que diz ter visto a cara da morte é o supervisor financeiro Vagner Ferreira Pires, de 28 anos. (...) “Joguei meu carro para fora da pista, passei por cima de um canteiro lateral e fui atingido de leve por um Uno, que era arrastado pelo caminhão. (...)”, conta Pires. (EM,21/04/2005,p.25)

Portanto, como na década de 50, mesmo que em menor quantidade, as palavras ou depoimentos continuam a ser escolhidos nos anos de 2005-2006 com o intuito de

sensibilizar os leitores. Seja através do uso de termos dramáticos como “tragédia” e “caos”, seja pelo depoimento de vítimas dos acidentes, como o do pai cujo filho haveria presenciado o acidente (acima), o jornal busca envolver e comover quem o lê.

3.1.2.1.h. Combustível

O principal tema encontrado no percurso semântico figurativo dos combustíveis são descobertas e investimentos relativos aos mais diversos tipos de combustíveis e derivados, entre eles gasolina, álcool e biodiesel. Por se tratarem de descobertas científicas e inovações, os entrevistados são especialistas, entendidos no assunto, e políticos, envolvidos em projetos e investimentos na área. Não encontramos aqui personagens comuns.

“Brasil fatura com biodiesel” (14/02/2005), por exemplo, escuta o chefe de energias renováveis da AIE (Agência Internacional de Energia), Rick Sellers, que apresenta dados ao jornal (“Segundo Rick Sellers (...) o biodiesel representa apenas 2% do mercado global”), faz prognósticos sobre o futuro dos combustíveis (“como os produzidos a partir da mamona e do pequi, [que] devem crescer muito nos próximos anos”) e tece comparações entre os diferentes tipos (“Um barril [de petróleo] de US\$ 25 torna, por exemplo, a cana-de-açúcar brasileira mais barata como fonte de combustível”, afirma”).

Em relação ao biodiesel, apesar de nessa e em outras matérias o *EM* divulgar o crescimento e o potencial do combustível, no Editorial “Problemas do biodiesel” (27/06/2005) questiona as políticas de incentivo do governo e a viabilidade de pequenos agricultores fornecerem toda a produção necessária. O engenheiro agrônomo Afonso Lopes, da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) considera “difícil obter o produto básico de pequenas glebas que não usem sistemas mecanizados de preparo da terra, plantio e colheita.”. O Editorial propõe a discussão da concessão de isenção fiscal temporária também para grandes produtores.

“Ônibus com tecnologia limpa” (26/01/2005), que também trata de fontes alternativas de energia, usa como fonte o professor Paulo Emílio Valadão de Miranda, coordenador de projeto da UFRJ que desenvolveu protótipo de ônibus movido a hidrogênio. São ainda personagens, embora coletivos, a Petrobrás, que iria fornecer o hidrogênio, e a Iveco, empresa que financiou projeto semelhante na Itália.

“Petróleo avança do País” (18/06/2005) também traz um ocupante de alto posto, o diretor da Agência Nacional do Petróleo (ANP) Victor Martins, para falar sobre o aumento da participação do setor no PIB Brasileiro, “de 6,8% para 9,05% em dois anos, movimentando R\$143 bi”. “Petrobrás investe R\$ 1 bi em Minas” (25/01/2005), por sua vez, elege como personagens o presidente da Petrobrás, José Eduardo Dutra, e o governador mineiro Aécio Neves, além de seu secretário de desenvolvimento Econômico Wilson Grumer.

Era de se esperar que, em matérias nas quais especialistas fossem os principais personagens, o uso de numerais fosse recorrente. “Petróleo avança no País” (18/06/2005) traz várias informações numéricas sobre o assunto: Além dos contidos no subtítulo (aumento da participação de 6,8% para 9,05% em dois anos, movimentando R\$143 bi”), a matéria informa que entre 1997 e 2004 “o setor de petróleo apresentou uma expansão de 318,2%”, que “as áreas de extração de petróleo, gás natural e de refino (...) cresceram juntas 40,2%” e “representaram aproximadamente 87% do valor agregado do setor em 2004” e que o “barril de petróleo cru para entrega em julho fechou cotado a US\$58,47, alta de 3,34%”, entre outras informações. “Petrobrás investe R\$ 1 bi em Minas” (25/01/2005) também abusa dos números: o investimento será de “US\$407 milhões, o que representa cerca de R\$1 bilhão”, “investirá ainda outros US\$437 milhões na Regap até 2012”, “comprou 40% da Companhia de Gás de Minas Gerais”, que “prevê gastos de US\$298 milhões na construção de um gasoduto de transporte e US\$177 milhões para redistribuição”, entre outros dados.

Como em outros casos, podemos perceber também o uso de palavras, principalmente verbos, que descrevem a situação do petróleo brasileiro com euforia. É o caso de “Petrobrás investe R\$1bi em Minas” (25/01/2005), “Petrobrás amplia produção em MG” (29/03/2006), “Melhorando o desempenho” (19/06/2005) e “Petróleo avança na economia do país” (18/06/2005).

3.1.2.1.i. Outros aspectos

Alguns aspectos semânticos encontrados nos exemplares coletados em 2005-2006, apesar de não serem tão produtivos como os apontados acima se considerados separadamente, merecem destaque. Por isso, agrupamos nesta seção os que se destacaram principalmente por serem inexistentes ou inexistentes na década de 50. São eles os percursos semânticos do turismo e do lazer; do tráfego; do consumo; da segurança; do comportamento e da saúde; entre outros. Se por um lado (como apontamos no capítulo anterior), encontramos em 1955-1956 aspectos inusitados para nós, leitores de hoje, como a coluna “Informações Várias” ou os acidentes em que passageiros batiam com a cabeça no poste dependurados nos estribos dos bondes, por outro encontramos em 2005-2006 matérias que eram inimagináveis naquela época.

Muitas dessas mudanças temáticas e figurativas apareceram devido a mudanças sociais e econômicas, como é o caso das matérias sobre consumo. Na década de 50, o Brasil possuía poucas montadoras de automóveis, e comprar carros de passeio implicava quase sempre importá-los. Hoje, com várias fábricas em nosso país e com o mercado mais aberto, a oferta aumentou muito, daí um grande número de matérias jornalísticas sobre novos modelos, avaliação de desempenho, comparação entre marcas, entre outras. “Estranha no ninho” (06/03/2005) avalia um novo modelo de motocicleta da marca alemã BMW: “a nova K 1200R é uma musculosa *roadster*, que chega assombrando o mercado com um visual ousado, motor de 4 cilindros e, linha, que fornece 163cv de potência, e

muita tecnologia”. A matéria, assinada, traz os prós e contras do modelo segundo avaliação do jornalista. Não há outros personagens explícitos, a não ser coletivos (a BMW e a “freguesia”). “Omega ganha novo motor V6” (01/06/2005) ganhou nota na primeira página do jornal, onde se lê: “O Chevrolet Omega, importado da Austrália, teve ligeira alteração de estilo e passa a ser equipado com novo motor V6. Rodar macio, conforto e desempenho excelente são algumas das qualificações desse sedã. Entretanto, há falhas na ergonomia e falta item básico de segurança.”. “Vida fácil na magrela” (25/01/2006) divulga lançamento de uma bicicleta “sofisticada, com câmbio automático e suspensão controlada por computador” pela Mercedes-Benz. A matéria traz apenas um personagem identificado por nome (fora o fabricante e os ciclistas – personagens explícitos, mas coletivos): o engenheiro mecânico Luiz Esteves Fernando Celestino, que desenvolveu no Brasil protótipo também equipado com câmbio automático.

Outro tipo de matéria interessante e inexistente na década de 50 é a que traz conselhos aos leitores. São exemplos “Manual do Viajante” (09/01/2005) – subtítulo: “Férias e estradas são parceiros da moto nesta época do ano, quando as opções de destino são as mais variadas. Mas, para ir e voltar com segurança é preciso fazer um bom planejamento”; “Procurando pêlo em ovo” (12/06/2005) – subtítulo: “Carro usado com pequenos defeitos é sinônimo de despesas extras. Por isso, é bom ficar atento no momento da escolha”; “Transporte seguro” (24/01/2006) – abertura: “Na hora de contratar uma empresa de transporte escolar, os pais precisam tomar alguns cuidados.”; e “Quanto tempo dura um motor?” (25/06/2006) – subtítulo: “Evolução tecnológica aumenta durabilidade dos propulsores, que, mesmo assim, um dia chegam ao fim. Saiba quantos retíficas são possíveis nos nacionais”, entre vários outros exemplos encontrados. Como os subtítulos e parágrafos de abertura indicam, o objetivo dessas matérias é aconselhar sobre os mais diversos assuntos, daí o uso de expressões como “é preciso”, “é bom ficar atento”, “saiba”, entre outros.

Ainda dentro das matérias jornalísticas que trazem alertas e fazem recomendações aos leitores, encontramos os temas saúde e comportamento. Na primeira, são exemplo as matérias “Deixe seu carro mais saudável”, de 27/04/2005 (sobretítulo: “Alguns sistemas do automóvel precisam estar sempre em boas condições de uso para não afetarem a saúde dos ocupantes. Saiba quais são e os cuidados de que necessitam”); “Danos por excesso de ruído” (15/05/2005); “Vida dos pequenos em risco” (26/01/2005) – “muitas crianças ainda são transportadas de forma inadequada nos veículos”; e “Ilegal e assassino” (19/03/2005), sobre “banco que aumenta a capacidade de passageiros em picape com cabine estendida”. Todas essas matérias trazem conselhos aos leitores e alertam sobre diversos riscos envolvidos, alertas esses sempre balizados por profissionais e especialistas. No último exemplo que citamos anteriormente, “Ilegal e assassino” (19/03/2005), o presidente da Associação Brasileira de Engenharia Automotiva (AEA), Marco Antônio Saltina, dá seu parecer ““Em termos de ergonomia, não é possível alojar uma pessoa corretamente naquele espaço. Além disso, os cintos de segurança traseiros têm que obedecer a uma série de regras para serem seguros, que, com certeza, este banco não respeita’.”. Assim, o discurso do *EM* não só faz um alerta, como comprova o que diz por meio do depoimento do personagem Marco Antônio Saltina.

Em relação ao tema comportamento, encontramos matérias sobre o consumo de álcool entre motoristas (“Alerta ao motorista jovem”, 08/04/2006: “Pesquisa encomendada pelo governo estadual mostra que o consumo de álcool entre pessoas de 18 e 30 anos representa um risco a mais para o trânsito em Belo Horizonte”) e até dicas para não “ser considerado um chato no trânsito” (“Dez micos no trânsito” – 31/05/2006) ou para aprender se controlar (“Cuidado para não explodir”, de 01/02/2006: “Alterações no batimento cardíaco, mudanças na constituição da pele e insônia são alguns sintomas de estresse, que podem levar o motorista a situações de alto risco”).

Outro aspecto semântico figurativo que aparece nos jornais de 2005-2006 são novas

profissões, veiculadas no caderno D+. “Atuação em empresas de todo porte” (19/04/2005) traz informações sobre o administrador de logística, “profissional que lida com armazenagem, controle de estoque, transporte e distribuição de produtos”. O coordenador do curso de administração com habilitação em logística e varejo de uma faculdade de BH, Tueli Rodrigues Tavares, é quem caracteriza melhor a profissão e o mercado de trabalho. “Mobilidade nos centros urbanos” (25/04/2006), por sua vez, trata do especialista em transporte e trânsito, profissional de formação variada que “usa conhecimentos para atuar na área educacional ou para organizar fluxo de veículos na cidade”. O entrevistado é Antônio Prata, coordenador do curso de pós-graduação em transporte e trânsito do Cefet-MG.

Outro tema que ganha destaque é o do tráfego, especialmente problemas de engarrafamentos, como “Plano para evitar o caos” (17/05/2006), que divulga “projeto de emergência para conter congestionamento e dar fluidez ao trânsito da capital, em caso de grandes manifestações, acidentes e eventos inesperados”. Outros exemplos: “Polícia proíbe caminhões em Nova Serrana” (07/01/2005), “Timóteo proíbe tráfego pesado” (01/03/2005), “O dia em que BH parou” (05/03/2005), “À espera dos sinais inteligentes” (31/05/2005), “Lei contra tráfego pesado” (01/06/2006), “Retorno calmo nas estradas” (06/03/2006), “Mais de um milhão deixam BH” (01/01/2006).

Por fim, vale ressaltar as colunas “Aviação”, de Antônio do Nascimento, e “Papo de Roda”, de Boris Feldman, que trazem, aos sábados, no caderno “Veículos”, comentários dos dois colunistas sobre assuntos ligados a aviação e a automóveis. Na coluna “Ganhamos todos”, de 04/06/2005, Antônio do Nascimento elogia o projeto da Linha Verde, dizendo que a obra “embelezará a cidade, agilizará o tráfego urbano e diminuirá o tempo de acesso ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves”. Boris Feldman, em “Pé direito” (21/01/2006) elogia o novo diretor do Denatran por “proibir o uso de pneus reformados em motos”.

3.1.2.2. Aspecto interdiscursivo: silenciamento

Apesar de o discurso do *EM* ter incorporado personagens que não fossem políticos ou pessoas de destaque, entrevistados quase com exclusividade há 50 anos, não podemos desconsiderar que todo discurso (inclusive o jornalístico) ressalta alguns discursos e silencia outros, num constante jogo de aproximação e distanciamento. Assim, apesar de o discurso jornalístico contemporâneo apregoar que é necessário ouvir todos os lados envolvidos em uma matéria, como atesta o *Novo Manual de Redação da Folha de S. Paulo*, sabemos que não é exatamente isso o que acontece.

Todo fato comporta mais de uma versão. Registre sempre todas as versões para que o leitor tire suas conclusões. Quando uma informação é ofensiva a uma pessoa ou entidade, ouça o outro lado e publique as duas versões com destaque proporcional. Se a versão ofensiva aparece em título, publique a do outro lado também em título ou pelo menos em linha-fina. Dar destaque proporcional é, por exemplo, dedicar para o outro lado um box de uma coluna dentro de um texto de três colunas. A resposta a uma acusação, crítica ou opinião divergente jamais deve ser ocultada no final de um texto ou omitida. (*FOLHA DE S. PAULO* - Novo Manual da Redação, 1996).

O percurso semântico figurativo das obras pode nos ajudar a exemplificar o que afirmamos acima. Mostramos uma série de matérias que trouxeram, como tema principal, a construção da Linha Verde, obra do governo estadual de melhoria do acesso ao aeroporto de Confins. Em seu portal (www.mg.gov.br), o governo anuncia a obra, que teve início em novembro de 2005, como o “mais amplo complexo de obras viárias para Belo Horizonte e Região Metropolitana das últimas décadas, com forte impacto econômico e social na capital e nos municípios de sua área de influência.”. A obra é também apontada como “contribuição fundamental” para a solução de problemas de transporte e trânsito em BH: “A construção da Linha Verde vai dar uma contribuição fundamental para ajudar a resolver os graves problemas de transporte na Região Metropolitana de Belo Horizonte.”. Além disso, “o estímulo ao desenvolvimento econômico, o impacto social e a melhoria efetiva da

qualidade de vida da população são as bases desse planejamento.”. O discurso do governo, portanto, é que a obra beneficiaria cerca de “3 milhões de pessoas em BH” e ajudaria a resolver sérios problemas relacionados ao transporte. É exatamente este o discurso reproduzido pelo *EM*. Não encontramos, entre as matérias jornalísticas, sequer uma que questionasse as obras ou a necessidade, por exemplo, de um meio de transporte público mais eficiente ligando o aeroporto ao centro da cidade. Tais aspectos são silenciados, assim como outros grupos, como a oposição, que pudessem questionar o discurso governista.

Em “Acordo acerta preço do táxi” (11/03/2005), no percurso semântico dos custos, tarifas e preços, sobre a tarifa dos táxis de BH ao aeroporto de Confins. Com exceção dos passageiros, o *EM* buscou ouvir todas as autoridades e órgãos envolvidos no controverso assunto. “Táxi quer cobrar mais” (01/04/2005), sobre a mesma temática, conta, como personagens, com o presidente do Sindicato dos Condutores Autônomos de Belo Horizonte (Sincavir), Dirceu Eugênio dos Santos, o DER e a BHTrans, que aparecem como personagens coletivos. A matéria não ouve nenhum passageiro, a não ser em sua continuação (“Leia mais sobre táxi – página 22”). Neste desdobramento, “Terminal causa polêmica”, passageiros e moradores têm chance de falar, mas em vez das tarifas, discute-se o terminal de ônibus e táxis, instalado na avenida Álvares Cabral, com destino a Confins. O tema, portanto, é outro.

“Paralisações continuam” (31/03/2005) trata de uma ação movida por um sindicato patronal contra um de trabalhadores. O Sindicato das Empresas de Transporte Metropolitano (Sintran) entraria, no dia de circulação da matéria, com pedido de dissídio coletivo contra o Sindicato dos Rodoviários de Belo Horizonte e região metropolitana, alegando que a paralisação seria descabida. São ainda personagens o juiz Sebastião Geraldo de Oliveira, que “propôs a suspensão de qualquer tipo de paralisação”, e o bombeiro hidráulico Lourival de Souza, “obrigado a faltar o trabalho”. A matéria dá voz ao

Sintran, mas apenas cita o Sindicato dos Rodoviários, não dando chance à entidade de se defender.

Logo, apesar de o discurso jornalístico difundir, nos dias de hoje, o quanto é importante ouvir os lados envolvidos ou “todas as versões”, como sugere o “Novo Manual de Redação da Folha”, podemos perceber, a partir dos exemplos acima, que não é exatamente isso o que acontece. Grupos de personagens são silenciados para que os leitores só escutem o lado que interessa ao jornal divulgar ou, mesmo que sejam ouvidos, a eles não é dado o mesmo espaço ou destaque que aos grupos/discursos defendidos pelo discurso do *EM*. Vale ressaltar, como afirmamos no *Capítulo 1* (em *1.4.5. Outros aspectos da produção jornalística*), que para nós essa e outras distorções em um texto jornalístico não são involuntárias, mas motivadas por razões das mais variadas, entre elas as econômicas.

3.1.2.3. Aspectos tanto intra quanto interdiscursivos: relação entre explícitos e implícitos

Na relação entre explícitos e implícitos, o leitor é o responsável por construir inferências (identificar implícitos) a partir daquilo que foi trazido pelo jornal (o explícito), como apontamos no capítulo anterior. “Canteiro de obras e promessas” (02/01/2005), por exemplo, trata das promessas de obras para 2005 e de outras que ficam só no papel, como mostra o subtítulo (“Como acontece a cada novo ano, o momento é ideal para renovar sonhos (...) mas boa parte das propostas permanece no campo das idéias”). A matéria traz como promessa as obras de revitalização do centro de BH, informando sobre o projeto de transferência dos camelôs para os shoppings populares. Esses trabalhadores são citados explicitamente na matéria jornalística, mas fica implícita a temática do trabalho informal nos centros de grandes capitais. O assunto, de grande importância em um país como o

nosso, em que o número de empregos sem carteira assinada ainda é grande, preocupa autoridades e freqüenta diariamente as páginas da mídia, mas nessa matéria aparece apenas como uma informação implícita a ser inferida a partir do explícito “camelôs”.

“Corrida para cumprir metas” (02/01/2005) é outra matéria que trata das promessas da prefeitura. Descritas e analisadas no interior do *box* “Dez promessas para Belo Horizonte”, são classificadas como “Promessa não cumprida”, “Promessa que começa a ser cumprida”, “Promessa cumprida, em parte”, “Promessa quase cumprida”, “Promessa adiada”, “Promessa em atraso” e “Eterna Promessa”. Cada obra citada no quadro é explicada, trazendo a matéria os motivos de atrasos e adiamentos, o que não impede o leitor de realizar algumas inferências. Em relação à obra de duplicação da Avenida Pedro II, por exemplo, apesar de o *EM* afirmar que a desapropriação já foi iniciada, a classificação da obra como “Eterna Promessa” diz implicitamente que a obra demorará muito para ser concluída. Assim, apesar de o jornal dizer que a obra já “saiu do papel”, o leitor a associa ao adjetivo ‘eterna’, passando a não acreditar em seu término.

No percurso semântico figurativo das reivindicações, greves e outras manifestações, o discurso do *EM* deixa implícito seu posicionamento ideológico, ora a favor das manifestações, ora a elas contrário. Como mostramos anteriormente, é possível encontrar, em várias matérias, manifestações e paralisações associadas com a luta de uma classe, associação que contribui para legitimar esses movimentos. Tais manifestações deixam de ser simples “agitações”, como o próprio discurso do *EM* as classificaria na década de 50, para adquirirem essa legitimidade. É o que podemos perceber no parágrafo de abertura de “Moradores querem a volta do trem de ouro”, de 04/01/2005: “Após quatro anos de luta para recuperar o seu patrimônio ferroviário, os moradores do município de Santa Bárbara, a 112 quilômetros de Belo Horizonte, começam a ver uma luz no fim do túnel” e em “Norte de Minas luta pela volta do trem” (11/04/2005) (termos grifados por nós).

Já “Paralisações continuam” (31/03/2005) deixa implícita, subentendida a discordância do jornal com o movimento de paralisação dos rodoviários. Ao tomar o depoimento do bombeiro hidráulico Lourival de Souza e afirmar que ele fora “obrigado a faltar o trabalho” a matéria deixa implícito que quem o “obrigou” a faltar foram os rodoviários, sendo a paralisação, nesse caso, tomada em aspecto negativo.

3.2.3. Aspecto interdiscursivo: oposições interdiscursivas

3.2.3.1. Oposição /progresso/ x /atraso/

Assim como na década de 50, em 2005-2006 podemos perceber um duplo posicionamento no discurso do *EM*, ora enaltecendo ações governistas, ora denunciando irregularidades e o desrespeito com a população e o patrimônio.

No percurso semântico dos meios de transporte, muitas matérias jornalísticas divulgam mudanças consideradas positivas em diversos meios, enquanto outras revelam fatos não tão otimistas. Essa oposição pode ser percebida nas matérias “O morro já não anda a pé” (19/02/2005), que noticia a implantação de microônibus em favelas, e “Pesquisa revela que brasileiro anda a pé” (12/03/2005), que divulga relatório do Ministério das Cidades e da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP) apontando que “35% da população [brasileira] se desloca a pé, 32% de transporte público, 28% de automóvel, 3% de bicicleta e 2% de moto”. A primeira matéria, divulgando projeto implantado pela BHTrans, aponta para o progresso e para a melhoria do transporte coletivo junto a classes socioeconomicamente desfavorecidas. Já a segunda denuncia, implicitamente, que a maioria dos brasileiros não tem acesso aos meios de transporte coletivos ou individuais, provavelmente por dificuldades financeiras, e que, por isso, desloca-se a pé.

Várias outras matérias que tratam de mudanças possuem tom eufórico, deixando transparecer um discurso de exaltação ao progresso. É o caso de “Confins sem susto”

(14/03/2005) e “Confins passa no teste” (15/03/2005), que trataram das mudanças da maioria dos vôos de Belo Horizonte para o aeroporto de Confins, e “Céu aberto para o interior” (10/04/2005), que tratou da implementação de novos vôos da capital para o interior do estado. Sobre a mudança envolvendo Confins, ação do governo Aécio Neves, é interessante perceber que o jornal pouco discutiu aspectos desfavoráveis da mudança, abordando, na maioria das matérias, aspectos positivos.

O atraso, por sua vez, também ganha espaço em matérias como “Novela da Varig continua com novos atores” (24/06/2006). No quadro Análise da Notícia, o jornalista que o assina afirma que a vantagem de toda a confusão com a Varig é “trazer à tona aspectos do atraso brasileiro em relação às economias competitivas.”. Dessa vez, portanto, o discurso que enfatiza o atraso aparece explicitamente.

A mesma oposição aparece no percurso semântico das obras. No entanto, a grande maioria das matérias exalta o progresso em detrimento do atraso. A obra da Linha Verde, como também já ressaltamos, é outra obra tratada apenas em seus aspectos positivos, como em “Projeto anima população” (26/05/2005), “Obra para corrigir gargalos” (27/05/2005) e “Um passo rumo à Linha Verde” (22/06/2005), todas manchetes otimistas.

No percurso semântico da política e da legislação, novas leis são divulgadas, na maioria das vezes, como avanços. “Novas regras para renovar habilitação” (16/06/2005) e “A volta por cima no trânsito” (21/05/2006) tratam das novas condições para renovar a carteira de motorista, entre elas a obrigatoriedade do curso de reciclagem. As matérias mostram motoristas otimistas com as novas regras e a elas favoráveis, deixando de lado personagens contrários à mudança.

O último percurso semântico que parece ter a oposição /progresso/ x /atraso/ como central é o dos combustíveis. “Brasil fatura com biodiesel” (14/02/2005), “Ônibus com tecnologia limpa” (26/01/2005), “Petróleo sobe” (08/01/2005), “Petrobrás investe R\$1bi em Minas” (25/01/2005), “Petrobrás amplia produção em MG” (29/03/2006),

“Melhorando o desempenho” (19/06/2005) e “Petróleo avança na economia do país” (18/06/2005) são alguns dos títulos que divulgam avanços do nosso país, seja por meio de descobertas, como é o caso do biodiesel, seja por investimentos, no caso da Petrobrás.

3.2.3.2. Oposição /mais poderosos/ x /menos poderosos/

Assim como na década de 50, em alguns percursos semânticos, a principal oposição é a entre o discurso relatado dos empresários, proprietários dos meios de transporte, e o dos usuários, entre eles estudantes e trabalhadores. No percurso semântico dos custos, tarifas e preços, a matéria “Qualificação eleva despesa” (29/05/2005) enfoca os gastos que trabalhadores têm com educação, vestuário e transporte, afirmando que “Andar de ônibus é um dos custos mais elevados.”. “Táxi quer cobra mais” (01/04/2005), “BH lidera alta da inflação” (25/01/2006) e “Metrô mais caro 37,5%” (21/02/2006) também são matérias que colocam de um lado os trabalhadores / consumidores e de outro os detentores dos meios de transporte, sendo que os primeiros sofrem com altas de preços e são retratados pelo jornal como oprimidos pela situação econômica. Até mesmo ao governo cabe esse papel de opressor, como mostram “BHTrans amplia rotativo” (28/04/2006) e “Detran reajusta taxas em até 42,8%” (04/01/2005), matérias em que os órgãos públicos aparecem como “exploradores” da população.

Algo semelhante acontece no percurso das reivindicações, greves e outras manifestações. Na luta entre trabalhadores / estudantes e donos dos meios de transporte, apesar de escutar os dois lados na maioria das vezes, parece haver uma tendência do *EM* a priorizar o discurso patronal, como podemos ver em “Paralisações continuam” (31/03/2005), matéria que, como já ressaltamos anteriormente, dá espaço ao Sintran e a seus dirigentes, mas apenas cita o Sindicato dos Rodoviários, não lhes dando chance de se defender.

3.2.3.3. Oposição /denúncia/ x /conformismo/

Assim como na década de 50, no percurso semântico figurativo das queixas e denúncias, o discurso do *EM* assume papel de denunciante e coloca-se a serviço da comunidade. É o que acontece nas matérias “À espera do dinheiro federal” (10/01/2005), “Trilhos somem em meio ao descaso” (16/01/2005), “A longa agonia da RFFSA” (19/01/2005), “Perueiros ganham fachada” (02/03/2005), “Frota tem reforço de luxo” (09/02/2005) e “Golpe da placa azul” (24/04/2005), entre outras.

É o que também podemos perceber no percurso figurativo dos acidentes. Matérias como “Imprudência mata 32 em rodovia em SP” (24/01/2006), “Saldo trágico nas estradas de Minas” (23/04/2005), “Tragédia no fim das férias” (13/02/2006), “Tragédias fora da estrada” (02/03/2006) e “Morte e medo na pista” (21/04/2005) parecem ao mesmo tempo alertar motoristas para graves acidentes e denunciar ou o estado ruim de muitas rodovias e estradas, o que acontece na maioria das matérias, ou falhas humanas (como em “Imprudência mata 32 em rodovias de SP”).

Já o conformismo no discurso do *EM* pode ser encontrado, por exemplo, em matérias jornalísticas que anunciam obras e mudanças sem questioná-las. Como mostramos na oposição /progresso/ x /atraso/, várias matérias do *EM* que tratam de mudanças exaltam o progresso. É o caso das que trouxeram como tem principal a mudança da maioria dos vôos para o Aeroporto de Confins, como “Confins sem susto” (14/03/2005) e “Confins passa no teste” (15/03/2005). O discurso do jornal não aborda aspectos desfavoráveis da mudança, apenas aspectos positivos. Não há, portanto, denúncias de irregularidades, de mau uso de verbas públicas ou simplesmente qualquer discussão por parte do discurso do *EM* que pudesse apontar outras possibilidades ou ao menos escutar personagens insatisfeitos (como seria o caso, por exemplo, de comerciantes instalados no

Aeroporto da Pampulha ou de usuários que reclamassem da distância do aeroporto de Confins do centro de BH e da falta de transporte coletivo até o Aeroporto).

3.2.4 Credibilidade e captação

Como procuramos mostrar na seção 3.1.2.1. *Aspectos intradiscursivos: seleção lexical e de personagens*, é bastante comum aos exemplares do EM de 2005-2006 o uso de numerais, gráficos e outras informações precisas para dar credibilidade às matérias. É o que acontece, por exemplo, no percurso semântico dos meios de transporte. “Prova de fogo em Confins” (12/03/2005) traz vários numerais envolvendo a transferência de vôos do aeroporto da Pampulha para Confins: “transferência de 120 vôos domésticos comerciais”, “de uma média de 1,2 mil passageiros (...) Confins começa a transportar uma média de 8,2 mil pessoas”, “Trinta e nove quilômetros separam o centro de BH do terminal”, “serão necessários R\$ 132 milhões para a reforma das avenidas”, “com 5 milhões de metros quadrados, Confins gerava, até ontem, 1,8 mil empregos diretos. A partir de hoje serão 3 mil postos”, entre outros dados.

Em alguns casos, o uso de numerais tem utilidade pública, buscando informar o leitor com exatidão, como em “Do ônibus para o metrô” (07/04/2006), matéria que traz todas as linhas que sofreriam integração com o metrô nas estações São Gabriel e José Candido (“5505B (Vista do Sol), 5525 A (Belmonte), 5525 B (Parque Belmonte), 5526 B (Paulo VI) (...)). Nesse caso, o intuito maior não é convencer o leitor da veracidade do que ali é trazido, mas informar-lhe, prestando-lhe um serviço.

Outros recursos usados com bastante frequência, como afirmamos anteriormente, são as infografias e gráficos, que veremos mais detalhadamente, com alguns exemplos, a seguir, no item *Diagramação: a organização formal de temas e figuras semânticas* (3.2.3.). Além de ilustrarem as matérias e facilitarem o entendimento do leitor por trazerem

vários dados resumidos em quadros e ilustrações, esses recursos também têm por objetivo a credibilidade, já que trazem, como os numerais, informações exatas, que conferem ao jornal autoridade sobre o assunto que traz em suas páginas.

Há ainda o uso de personagens, que servem tanto para convencer os leitores quanto para lhes prender a atenção. Matérias que venham acompanhadas de um depoimento podem não só causar comoção no leitor, mas tornarem-se verossímeis para ele. “Obra para corrigir gargalos” (27/05/2005), por exemplo, convoca um pedestre, um motorista e uma passageira para opinarem sobre a Avenida Cristiano Machado e região. Além de se identificar com algum desses personagens, o leitor pode acreditar que o depoimento ali trazido é verdadeiro, o que confere mais veracidade à matéria jornalística.

Por outro lado, a seleção de personagens busca também envolver o leitor, como acontece em “Perueiros avançam nas estradas” (26/01/2005), que noticia o aumento do transporte clandestino em BH. Os depoimentos do passageiro Manuel Gomes, que “viaja de van para Betim, devido ao preço da passagem”, e de um perueiro não identificado, que trabalha com transporte clandestino porque precisa “pôr comida em casa”, sem dúvida tendem a causar um efeito de comoção, já que ambos atribuem a relação com o transporte clandestino à falta de dinheiro.

Algo semelhante acontece com a seleção lexical, que não só confere credibilidade às matérias como é usada para captar leitores e prender-lhes a atenção. Como mostramos em “O dia em que BH parou” (05/03/2005), a matéria traz, em seu parágrafo de abertura, palavras impactantes, como “Belo Horizonte viveu um dia de caos na tarde e na noite de ontem, com grandes engarrafamentos na área central e em vários bairros. (...) O megatranstorno foi causado pela queda de uma árvore de grande porte”. Tais vocábulos conferem ainda maior dramaticidade à notícia, que já tinha uma carga apelativa por divulgar um grande congestionamento de tráfego.

O mesmo acontece em “Jovem morre em acidente” (07/03/2005), que noticia a

morte de um adolescente de 14 anos. A matéria traz vários adjetivos para a rua em que o acidente aconteceu, também com o objetivo de chamar a atenção do leitor: “a estreita, sinuosa e acidentada rua Patagônia”. Outros exemplos, também no percurso semântico dos acidentes, são “Imprudência mata 32 em rodovia em SP” (24/01/2006), que usa o substantivo “imprudência” e o grande número de vítimas, “32”, para causar espanto; “Saldo trágico nas estradas de Minas” (23/04/2005); “Tragédia no fim das férias” (13/02/2006); e “Tragédias fora da estrada” (02/03/2006). Como apontamos anteriormente, o parágrafo de abertura da última matéria apela para imagens sensacionalistas como “manchar de sangue” para qualificar um acidente como fatal: “Os acidentes durante o carnaval não mancharam de sangue apenas as estradas do interior de Minas. O fim do feriado prolongado também foi marcado por mortes na região metropolitana, onde oito pessoas perderam a vida em dois acidentes trágicos”.

Mas a captação pode ser feita também em tom humorado, não precisando ser, necessariamente, dramática ou sensacionalista como mostramos nos exemplos acima. “Dez micos no trânsito” (31/05/2006) é um exemplo de texto que tende a prender o leitor pelo divertimento: “Enfiar a cabeça no buraco, ficar com o rosto corado, fingir que não é o centro das atenções e o alvo do buzinaço. Pagar mico no trânsito nunca é agradável. Veja as mancadas que fazem o condutor virar motivo de chacota e de cara feia dos outros motoristas”. As expressões/palavras grifadas são bastante coloquiais, seguindo o título da matéria. “Onde o calo aperta” (30/01/2005), “Estranha no ninho” (06/03/2005), “Procurando pêlo em ovo” (12/06/2005) e “Vida fácil na magrela” (25/01/2006) são outros exemplos.

3.2. Aspectos da sintaxe discursiva

Em relação aos aspectos que concernem à sintaxe discursiva, iremos tratar neste capítulo de três principais: escolha dos tempos verbais, discurso relatado e citado e diagramação.

3.2.1. Tempos verbais

Analisaremos, novamente, o uso dos tempos verbais nas manchetes. Além de ser um dos espaços mais nobres do discurso jornalístico, como já dissemos, as manchetes dão destaque aos verbos, já que no interior da matéria eles são conjugados praticamente em todos os tempos, e no título costuma haver somente um verbo.

Nos exemplares coletados nos dois semestres de 2005 e 2006, verbos no presente são a grande maioria. Independentemente do tempo do acontecimento (passado, presente ou futuro), os verbos estabelecem uma ligação com a edição do jornal (o hoje do leitor), não com o fato ocorrido. São exemplos “Rodovias recebem R\$901 mi” (14/01/2005), “BR-381 volta a matar” (19/02/2005), “BR 262 é recuperada” (05/03/2005), “Trem atropela e mata mulher (20/06/2005), “Radares voltam às ruas de Ipatinga” (05/04/2005), “Cai a gangue do carro-forte” (10/06/2005), “Helicóptero cai e mata um” (23/01/2006), “Briga com usineiros provoca reajuste da gasolina” (22/02/2006), “Roubo de cargas perde o seu chefe” (23/03/2006), “Detran afasta acusado”(13/05/2006), “Mercado de motos cresce 33% este ano” (10/04/2006) e “Kit de gás causa polêmica” (10/06/2006), entre inúmeros outros. Podemos perceber com esses exemplos que mesmo matérias que fazem nítida referência a algo que aconteceu no passado, como acidentes, prisões ou reajustes, são anunciadas no presente.

Em meio às matérias coletadas, também encontramos alguns títulos no futuro (“BR-

381 terá R\$178 milhões” - 15/01/2005; “Motoqueiros serão orientados pela PM” - 08/05/2005) e outros no pretérito perfeito (“O Renault ficou mais invocado” - 9/3/2005; “Dois sobreviveram à queda de avião” - 03/01/2006), exceções em meio a uma maioria absoluta de verbos no presente do indicativo e, por isso, pouco representativas de características corriqueiras no jornal.

Outro uso comum, mesmo que em quantidade bem menor que o uso do presente, são os títulos nominais, como “Muita calma nessa hora” (09/02/2005), “Morte e medo na pista” (21/04/2005), “R\$200 milhões até Confins” (17/05/2005), “Pacotes de obras para as estradas mineiras” (04/05/2006), “Obra improvisada no anel” (22/03/2006), “Verba para o metrô” (14/04/2006), “A hora das hidrovias” (05/06/2006), entre outras matérias. Nesses exemplos, o discurso do *EM* enfatiza, com as construções sintaticamente nominais, aspectos semânticos, sintáticos ou figurativos.

Portanto, o que pudemos ver nesta seção (e que já havíamos ressaltado no *Capítulo I*) é que a maior parte das matérias traz, em seus títulos, verbos no presente do indicativo. Tal uso não se trata de uma tentativa de enganar o leitor, mas de criar, a cada matéria, o efeito de novidade, de atualidade. Por mais que um acidente tenha acontecido há horas e que o inquérito já tenha sido aberto, ao escrever “Ultraleve cai e mata dois homens” (27/02/2005) o discurso jornalístico acaba por resgatar o fato para o leitor, colocando-os *in praesentia*, como teoriza Mouillaud:

Inicialmente, pode-se perceber que o presente do número [edição] recobre três momentos diferentes: o presente da redação; o da publicação; e aquele da leitura. Entretanto, a diferença entre eles é apagada: pressupõe-se que essas três instancias componham apenas uma no presente da leitura. (MOUILLAUD,2002:176).

3.2.2. Discurso relatado e discurso citado

Como pudemos ver com mais detalhamento na seção sobre a seleção de personagens, também diferentemente do que acontecia na década de 50, em 2005-2006 o cidadão comum ganha destaque no discurso do *EM* sobre transporte e trânsito. Além de serem entrevistados como testemunhas de um acontecimento, personagens tidas como comuns aparecem nas matérias para as ilustrarem, para mostrar que o que ali está sendo noticiado é verdadeiro e acontece com personagens da vida real. Assim, encontramos com facilidade trechos de fala destacados entre aspas, trazendo ainda uma foto do personagem entrevistado, como nos exemplos abaixo, retirados da matéria “Metrô mais caro 37,5%”. A estudante e a aposentada são eleitas pelo jornal para, em nome de todos os usuários do metrô, reclamarem do grande aumento nas passagens:



“

Não é porque o ônibus é caro que eles têm o direito de subir tanto assim a passagem do metrô

”

■ Marina Diniz, estudante



“

O trem sempre foi a salvação dos pobres. Por que o metrô tem que custar o mesmo que os ônibus?

”

■ Geralda Luz, aposentada

(*EM*,21/02/2006,p.21)

Além das falas destacadas entre aspas, encontramos cotidianamente o discurso citado no meio das matérias, muitas vezes junto a discursos relatados. Em “Obras que não andam” (26/04/2006), o superintendente da Sudecap tem seu discurso tanto reproduzido (abaixo, em itálico) quanto relatado pelo jornal (sublinhado, também por nós):

O superintendente da Sudecap, Paulo Takahashi, afirma que a obra só deverá ser entregue no fim do mês que vem. Segundo ele, apesar de praticamente pronta, a construtora tem prazo contratual até 21 de maio para concluí-la: “A via está apta a receber o tráfego, mas não podemos exigir pressa, porque a empresa está cumprindo o cronograma”, afirma, acrescentando que a inauguração pode demorar mais: “A data certa será marcada de acordo com a agenda do Prefeito (Fernando Pimentel) e do secretário de Políticas urbanas (Murilo Valadares), que querem participar do evento. Estamos na dependência dos compromissos deles.” (EM,26/04/2006,p.23)

Essa é a forma mais comum de citação nos jornais contemporâneos. O jornal apresenta o entrevistado, parafraseia algo dito por ele e o comprova por uma citação entre aspas. Falas muito longas ou reproduzidos na íntegra são praticamente inexistentes.

3.2.3. Diagramação: a organização formal de temas e figuras semânticas

Ao contrário do que apontamos no *Capítulo 3*, em 2005-2006 a divisão de cada edição do *EM* em cadernos é bastante rigorosa. Se antes a localização das notícias só poderia ser feita por um leitor acostumado ao veículo, hoje as separações se dão de forma clara, com indicação, no topo de toda página, da respectiva Editoria: “Economia”, “EM Cultura”, “Esportes”, “Gerais”, “Internacional”, “Nacional”, “Opinião” ou “Política”. Como Suplementos, cadernos que saem com periodicidade própria e não a cada edição, o *EM* traz, ainda, os cadernos “Bem-Viver”, “Ciência”, “Agropecuário”, “D+” (voltado para o público jovem), “Direito & Justiça”, “Emprego”, “Especial”, “Feminino & Masculino”, “Guia de Negócios”, “Guia de Gastronomia”, “Gurilândia” (público infantil), “Imóveis”, “Informática”, “Pensar”, “Prazer EM Ajudar”, “Turismo”, “TV” e “Veículos”.

Cada caderno, com exceção do primeiro, que abriga várias Editorias, tem diagramação própria, que o diferencia dos demais. Assim, apesar de possuírem um padrão estético e, obviamente, jornalístico, os cadernos possuem características próprias (cor, ilustrações etc.) que falam diretamente a seu público (o “Gurilândia”, por exemplo, é bem mais colorido e ilustrado do que o “Ciência”). Em relação à primeira página do jornal, cabe a esse espaço o papel de índice: traz os temas e figuras mais importantes do dia, em destaque, sendo que todos terão desdobramento no interior da edição.

Mas não é só a distribuição das matérias no interior do veículo que mudou muito nos últimos 50 anos. Diferentemente do que acontecia na década de 50, ao abrirmos qualquer edição mais atual do *EM*, nos deparamos com um jornal ao mesmo tempo colorido e limpo. Além das fotografias, usadas quase em todas as matérias, o discurso jornalístico incorporou em sua organização formal ilustrações, tabelas e outros recursos que ajudam a “enfeitar” as páginas do jornal e a facilitar a leitura, tornando-a mais rica e dinâmica. É importante apontar que a evolução na tecnologia nos últimos tempos possibilitou melhorar, em muito, a diagramação e impressão dos jornais não só no Brasil, mas mundo afora. Entretanto, não foi só a tecnologia que sofreu mudanças nos últimos anos, mas a própria concepção espacial das matérias jornalísticas dentro do discurso da imprensa escrita. Se antes as matérias eram blocos pesados de texto, hoje trazem vários recursos que ajudam no entendimento do assunto e suavizam as páginas, tornando-as mais agradáveis ao olhar.

Nas matérias “Metrô mais caro 37,5%” (21/02/2006) e “BHTrans amplia rotativo” (28/04/2006) podemos perceber vários desses recursos formais recentes. A primeira traz, em um box¹⁸, a “Análise da Notícia”, recurso bastante comum nas edições do *EM* atualmente, que trazem comentário sobre a matéria, ou destaque de algum aspecto ou

¹⁸ Termo usado para designar informações ou textos trazidos pela matéria com destaque de uma caixa de texto (ou de fios, linhas) que o separa do resto da matéria.

mesmo um desdobramento. Esses textos são assinados e têm caráter de opinião. É como se naquele espaço o discurso jornalístico se permitisse desvencilhar da objetividade para comentar o assunto.

A outra matéria traz uma ilustração com as mudanças no estacionamento rotativo no centro de Belo Horizonte. A infografia (arte criada especialmente para a matéria) traz a imagem de um agente de trânsito, representando a BHTrans, e um mapa das ruas da região, indicando as ruas em que o estacionamento já está implantado e as ruas que sofrerão mudanças.

“Metrô mais caro 37,5%” (21/02/2006)



(EM,21/02/2006, p.21)

Recursos utilizados nas matérias
 “Metrô mais caro 37,5%” (21/02/2006) – ao lado – e “BHTrans amplia rotativo” (28/04/2006) - abaixo

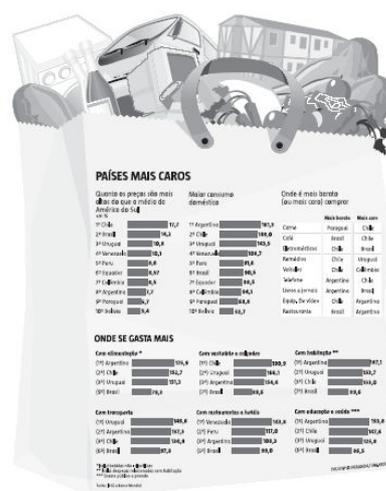


(EM,28/04/2006, p.21)

“Trânsito e mendicância” (12/04/2005) (Anexo 6) também conta com vários

recursos gráficos para ilustrar a matéria ou completar as informações por ela trazidas. São eles três *boxes*, um com a entrevista de um personagem especialista (arquiteto e urbanista e ex-secretário municipal de Planejamento urbano de São Paulo, uma espécie de retranca), outro com a “Análise da Notícia”, do jornalista Arnaldo Viana, que elogia o envolvimento da população nos problemas da cidade, e um terceiro, com a relação de todas as Associações do Movimento Defenda BH. Há, ainda, uma citação em destaque, do advogado Guilherme Siqueira de Carvalho: “Melhorar as vias de acesso aos bairros é importante para a qualidade de vida da população”, o que acaba por destacar a necessidade de obras na cidade, aspecto também ressaltado no subtítulo (“Movimento Defenda BH quer união de forças para melhorar vias de acesso aos bairros e para combater a exploração de menores como pedintes, nos cruzamentos da capital”).

“Vida no Brasil é mais cara do que nos vizinhos” (29/06/2006) traz, além do box “Análise da Notícia”, recurso citado anteriormente, uma infografia contendo representações gráficas do custo de vida em outros países, em relação à América do Sul, além de dados quantitativos (numerais) sobre os países onde mais se gasta com itens como alimentação, vestuário, transporte e habitação, entre outros.



PAÍSES MAIS CAROS

Quanto os preços são mais altos do que a média da América do Sul em %



Maior consumo doméstico



Onde é mais barato (ou mais caro) comprar

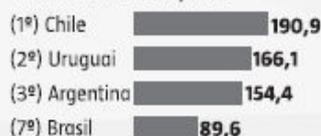
| | Mais barato | Mais caro |
|------------------|-------------|-----------|
| Carne | Paraguai | Chile |
| Café | Brasil | Chile |
| Eletrodomésticos | Chile | Brasil |
| Remédios | Chile | Uruguai |
| Veículos | Chile | Colômbia |
| Telefone | Argentina | Chile |
| Livros e jornais | Argentina | Brasil |
| Equip. De vídeo | Chile | Argentina |
| Restaurante | Brasil | Argentina |

ONDE SE GASTA MAIS

Com alimentação *



Com vestuário e calçados



Com habitação **



Com transporte



Com restaurantes e hotéis



Com educação e saúde ***



* Inclui bebidas não-alcólicas

** Inclui despesas relacionadas com habitação

*** Ensino público e privado

Fonte: IBGE e Banco Mundial

PAULINHO MIRANDA/ EMLARTES

Como podemos ver por todos esses exemplos, as matérias do discurso jornalístico são compostas por vários elementos formais, além de textos e fotografias. Os objetivos principais são destacar ou resumir dados, esclarecer algum aspecto da matéria, fazer projeções, comentários e, junto a todos esses aspectos, deixar as matérias mais “palatáveis” ao gosto do leitor moderno.

4. Conclusões

Antes de passarmos às nossas considerações finais, iremos revisitar todos os aspectos analisados nesta pesquisa para fazer uma análise comparativa entre os dois grupos de notícia que foram objeto de nosso estudo. Dessa forma, pretendemos aproximar ou distanciar as matérias jornalísticas no discurso do *EM* de 1955-1956 e as de 2005-2006 de acordo com as características levantadas em cada um dos aspectos semânticos e sintáticos escolhidos por nós. Pretendemos perceber, assim, quais foram as maiores mudanças ocorridas no discurso do *EM* nos últimos 50 anos.

4.1. Aspectos da semântica discursiva

Obedecendo à ordem em que os aspectos foram analisados, iremos primeiro comparar os dois grupos no tocante aos aspectos da semântica discursiva analisados nesta pesquisa (percursos semânticos figurativos; estratégias persuasivas: seleção lexical e de personagens, silenciamento, relação entre aspectos implícitos e explícitos; principais oposições interdiscursivas; e aspectos relativos à credibilidade e captação). O passo seguinte será comparar os aspectos sintáticos (diagramação; escolha de tempos verbais; discurso citado e discurso relatado).

4.1.1. Percursos semânticos

Retomando os percursos semânticos figurativos encontrados nas duas épocas, em 1955 e 1956, encontramos os seguintes: acidentes (357 matérias no total¹⁹); meios de transporte (202); queixas, denúncias (139); combustível (103); obras (99); reivindicações, greves, outras manifestações (48); custos, tarifas, preços (30); e política, legislação (26). Em 2005-2006, temos, como percursos semânticos mais frequentes nas matérias jornalísticas: outros aspectos (turismo, consumo, tráfego, segurança, comportamento, saúde etc. – 486); queixas, denúncias (191); obras (189 – 36 só da linha verde); meios de transporte (179); acidentes (160); política, legislação (144); reivindicações, greves, outras manifestações (101); custos, tarifas, preços (64); e combustível (56).

A listagem dos percursos semântico figurativos e do número de matérias relacionadas com cada um deles permite-nos destacar basicamente dois aspectos. O primeiro diz respeito à produtividade de alguns percursos semânticos nas duas épocas. Com exceção de “outros aspectos”²⁰, que reúne vários percursos que não foram encontrados na década de 50 (ou que eram quantitativamente insignificantes nessa época), os dois períodos mantiveram os mesmos três percursos figurativos como mais frequentes: meios de transporte; acidentes; queixas e denúncias. Era de se esperar que os percursos semânticos dos meios de transporte e dos acidentes fossem bastante produtivos nos dois grupos por envolverem uma série de temáticas de grande interesse público ou de forte apelo junto aos leitores (como no caso de acidentes graves), preenchendo esses dois grupos, portanto, vários dos critérios de noticiabilidade que apontamos na seção *Fundamentação Teórica (1.4.5. Outros aspectos da produção jornalística)*.

¹⁹ Total de matérias selecionadas nos primeiros semestres de cada um dos anos, conforme ressaltado na *Introdução*.

²⁰ Por motivos de comparação, excluímos dos três percursos semânticos mais produtivos apontados acima o item Outros aspectos, selecionado no grupo de matérias de 2005-2006 com quase 500 textos sobre lazer, tráfego, consumo, segurança, comportamento e saúde, entre outros, com os quais trabalharemos agora.

O que mais nos chama atenção, sob esse aspecto, é que, na década de 50, o número de denúncias e queixas publicadas não é tão inferior ao de 2005-2006 e é superior ao número de matérias relacionadas com outros percursos semânticos, como obras, combustível, custos, política e legislação etc. Apesar de o discurso do *EM* se mostrar mais “combativo” na contemporaneidade, o que podemos inferir pelo fato de o jornal dar mais espaço a discursos não oficiais do que dava antes, não podemos, de fato, perceber uma mudança significativa. Assim, apesar de em 2005-2006 o discurso do *EM* dar voz a grupos que não eram ouvidos na década de 50, o número de denúncias não aumentou.

A outra questão tem a ver com o desaparecimento de alguns temas e o surgimento de outros, como já apontamos. Se na década de 50 o país ainda não tinha tantas montadoras e o contrabando de carros era assunto discutido nas páginas do *EM*, em 2005-2006 encontramos com facilidade matérias como “Estranha no ninho” (06/03/2005), que avalia um novo modelo de motocicleta da marca alemã BMW, “Omega ganha novo motor V6” (01/06/2005) e “Vida fácil na magrela” (25/01/2006), que divulga lançamento de uma nova e sofisticada bicicleta. Ambas as matérias promovem, portanto, veículos para serem consumidos.

Matérias que trazem alertas e fazem recomendações aos leitores também passam a ser comuns na contemporaneidade, principalmente as envolvendo saúde e comportamento, como “Vida dos pequenos em risco” (26/01/2005) – “muitas crianças ainda são transportadas de forma inadequada nos veículos”; “Illegal e assassino” (19/03/2005), sobre “banco que aumenta a capacidade de passageiros em picape com cabine estendida”; “Alerta ao motorista jovem”, 08/04/2006, que revela pesquisa mostrando que o consumo de álcool entre os jovens representa um risco a mais para o trânsito em BH; ou “Meu primeiro carro” (22/05/2005), que traça o perfil dos jovens proprietários de um primeiro veículo.

Logo, se em 1955-1956 encontramos aspectos hoje inusitados como a coluna “Informações Várias” (como apontamos no *Capítulo 2*), em 2005-2006 surgem matérias que eram inimagináveis naquela época, como as que mostramos nos dois parágrafos acima. Se, por um lado, notícias envolvendo o meio de transporte sobre trilhos eram extremamente comuns na década de 50, acidentes que encontramos noticiando que passageiros bateram com a cabeça no poste quando dependurados nos estribos dos bondes, por outro, em 2005-2006 essas notícias são raras pelo simples fato de o transporte sobre trilhos, principalmente o de passageiros, ter sido reduzido.

4.1.2. Seleção de personagens e seleção lexical

Como também já afirmamos nesse estudo, pudemos perceber que a seleção de personagens e a seleção lexical são usadas no discurso do *EM* nas duas épocas como forma de captar os leitores do jornal ou ganhar credibilidade junto a eles. No entanto, como pudemos ver nos *Capítulos 2 e 3*, essas duas estratégias persuasivas mudaram bastante em 50 anos.

Em 1955-1956, como demonstramos com vários exemplos no *Capítulo 2*, apenas personagens ilustres eram convocados a falar, entre eles políticos e ocupantes de cargos de destaque (diretores de empresas, coordenadores de projetos etc.). Personagens comuns, entre eles trabalhadores e usuários de diversos meios de transporte, aparecem em 50 apenas como personagens coletivos ou, por exemplo, vítimas de acidentes. Em quase nenhuma matéria há representantes do povo para falar desse lugar discursivo, ao contrário do que acontece em 2005-2006.

As matérias de 2005-2006 procuram sempre ilustrar o que nelas é divulgado com pessoas diretamente envolvidas na situação, o que atualmente é chamado de “personagem”. Assim, pessoas comuns, cidadãos do povo, são comumente convocados

pelo *EM* para personificar um acontecimento ou para prestar testemunho ou dar um depoimento. Noticiar um acidente torna-se muito mais impactante se a vítima for ouvida e contar a sua versão, o que não acontecia na década de 50, quando os boletins de ocorrência pareciam ser as fontes mais costumeiras dos jornalistas.

Basta compararmos “Um morto e dois feridos num choque de veículos” (31/01/1956), matéria em que a narrativa é toda construída em terceira pessoa (“Um jovem morreu e dois outros ficaram feridos em grave acidente de transito (*sic*) verificado à noite na estrada dos Borges, à à (*sic*) altura do quilometro 12. A caminhonete de placa 7-15-84, dirigida por José Rocha Silveira (...)”) com “Atropelamento faz três vítimas sobre a calçada” (10/01/2005), que traz depoimentos de testemunhas (“Segundo o taxista, ele perdeu o controle do carro depois que foi atingido na lateral (...): ‘Foi tudo muito rápido e não deu para evitar o atropelamento, já que meu carro foi jogado em direção ao ponto de ônibus’, contou José Luiz”).

Quanto à seleção lexical, também pudemos perceber uma grande mudança com o passar de 50 anos. Em 2005-2006, numerais, gráficos e tabelas são usados não apenas para resumir informações, mas para, por exemplo, fazer projeções, que funcionam mais como uma análise do que como a notícia propriamente. É o que acontece em “Qualificação eleva despesa” (29/05/2005), que apresenta gráficos projetando como ficaria o Imposto de Renda (IR) caso fosse permitida a dedução dos custos para trabalhar (roupas, calçados, cursos, transporte etc.).

Essas informações exatas são usadas como fator de credibilidade, enquanto vocábulos impactantes são usados para envolver o leitor, seja para comovê-lo (como em “Artérias levam País à UTI”, de 23/04/2005, que compara o “estado deplorável das estradas brasileiras” a um paciente grave, internado em uma Unidade de Terapia Intensiva), seja para entretê-lo (como no exemplo “Dez micos no trânsito”, de 31/05/2006: “Enfiar a cabeça no buraco, ficar com o rosto corado, fingir que não é o centro das

atenções e o alvo do buzinaço. Pagar mico no trânsito nunca é agradável. Veja as mancadas que fazem o condutor virar motivo de chacota e de cara feia dos outros motoristas”).

Na década de 50, o uso de numerais não era freqüente, e a credibilidade das matérias estava muito mais ligada às fontes consultadas do que às informações exatas que o intradiscorso trazia (aspecto que retomaremos mais à frente no item 4.1.6. *Credibilidade e captação*). Essas fontes eram reproduzidas fielmente nos textos, o que resultava em jargões médicos, como “sofreu traumatismo cranio-encefálico, com fratura exposta do parietal” (“Dramático acidente” - 24/05/1956), ou mesmo em informações como em “Atropelada uma senhora pela caminhonete” (26/01/1956): “O motociclista Celestino, do Serviço Estadual de Transito, esteve no local colhendo dados para o relatório que apresentou ao plantão Américo Vitor”.

Além desse tipo de informação, era comum à época o uso de vocábulos dramáticos, exagerados, inclusive com construção gramatical diminutiva, usados para chocar e sensibilizar os leitores, como “Locomotiva matou a velhinha surda”, de 07/06/1956, e “Criancinha esmagada por um caminhão”, de 23/05/1956, entre outros exemplos como os que trouxemos no *Capítulo 2*.

4.1.3. Silenciamento

Como já apontamos em várias outras oportunidades, a última delas na seção acima, em 1955-1956 o discurso jornalístico do *EM* pretere cidadãos comuns como personagens, priorizando, na grande maioria das vezes, políticos e demais personagens considerados importantes à época. A população acaba sendo apenas citada, quando isso acontece, e o mais comum é que não haja espaço para personagens desse grupo se pronunciarem.

Mas não é só o discurso do povo o silenciado. Como procuramos mostrar, o discurso da oposição também é abafado nas matérias da época. Obras e benfeitorias dos governos municipal, estadual e federal são citadas, mas nenhuma delas é questionada. Muitas vezes, matérias de denúncia deixam em aberto quem seria o responsável pelo fato denunciado, justamente para não acusar nenhum dos governos envolvidos.

Apesar de a população ganhar espaço no discurso do *EM* em 2005-2006, o jornal continua a calar a oposição. Um exemplo que usamos e que nos ajuda bastante a entender essa questão é do percurso semântico das obras, a construção da Linha Verde, obra do governo estadual de melhoria do acesso ao aeroporto de Confins. O discurso do governo, ao qual tivemos acesso no site www.mg.org.br, é reproduzido pelo discurso do *EM*, e a obra é “adotada” pelo jornal como grande solucionadora de problemas de tráfego na capital. Não há matérias que questionem qualquer aspecto relativo às obras, nem mesmo que cogitem outras soluções (como a melhoria do transporte público).

A exceção nos dois períodos parece ser mesmo o percurso semântico figurativo das queixas e denúncias. Os silenciados ganham voz, como vimos, por exemplo, em “Buracos nas ruas” (03/02/1956), em que o motorista Euclides Barbosa Cunha, questiona “o motivo pelo qual a prefeitura suspendeu o serviço de conserva das vias públicas”, e em “Patrimônio abandonado” (19/03/2006), que traz depoimentos de vários moradores

(comerciantes, “viúvas da seca”, lavradores) que viram suas cidades e povoados empobrecerem com o abandono das linhas e estações de trem.

4.1.4. Explícitos x implícitos

Na relação entre explícitos e implícitos, o discurso jornalístico faz referência explícita a um tema ou figura semântica, mas cabe ao leitor estabelecer as ligações entre este (o dito) e os desdobramentos dele, que ficam implícitos - subentendidos ou pressupostos. Nesse aspecto não foi possível ver uma mudança clara entre as duas épocas, já que implícitos, sejam eles mais sejam menos trabalhados linguisticamente, são inerentes a todo discurso. Assim, nos dois grupos levantamos exemplos que nos mostraram algumas inferências possíveis de serem feitas a partir das matérias jornalísticas que encontramos.

Na década de 50 pudemos ver, por exemplo, que no percurso semântico figurativo das obras o número de matérias envolvendo figuras semânticas rodoviárias (asfaltamentos, aberturas de estradas, construções de pontes etc.) foi maior que o relativo a ferrovias. Fica implícito, nessa comparação, que houve prioridade ao meio de transporte rodoviário, em detrimento a outros meios.

Outro percurso semântico que exploramos nas relações entre explícitos e implícitos foi o das reivindicações, greves e outras manifestações. O substantivo ‘agitadores’ e a locução verbal ‘tentam levar’, no título “Agitadores tentam levar os motoristas a greve” (28/04/1955), por exemplo, apontam para um posicionamento ideológico no discurso do *EM*, já que, implicitamente, o jornal condena a greve e acusa os manifestantes (‘agitadores’) de praticamente forçar os trabalhadores a pararem de trabalhar, contra a vontade deles. O mesmo acontece em “Depredação de bondes e ônibus também em S. Paulo” (07/06/1956), matéria que afirma que “o DOPS está envidando esforços para alijar do meio dos manifestantes elementos que se aproveitam dessas circunstâncias para

explorações políticas.”. Como no exemplo anterior, os termos aqui sublinhados por nós deixam subentendida a posição ideológica no discurso do *EM*, contrária às manifestações.

Assim como em 1955-1956, em 2005-2006 várias matérias jornalísticas apontam para implícitos subentendidos ou pressupostos, desdobramentos cuja construção por inferência cabe ao leitor. Mostramos um exemplo de desdobramento com a matéria “Canteiro de obras e promessas” (02/01/2005), que traz como promessa as obras de revitalização do centro de BH, informando sobre o projeto de transferência dos camelôs para os shoppings populares. Esses trabalhadores são citados explicitamente na matéria jornalística, mas fica implícito o tema do trabalho informal nos centros de grandes capitais.

No percurso semântico das reivindicações, greves e outras manifestações, a exemplo do que vimos em 1955-1956, o discurso do *EM* também deixa subentendido seu posicionamento ideológico em 2005-2006. Na “Análise da Notícia” de “Trânsito e mendicância” (12/04/2005), por exemplo, o jornalista Arnaldo Viana elogia o envolvimento da população e usa termos que incentivam essa participação: “Envolvimento. Era o que faltava. (...) Todos nós temos uma parcela de responsabilidade pra com o lugar que escolhemos para viver. (...) E, diante das grandes questões, nostros avós já diziam que duas cabeças pensam melhor do que uma”. Os termos grifados, entre eles verbos conjugados na primeira pessoa do plural, tendem a causar nos leitores efeitos de participação e de indignação, sendo que o discurso jornalístico praticamente conclama os leitores para tomar parte na batalha (ficando, portanto, a favor da reivindicação tratada na matéria).

Por outro lado, em “Morte gera conflito em Vitória” (30/01/2006), que noticia protesto de rodoviários após o assassinato de um colega e confronto entre motoristas, trocadores e passageiros, o discurso do *EM* elege para falar um personagem que associa a manifestação à falta de bom senso, levando o leitor a fazer essa mesma ligação: ““Todo o sistema está parado. Apesar de ser solidária com a morte do cobrador, a população não

aceitou ficar sem transporte. Não houve bom senso por parte dos rodoviários’, afirmou Ferraz [Marcelo Ferraz, presidente da Companhia Estadual de Transportes Públicos – Ceturb].”.

“Paralisações continuam” (31/03/2005) também aponta para a discordância do jornal com o movimento de paralisação dos rodoviários quando toma o depoimento de um trabalhador e ao lado de sua foto afirma que ele fora “obrigado a faltar o trabalho”, deixando implícito que quem o “obrigou” a faltar o trabalho foram os rodoviários. Assim, por meio desses exemplos, pudemos ver que inferências podem indicar o posicionamento ideológico de um jornal, o que ficará mais claro ainda quando compararmos as oposições interdiscursivas que pudemos perceber nas duas épocas, no próximo item.

4.1.5. Oposições

Como principais oposições interdiscursivas nas duas épocas, elegemos as dicotomias /progresso/ x /atraso/, /mais poderosos/ x /menos poderosos/ e /denúncia/ x /conformismo/. Tanto nas matérias que analisamos em 1955-1956 quanto nas matérias mais atuais, de 2005-2006, pudemos ver uma tomada de posição muitas vezes clara do *EM*. Se em poucos percursos semânticos, como o das queixas e denúncias ou o das reivindicações, greves e outras manifestações, o discurso jornalístico trouxe críticas ao governo e deu voz a outros grupos, na grande maioria das matérias priorizou o discurso oficial.

Quanto à oposição /progresso/ x /atraso/, por exemplo, fica clara a predominância do suposto progresso, priorizado, como já ressaltamos antes, em um número grande de matérias. O jornal não deixa de publicar denúncias, mas o faz em uma quantidade bem menor do que a publicação de “feitos” dos governos. Foi o que mostramos na década de 50 com, entre outras, as matérias “Trilhos do progresso” (19/01/1956) e “Trabalho

intensivo e arrojado da Petrobrás na Bahia” (26/06/1956), ambas extremamente elogiosas ao governo JK.

Em 2005-2006, matérias como “Confins sem susto” (14/03/2005) e “Confins passa no teste” (15/03/2005), que trataram das mudanças da maioria dos vôos de Belo Horizonte do aeroporto da Pampulha para o aeroporto de Confins, também abordaram somente aspectos positivos da mudança promovida pelo governo Aécio Neves. O discurso do *EM* não chegou a discutir os aspectos desfavoráveis (e queixas de usuários e de comerciantes, que devem ter sido muitas) ou mesmo a questionar tal mudança.

Quanto à oposição /mais poderosos/ x /menos poderosos/, o discurso do *EM* mostra embates entre os donos dos meios de transporte, principalmente empresários, e aqueles que fazem uso deles, como trabalhadores e estudantes, confrontos representados dentro do percurso figurativo das reivindicações, greves e outras manifestações. Em 1955-1956, o jornal elege como “legítimo” o discurso patronal, como mostramos em matérias como “Entraram em greve pilotos da Panair” (16/01/1955), que traz nota-oficial da Panair na íntegra, mas não dá aos pilotos chance de se explicarem; e “O movimento paredista da Panair” (21/01/1955), que caracteriza a greve da Panair como um “traumatismo moral”.

Em 2005-2006, também encontramos várias matérias que opõem trabalhadores / consumidores aos detentores dos meios de transporte, sendo que os primeiros sofrem com altas de preços, como na matéria “Metrô mais caro 37,5%” (21/02/2006). Apesar de escutar os dois lados na maioria das vezes, parece continuar a haver uma tendência do *EM* a priorizar o discurso patronal. Foi o que pudemos perceber, por exemplo, em “Paralisações continuam” (31/03/2005), matéria que, como já ressaltamos, dá espaço ao Sintran e a seus dirigentes, mas apenas cita o Sindicato dos Rodoviários. A esses personagens não é dada a chance de se defender ou de falar em nome da categoria.

Uma exceção ao posicionamento predominantemente governista no discurso do *EM* encontra espaço no percurso semântico figurativo das queixas e denúncias, em que o jornal

abre espaço para críticas aos governos. O descaso é destacado em matérias como “O Brasil coleciona desertos por falta de transportes” (21/03/1956), “Duas obras morosas” (25/02/1956) e “Velho abuso sempre renovado” (07/03/1956), que criticam abertamente governantes e atitudes por eles tomadas (ou não tomadas). Dessa vez, portanto, no embate entre /denúncia/ e /conformismo/, o primeiro parece prevalecer. É o que também acontece em “O acidente foi provocado por dois irresponsáveis” (13/01/1956), que aponta para a irresponsabilidade dos motoristas que causaram dois graves acidentes, denunciando, portanto, esse tipo de comportamento.

Em 2005-2006, também encontramos, no mesmo percurso semântico das queixas e denúncias, o discurso do *EM* no papel de denunciador, a serviço da comunidade. Matérias como “A longa agonia da RFFSA” (19/01/2005), “Frota tem reforço de luxo” (09/02/2005) e “Imprudência mata 32 em rodovia em SP” (24/01/2006) denunciam, respectivamente, o abandono das estradas de ferro no país, a contratação desnecessária de carros de luxo para o serviço público e a irresponsabilidade de motoristas nas estradas brasileiras.

4.1.6. Credibilidade e captação

Como ressaltamos no *Capítulo 2* e no item 4.1.2. acima, a principal estratégia de captação no discurso do *EM* na década de 50 parece ser a escolha do uso de vocábulos apelativos, fortes, dramáticos, que prendam a atenção do leitor e o comovam, como os destacados nas manchetes “Caminhonete em disparada matou uma linda criança”, de 11/01/1955, “Locomotiva matou a velhinha surda”, de 07/06/1956, e “Criancinha esmagada por um caminhão”, de 23/05/1956.

A credibilidade, por sua vez, encontra respaldo na voz de personagens considerados importantes. Quando, por exemplo, reproduz um pronunciamento de Juscelino Kubitschek, o discurso do *EM* encontra respaldo na autoridade do presidente para fazer seus leitores

crerem que o que ali é tratado é verdadeiro. O mesmo acontece quando o *EM* escreve que “ali compareceu o delegado Alfredo Carneiro, de plantão na Inspetoria de Transito, o qual promoveu a remoção do corpo do infortunado motorista para o necrotério do DML” (“Choques de veículos” - 04/01/1955), informando ao leitor que o personagem responsável pelas informações é um policial, que ocupa um lugar que inspira confiança.

Já em 2005-2006, personagens não são usados apenas como uma maneira de conferir credibilidade às matérias, mas como forma de captar os leitores. Personagens comuns, usados para ilustrar as matérias, não só as tornam mais críveis aos olhos do leitor, já que os fatos são citados e comprovados com exemplos, como o sensibilizam, seja por empatia seja por identificação.

Outro recurso lingüístico bastante usado para captar leitores e prender-lhes a atenção é a seleção lexical. O discurso do *EM* continua selecionando termos chamativos, sejam eles palavras impactantes, como o substantivo tragédia e suas variações (“Saldo trágico nas estradas de Minas” - 23/04/2005; “Tragédia no fim das férias” - 13/02/2006; e “Tragédias fora da estrada” - 02/03/2006), sejam termos mais lúdicos e informais, que prendam a atenção do leitor divertindo-o (como no exemplo que já citamos “Dez micos no trânsito” (31/05/2006), que traz expressões como “Enfiar a cabeça no buraco, ficar com o rosto corado, fingir que não é o centro das atenções e o alvo do buzinaço. Pagar mico no trânsito nunca é agradável. Veja as mancadas que fazem o condutor virar motivo de chacota e de cara feia dos outros motoristas”).

A credibilidade, por sua vez, encontra respaldo no depoimento de especialistas e personagens tidos como importantes, mas também, principalmente, no uso de numerais, gráficos e outras informações precisas. Além de resumirem dados da matéria e tornarem a leitura mais fácil, esses dados podem ter utilidade pública, informando, por exemplo, sobre mudanças em linhas de ônibus, aumento de tarifas etc., ou mesmo de análise, fazendo projeções e simulações para o leitor.

4.2. Aspectos da sintaxe discursiva

4.2.1. Tempos verbais

Em relação aos tempos verbais, pudemos perceber que na década de 50 a maioria dos títulos usava verbos no passado, construindo uma relação estreita com os fatos que o discurso jornalístico noticiava. Na grande maioria das matérias, fatos que já tinham acontecido eram noticiados com verbos no pretérito perfeito do indicativo, como nos exemplos “Caminhão matou um trabalhador” (30/01/1955), “A locomotiva atirou longe o agricultor” (07/02/1956) e “Caiu do caminhão” (01/03/1956). Há também verbos no presente, como em “Entram em greve pilotos da Panair” (16/01/1955) e “Mesmo ilegal a greve continua” (29/01/1955), casos em que o discurso jornalístico parecia querer enfatizar o aspecto atual dos fatos, ressaltando que continuam acontecendo no momento da leitura, como no exemplo citado anteriormente e em “Continuam atrasando as cargas destinadas a Montes Claros” (05/02/1956). É o que também acontece com verbos empregados no futuro, em que a ênfase recai no por vir. São exemplos: “As viagens interplanetárias serão tão simples como um passeio de bonde” (27/02/1955) e “Minas ficará mais próxima do mar” (15/04/1956). Mas, na grande maioria dos exemplos, o uso do pretérito predomina.

O contrário acontece nos exemplares coletados nos dois semestres de 2005 e 2006, em que verbos no presente do indicativo são a grande maioria. Independente do tempo do acontecimento (passado, presente ou futuro), os verbos estabelecem uma ligação com a edição do jornal (o hoje do leitor), não com o fato ocorrido. Como ressaltamos no *Capítulo 3*, não se trata de uma tentativa de enganar o leitor, mas de criar, a cada matéria, um efeito de novidade, de atualidade.

Verbos no passado continuam a ser usados, mas a segunda maior ocorrência (abaixo do presente do indicativo) é de títulos nominais (ex: “Pacotes de obras para as

estradas mineiras” - 04/05/2006). Nesses casos, a ênfase parece ser no fato, sem destacar seu aspecto de acontecimento (fato no espaço/tempo).

4.2.2. Discurso relatado e discurso citado

No último aspecto relativo à sintaxe, ressaltamos, mais uma vez, que era freqüente no *EM* a reprodução, em discurso direto, dos pronunciamentos de personalidades de destaque (políticos, militares, especialistas etc.). Também é possível encontrar várias ocorrências do discurso indireto, como acontece em “De 4 e meio bilhões o déficit das ferrovias brasileiras”, de 19/04/1956, matéria que explora o pronunciamento de Juscelino Kubitschek, mas, em vez de reproduzir diretamente seu discurso, o cita em terceira pessoa.

O que julgamos mais importante ressaltar é que, tanto usando de aspas quanto parafraseando os discursos de seus personagens, o *EM* na década de 50 não dava espaço a discursos de pessoas comuns, que aparecem nas matérias, mas são personagens sem voz, como já destacamos outras vezes.

Já em 2005-2006, falas longas e discursos produzidos quase sem cortes desaparecem. A forma mais comum de citação nos jornais contemporâneos passa a ser a seguinte: o entrevistado é apresentado; parafraseia-se algo dito por ele; usa-se uma citação entre aspas para comprovação do que foi parafraseado. Isso tanto para os personagens “ilustres” quanto para representantes da população, que têm seu discurso frequentemente reproduzido, às vezes em destaque na página, acompanhados do retrato do entrevistado (como mostramos na seção 3.2.2. *Discurso relatado e discurso citado*).

4.2.3. Diagramação: a organização formal de temas e figuras semânticas

Em 1955-1956, pudemos perceber que o *EM* parece não ter uma organização formal mais rígida, impressão que se desfaz quando nos familiarizamos com o jornal. A primeira página, por exemplo, tinha a função de trazer os destaques do dia, de forma reduzida, sem desenvolver essas notas no interior do jornal. A página dois sempre trazia notícias relativas à economia; a página três, notícias de política; e a quatro, o Editorial, artigos assinados e a maioria das continuções de matérias de outras páginas, e assim por diante. Outro aspecto que chama a atenção é que o jornal traz, na grande maioria das edições, apenas dois cadernos ou “secções”, aspecto bem diferente do que encontramos hoje.

Em 2005-2006, a divisão formal de cada edição do *EM* em cadernos é bastante rigorosa. São eles: “Economia”, “EM Cultura”, “Esportes”, “Gerais”, “Internacional”, “Nacional”, “Opinião” e “Política”. Como Suplementos, o *EM* traz, ainda, os cadernos “Bem-Viver”, “Ciência”, “Agropecuário”, “D+” (voltado para o público jovem), “Direito & Justiça”, “Emprego”, “Especial”, “Feminino & Masculino”, “Guia de Negócios”, “Guia de Gastronomia”, “Gurilândia” (público infantil), “Imóveis”, “Informática”, “Pensar”, “Prazer EM Ajudar”, “Turismo”, “TV” e “Veículos”.

Além disso, o uso de fotografias, ilustrações, tabelas e outros recursos que ajudam a “enfeitar” as páginas do jornal e a facilitar a leitura tornaram-se corriqueiros. Se antes as matérias eram blocos de texto, quase sem fotografias, hoje trazem vários recursos que tornam a leitura mais agradável.

4.3. Considerações finais

Pudemos ver, a partir de vários exemplos retomados neste capítulo, que o discurso do *Estado de Minas* apresentou mudanças significativas no tocante às matérias jornalísticas que trouxe, sobre a temática transporte e trânsito, ao longo de 50 anos. Quando começamos este trabalho, já imaginávamos que as matérias teriam sofrido várias alterações com o passar do tempo. Tanto que nossa pergunta inicial não foi se haveria mudanças entre os dois grupos de notícias, mas quais seriam as principais mudanças ocorridas no discurso jornalístico do *EM*.

Nossa hipótese apoiava-se não somente em evidências jornalísticas, mas em acreditarmos, como Bakhtin (1992), que as regras do discurso são regras de um jogo não muito rígido. Além de apresentarem margem de manobras, elas podem se transformar, transformando, por conseguinte, todo discurso (entre eles, o jornalístico). Dessa forma, sabíamos que encontraríamos várias mudanças; e algumas delas, que nos pareciam mais explícitas, de fato o foram.

As mudanças relativas aos aspectos sintáticos, por exemplo, foram, em nossa pesquisa, sem dúvida as mais fáceis de serem percebidas. Na diagramação, o aumento significativo do uso de ilustrações e gráficos e a divisão cada vez mais rígida entre cadernos e editorias, entre outros, foram elementos formais que puderam ser percebidos no primeiro contato com exemplares das duas épocas. Foram diferenças que nos saltaram aos olhos.

Outros aspectos sintáticos, menos visíveis, também apontaram para mudanças importantes. Ao analisarmos aspectos referentes ao uso do discurso direto ou indireto, pudemos ver que, se antes discursos de políticos eram praticamente repetidos na íntegra pelo jornal, hoje é muito mais freqüente o uso do discurso indireto, sendo as citações bem mais curtas.

Mas, apesar de “menos visível”, esse aspecto é tão simples de detectar quanto o anterior, da diagramação. São aspectos quantitativos, aos quais temos acesso com uma simples leitura das matérias e comparações superficiais entre elas. Exemplificando o que acabou de ser dito: na década de 50, encontramos algumas matérias com citações que ocupavam várias linhas; em 2005-2006, não encontramos nenhum caso semelhante, sendo todas as citações mais curtas; podemos perceber que o discurso direto, antes comum, perdeu espaço para o discurso indireto. É uma comparação relativamente simples de ser feita. Por isso, não são essas diferenças as que consideramos mais expressivas (apesar de também serem importantes para nosso trabalho, como já ressaltamos).

As mudanças que mais nos interessaram foram as referentes aos aspectos semânticos, entre eles o relativo à captação de leitores. Se antes o discurso jornalístico precisava ser mais dramático, beirando o sensacionalismo, hoje seduz seus leitores através do uso de personagens do povo, que causem empatia ou identificação. O léxico, por sua vez, deixa de ser apelativo para tornar-se lúdico, atraente. Já a credibilidade, que antes ganhava respaldo na fala de personagens consideradas importantes, passou a ser conquistada pelo uso recorrente de numerais e gráficos. O que é dito acaba sendo “matematicamente” comprovado, ou, se não o é, os números estão ali para causar um efeito de afirmação, de veracidade.

Em todos esses aspectos houve, sim, grandes mudanças em 50 anos. No entanto, um outro aspecto que analisamos parece demonstrar que essas mudanças foram mais superficiais do que podemos imaginar. Ao pensarmos no posicionamento ideológico do discurso jornalístico, há 50 anos e na atualidade, alguns aspectos poderiam apontar para uma mudança. Na estratégia persuasiva da seleção de personagens, pudemos ver que o discurso do *EM* abriu espaço para trabalhadores, estudantes e demais cidadãos “sem poder” falarem em suas páginas. Vimos, com isso, que muitos grupos que antes eram silenciados passaram a ter voz no jornal, atitude aparentemente muito mais “democrática”

por parte do *EM* quando comparamos as duas épocas. Entretanto, ao analisarmos as oposições, pudemos perceber que o discurso do *EM*, apesar de ter ganhado uma nova “roupagem” e novas estratégias para seduzir o leitor e convencê-lo, continua priorizando os mesmos discursos que priorizava há 50 anos.

Ao levantarmos as mesmas oposições discursivas como as principais nos dois grupos de matéria jornalística, pareceu-nos bem mais claro que as mudanças no discurso do *EM* foram menos profundas do que as que julgaríamos encontrar. O discurso jornalístico, mesmo passando a ouvir os populares e lhes dando espaço em suas páginas, continua elegendo como mais importante o discurso oficial. Há um novo espaço para os grupos minoritários que não pode ser desprezado, mas no embate entre esses dois grupos o discurso jornalístico do *EM* defende o grupo do poder, político e financeiro (como no caso dos governos e empresas).

Ouvir o outro, portanto, deixa de ser uma obrigação do jornalista, como amplamente defendido pelas redações na atualidade, a exemplo do que encontramos no “Novo Manual de Redação” da *Folha de S. Paulo*²¹, para ser uma estratégia de despiste (e sedução) do leitor. Ele tem a impressão que o jornal está ouvindo todos os lados, quando, na verdade, está conferindo conotações e exposições completamente diferentes a discursos opostos.

Essas considerações, na verdade, não podem ser aplicadas ao jornal *Estado de Minas* como veículo de comunicação, já que nossa análise se restringiu à temática transporte e trânsito nos primeiros semestres dos anos 1955, 1956, 2005 e 2006. No entanto, são um forte indício para a hipótese que levantamos ao final deste estudo: as várias mudanças sofridas pelo *EM*, na temática por nós estudada em 50 anos, são pouco significativas se pensarmos que os discursos defendidos ou preteridos continuam sendo os

²¹ “Todo fato comporta mais de uma versão. Registre sempre todas as versões para que o leitor tire suas conclusões”. (*FOLHA DE S. PAULO* - Novo Manual da Redação, 1996).

mesmos. O jornal mudou sua forma de fazer notícia, em relação a aspectos sintáticos e semânticos, mas seu posicionamento ideológico manteve-se o mesmo.

6. Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail / VOLOSHINOV, Valentin (1979) [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec.

BAKHTIN, Mikhail (1992). Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Hermentina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

BARROS FILHO, Clóvis de (1995). *Ética na comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna.

CHARAUDEAU, Patrick (1994). Les conditions de compréhension du sens de discours. In: *Langage, Theories et applications em F.L.E.* Madrid: Sociedad General Española de Librería.

_____ (2004). Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Trad. Emília Mendes Lopes, Ida Lúcia Machado e Renato de Mello. BH: NAD/FALE/UFMG.

_____ (2006) [2005]. *O discurso das mídias*. Trad. Ângela M. S. Correa. São Paulo: Editora Contexto.

FARIA, Antônio A. Moreira de (1999). *Sobre Germinal: interdiscurso, intradiscurso e leitura*. São Paulo: USP (tese de doutorado).

_____ (2001 a). “Intradiscurso, interdiscurso e leitura: o caso de *Germinal*”. In: H. MARI, I. L. MACHADO & R. MELLO (orgs.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG.

_____ (2001 b). “Interdiscurso e intradiscurso: da teoria à metodologia”. In: E. A. MENDES et all (org.). *O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias*. Belo Horizonte: FALE/UFMG.

_____ & LINHARES, Paulo Tarso Frazão Soares (1993). “O preço da

passagem no discurso de uma empresa de ônibus”. In: *Análises de discursos: sedução e persuasão*. Belo Horizonte: NAPq/FALE/UFMG (Caderno de pesquisa nº 13).

FAUSTO NETO, Antônio (1991). *Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed.

_____ (1999). *Comunicação e mídia impressa: Estudo sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker Editores.

FIORIN, José Luiz (1999). Semântica e análise do discurso. In: MARI, H. et al. (Org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. BH: Carol Borges e Núcleo de Análise do Discurso/FALE-UFMG.

_____ (2001). *Linguagem e ideologia* 7ª ed. São Paulo: Editora Ática.

_____ (2005). *Elementos de análise do discurso*. 13ª impressão. São Paulo: Contexto.

GUIMARÃES, César (1999). Algumas notas sobre a interlocução entre a análise do discurso e a teoria da comunicação. In: MARI, H. et al. (Org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. BH: Carol Borges – Núcleo de Análise do Discurso/FALE-UFMG.

MACHADO, Ida Lúcia (Coord.) (2004). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Projeto de Pesquisa do Núcleo de Análise do Discurso (NAD) da Fale/UFMG. Belo Horizonte.

Manual da Redação – Folha de S. Paulo (1996). In: www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm

MELLO, Renato de (2005). Análise do Discurso e Literatura: uma interface real. In: MELLO, R. (Org.). *Análise do discurso e literatura*. BH: NAD/FALE/UFMG.

MOUILLAUD, M. PORTO, S. (Org.) (2002). *O jornal. Da forma ao sentido*. Trad. Sérgio Grossi. 2ª ed. Brasília: UNB.

Secretaria de Estado de Transportes e Obras Públicas (2007). *Linha Verde*. In: <https://www.mg.gov.br/portalmg/do/acoesGoverno?op=estruturaConteudo&coConteudo=40694>

SOARES, Maria Juliana Horta (2004). *Versões de um fato: um estudo sobre a diferença de cobertura do atentado contra a ONU, em agosto de 2003, nas revistas Época, Isto É e Veja*. (Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de título no curso de Jornalismo, do Centro Universitário de Belo Horizonte, Uni-BH. Orientador: Nísio Teixeira.) Belo Horizonte: Uni-BH, Departamento de Ciência da Comunicação – DCC, 2004.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena (1986). *Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus.

TRAQUINA, Nelson (2003). “Teorias da notícia: o estudo do jornalismo no século XX”. In: *O estudo do jornalismo no século XX*. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos.

VILAS BOAS, Sérgio (1996). *O estilo magazine: o texto em revista*. São Paulo: Summus.

WOLF, Mauro (1995). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.



(EM,03/06/1956,p.1)



(EM,16/01/2005,p.1)

ESTADO DE MINAS — Sexta-feira,

TRAVESSA O MUNICIPIO DE FASE DE GRANDE PROGR

REALIZA O PREFEITO CYRO FRANCO EXTRAORDI- NARIA OBRA ADMINISTRATIVA EM SUA COMUNA

Importantes obras publicas em execução — Solução para os problemas de abastecimento de agua e de luz — Inauguração, em setembro, da usina hidro-elétrica que servirá ao município — Realizações no campo da assistência social — A atuação do prof. Carolino de Sá á frente do Ginásio e Escola Normal Municipal — Inauguração de novo grupo escolar — Posto de higiene e assistência medico-dentaria — Praça de esportes — Visita do sr. Nely Morais á prospera comuna do Oeste mineiro

O município de São Gotardo, prospera comuna situada na Serra da Saudade, a cerca de mil e quatrocentos metros de altitude, atravessa, sob a atual administração do prefeito Cyro Franco, uma fase de grande progresso e realizações. A atividade humana encontra ali novo campo para exercer-se, e o município, grande produtor de café, possuindo colheitas que são consideradas as melhores do mundo para a região, da famosa rubiácea, tem, na verdade, feito convergir as atenções das populações daquela extensa região para as graças, principalmente, às notáveis obras públicas que a terra local está realizando.

De nova, em franco desenvolvimento, São Gotardo atrai também a sua população, hoje calculada em mais de 10 mil habitantes, sendo igualmente apreciável a sua população em crescimento, gente oriunda de todo o Estado e mesmo de outros municípios paulistas que busca a cidade, centro comercial de grande importância na zona de confluência do Oeste mineiros.

ATIVIDADES DO MUNICIPIO

Entre as atividades realizadas pelo município, destacam-se as seguintes:

RODOVIAS

Não sendo dotada de ferrovia, São Gotardo tem, no entanto, excelente rede rodoviária que a liga aos demais municípios do Triângulo e do Oeste, á Capital do Estado e ao Estado de São Paulo. As estradas municipais, ligando a sede do município aos seus dois distritos, Vila do Panchal e Santa Rosa, estão entregues ao tráfego e turmas de conserva da Prefeitura asseguram-lhes perfeitas condições de uso, durante todo o ano.

Cêrca de 15 ônibus diários, demandando numerosos municípios, passam diariamente em São Gotardo, evidenciando o grande movimento da cidade e possibilitando-lhe completo intercâmbio comercial e humano com os demais pontos do território mineiro.

RENDAS DO MUNICIPIO

O notável progresso observado no município tem feito subir, de ano para ano, as arrecadações municipais, estaduais e federais em São Gotardo, sendo mesmo bastante avultadas as somas obtidas em 1955. Naquêl ano,

Francisco Franco, escolhido presidente de larga maioria municipal, realizou um programa de obras que só ele, vale por...

iniciativa privada... trabalho do prefeito... e a bela cidade... em-se diante de perspectivas de futuro... a sua des-

valores... São Gotardo... de intelectual... prefeito Cyro... clima propício... honesto e... Prefeitura... em execução...



O prefeito Cyro Franco vem realizando grande obra de governo em São Gotardo.

(EM,27/01/1956,p.2)



(EM,25/05/1956)

ESTADO DE MINAS — Quinta-feira, 16 de Fevereiro de 1956

DR. DECIO BRITO OLIVEIRA
 Oculista
 Consultório: Rua São Paulo, 401 — Caixa 510.11 — de 2 de 5:30
 de. — FONE: 4-4150.

As águas do rio Pará tragaram o pescador
 Próximo de Sabará, uma jovem ainda não identificada também morreu afogada

Ajarlar de morrer apenas 23 anos de idade, Ildes Guimarães Rosa preferiu, aos folgados caracóis, o peixe com três espinhas. Assim, logo depois de ser revelada a sua atividade pessoal, o jovem operário seguiu viagem para Piranga a fim de acompanhar seu tio Pêlo, peixeiro de Marilândia Campos. Depois de terminado os preparativos para a pesca, Ildes saiu pela margem do rio, à procura de locais mais apropriados. No domingo, a pescaria foi feita, motivo de muita alegria no campamento. No dia seguinte, o rapaz saiu novamente à procura das pedras, seguindo, cada vez mais, rio acima. Desta vez porém, Ildes, ao passar em fundo falso da margem do rio, desapareceu levado pelas águas.

O corpo foi encontrado e removido para o Serviço Médico Legal, onde se encontra.

É ignorada a identidade da infeliz mulher.



Ildes Guimarães Rosa, que se afogou no rio Pará.

El não veio logo a seus amigos tentaram salvá-lo, mas de seu retorno à terra, porém todos os esforços foram inutilizados. Ildes era corpulento, o que dificultava o salvamento.

Até há 15 horas de ontem, o corpo de infeliz jovem ainda não havia sido encontrado. Entretanto, acham-se no local do alojamento sítios de uma granjeira do Campo de Bom Retiro desta Capital, várias populações e mergulhadores, que, orientados pelo delegado daquele município, continuam no trabalho incessante de busca.

Ildes era solteiro, pintor, filho do sr. Armando de Oliveira Rosa e de sr. Maria Guimaraes Milagres, e residia nesta Capital, à rua Granada, 116.

OUTRO AFOGAMENTO
 O segundo afogamento verificado durante o Carnaval foi de uma jovem. O acidente ocorreu no rio das Velhas, próximo de Sabará.

NA POLICIA E NO PRONTO SOCORRO
Ingeriu veneno e deixou uma carta para a esposa

Tentativa de suicídio de um ferroviário — Duas vítimas de disparos casuais — Varias pessoas feridas em agressões

Ingerido violento tóxico, suicidou-se espontaneamente no interior da casa da rua Ponte Faria, 45, onde residia, Sr. Sebastião Henrique Moreira, casado, de 33 anos de idade. O lesado deixou uma carta para sua esposa, Elizabeth Nogueira Nogueira, cujo teor não foi revelado, explicando os motivos de seu gesto. Apurou-se que Sebastião Henrique Moreira possuía afecções do alto cérebro, das faculdades mentais. A polícia removeu o corpo para o necrotério.

TENTATIVA DE SUICIDIO
 Aos últimos minutos de segunda-feira, o ferroviário José Teixeira Couto, de 45 anos, casado, residente à rua Maria Francisca, s. n., Parque da Horto, tentou suicidar-se, no interior de sua residência, ingerindo certa quantidade de ácido lútrico. O lesado foi conduzido às pressas para o Pronto Socorro e, após submetter-se a uma lavagem estomacal, que a pôs fora de perigo, retornou para a residência.

Não foi esclarecido, entretanto, o motivo do gesto impensado do ferroviário.

DISPAROS CASUAIS
 Segundo-feira última, medicaram-se no Pronto Socorro, cinco de disparos casuais de revólver, Balduino Coelho, de 24 anos, solteiro, motorista, residente em Santana dos Ferros,

e Marcos Maia, 20 anos, solteiro, telegrafista, morador à rua Inguera, 32. O primeiro deles recebeu um projétil na coxa esquerda, atingindo o segundo foi ferido levemente na mão esquerda. Ambos, após medicados, retiraram-se para suas moradias.

AGRESSOES
 Vítimas de agressões medicaram-se no Pronto Socorro durante os dias de Carnaval as seguintes pessoas:

Maria de Lourdes Alves, de 25 anos, solteira, doméstica, em trânsito pela Capital; Tarciso de Miranda Lima, de 27 anos, motorista, residente à rua Casquinha, 1.035; Antônio Pae Jorge, de 45 anos, casado, mecânico, residente à rua Conselheiro Roca, s. n.; Antônio Caporito Santo do Nascimento, de 30 anos, milite, residente à rua Talco, 118; Agnes Horta, de 28 anos, casada, motorista, residente à rua Piratinima, 41; e Ercilio Camilo de Lelis, de 24 anos, solteiro, mecânico, residente à rua Pecanha, 504.

Nenhuma dessas ocorrências foi devidamente esclarecida pela Polícia. Apenas a última das vítimas da relação acima declarada, ao ser medicada, que fora espancada por policiais.

MEDICADOS NO PRONTO SOCORRO
 Ontem medicaram-se no Pronto Socorro, entre outras, as seguintes pessoas:

— Sebastião Nogueira, 28 anos, casado, motorista, residente à rua Tundali, 75, ferido quando seu caminhão caiu numa valeta.
 — Sebastião Neves, 30 anos, casado, levedor, residente na Vila Humaitá, caiu de um bonde em movimento.
 — Jovelino Ribeiro, 48 anos, vivo, levedor, residente à rua São Paulo, n. n., caiu de um trem em marcha.
 — Arnaldo Barbosa, 22 anos, solteiro, electricista, residente à rua Ouro Fino, 306, caiu de um caminhão.

O CARNAVAL NO RIO

Menor o numero de turistas — Movimento nos hospitais

RIO, 15 (M) — Enfeitadamente 5.684 pessoas foram recebidas durante o Carnaval nos hospitais e postos médicos instalados nos bairros e subúrbios. O numero de vítimas atendidas é 31, tendo sido registradas, ainda, cinco tentativas de suicídio. As ambulâncias saíram 1.820 vezes.

O bloco do Hospital do Pronto Socorro acusa 1.677 casos, soma de 564 atendidos nos postos, dando um total de 2.241. Nesta linha, foram atendidos 48 feridos em estado de estímo, sendo 43 homens e 5 mulheres.

CONFLITO ENTRE POLICIAS
 RIO, 15 (M) — Vítimas de conflitos ocorreram durante o Carnaval na avenida Rio Branco, entre dois blocos, ficando em confronto, equipadas, as vitórias do estabelecimento comercial situado no andar térreo do edifício da Associação dos Empregados no Comércio (Aprocom) e os blocos de foliões, sendo feridas outras, inclusive algumas mulheres.

TURISTAS NO RIO
 RIO, 15 (M) — Cerca de dois mil turistas visitaram o Rio, durante o Carnaval, procedentes do exterior. O numero de estrangeiros para os festejos de Momo foi muito menor que nos anos anteriores.

INICIO DA QUARESMA
 RIO, 15 (M) — Em quase todas as igrejas do Rio, foi observado na manhã de hoje o festejo ritual de Cinzas. Terminado o rito de Momo, começou a quaresma, período de meditação e penitência que terminará depois da Semana Santa, com os jubos da Páscoa.

FFUCISASE
 de camadas para servir de areia pedras e charco. Trator à rua Montes Claros, 3087. Tel. 4-254, depois das 18 horas.

— Joana Jora Ribeiro, de 23 anos, doméstica, solteira, residente à rua 66, a Negra, 637, queimou-se com álcool.

Temos cimento para entrega, colocado em sua construção, sem frete, bastando para isso discar para 2-5534.

Dr. Leibnitz Cambráia de Alvarenga
 RAIOX 35
 Rua dos Carilhos, 244 — Ed. WALMAP — 8º — Sala 603 — Fone: 4-9024 — Horário: 7 da 9 e de 14 às 18 horas.

TERNOS USADOS — Venda de todos os tipos, desde...
CASIMIRAS CHAIM ZAC IMPORTADORA — OFERECE PARA O POVO DE BELO HORIZONTE E...

(EM,16/02/1956,p.7)

